

A Fé Não É Cega

BRUCE C. HAFEN

MARIE K. HAFEN

Agradecimentos

DECLARAÇÕES DE QUEM LEU A FÉ NÃO É CEGA

“Como eu gostaria que meus pais tivessem lido este livro antes de eu começar a ter dúvidas sobre a história e a doutrina da Igreja. Ele ensina, de maneira inteligente, como buscar respostas e aprender a lidar com elas.”

- Andrew S., 24 anos, Boise, Idaho, EUA

“Veio como uma resposta a minhas orações para me orientar na monitoração de meus filhos em meio ao labirinto de questionamentos e dúvidas que parecem bombardeá-los a cada momento.”

- Kimberly E., 46 anos, Rexburg, Idaho, EUA

“Uma leitura fascinante — senti-me entusiasmado! Adorei a explicação sobre a simplicidade que vai além da complexidade. Pude aplicá-la em minhas próprias experiências. Nunca havia pensado sobre isso dessa maneira, porém, partindo desse ponto de vista, será muito útil quando eu vier a ser surpreendido com experiências inesperadas e desafiantes.”

- Scott S., 33 anos, Trumbull, Connecticut, EUA

“Tem muito a ver comigo. É agradável e alegremente sensato e encorajador. Recebi cura espiritual ao me sentir compreendida e revigorada; isso aconteceu diversas vezes durante minha leitura do livro.”

- Elizabeth C., 20 anos, Provo, Utah, EUA

“Quando tinha 30 anos de idade, senti que estava afundando em confusão. Olhando para trás, agora entendo que eu não estava caindo, mas que meu espírito estava amadurecendo até um novo patamar. Este livro ajudou-me a criar um espaço aberto para o conflito, deixando-me repleto de esperança, permitindo que Deus se aproximasse e trouxesse paz a meu espírito.”

Paul S., 48 anos, Boise, Idaho, EUA

“Este livro me fez perceber que você não precisa temer se existe alguma coisa externa que poderia destruir sua fé. As ferramentas estão disponíveis, a ajuda divina também. Nós simplesmente precisamos nos educar para entender e saber tirar proveito desse poder. Agora, entendo melhor que a “fé lança fora o temor”. É por isso que este livro é tão importante.”

- Elizabeth M., 36 anos, Preston, Inglaterra

“A mensagem central deste livro exerceu uma profunda influência em minha vida. Ele transformou minha perspectiva de vida quanto ao evangelho. Diante desta nova e profunda descoberta, percebi que posso usar todas minhas experiências (boas e ruins) para aprofundar meu discipulado, tornando-me mais aberto para as revelações do Espírito.”

- Nathan L., 26 anos, Toronto, Canadá

“Incrível! Um esquema precioso para se entender o papel da incerteza no desenvolvimento da fé. Ajudou-me a perceber que a intimidade do conflito, da dúvida, das contradições aparentes, mesmo próximas do desespero e do temor, podem ser tijolos na edificação de vidas mais bem sucedidas.”

- Travis R., 36 anos, Fairfield, Connecticut, EUA

OBRE OS AUTORES

Bruce C. Hafen foi chamado para servir no Primeiro Quórum dos Setenta em 1996 e tornou-se autoridade geral emérita em 2010. Especializado em Direito da Família, tendo destaque internacional, atuou como reitor da Universidade Brigham Young–Idaho, Diretor da Escola de Direito da BYU e Pró-Reitor na BYU–Provo. Foi autor de dois livros que receberam prêmios de Livro do Ano da Editora Deseret: *The Broken Heart*, em 1989, e *“A Disciple’s Life: The Biography of Neal A. Maxwell*, em 2002. Recentemente serviu como presidente do Templo de St. George.

Marie K. Hafen foi professora na BYU–Idaho, na Universidade de Utah e na BYU–Provo. Ensinou sobre Shakespeare, redação, e Livro de Mórmon. Foi coautora de vários livros com seu marido, entre eles *“Covenant Hearts: Why Marriage Matters and How to Make it Last (2005)* e *“Contrite Spirit: How the Temple Helps Us Apply Christ’s Atonement (2015)*. Ela serviu na Junta Geral das Moças, no Conselho Diretor do jornal Deseret News e como diretora do Templo de St. George.

O irmão e a irmã Hafen se sentem muito gratos por serem pais de sete filhos e avós de 46 netos.

Com frequência, enfrentamos questionamentos inesperados e complexidades que podem desafiar nossa fé. *A Fé Não É Cega* oferece novos conceitos e ferramentas que ajudarão os leitores a aprender com essas experiências, em vez de se sentirem desiludidos por elas.

Os premiados autores Bruce e Marie Hafen baseiam-se em uma vida inteira de experiências servindo na Igreja, no ensino universitário e como pais ajudar os leitores a abraçar os aspectos espirituais e intelectuais do evangelho. Seu tom acessível e exemplos da vida real reconhecem questões complicadas do evangelho, mas de forma clara e gentil guiam os leitores através das etapas necessárias para trabalhar com a complexidade, desenvolver testemunhos informados e se tornarem cheios da fé que vem de conhecer a Deus.

*

*

*

Este livro, assim como nossa vida, é uma colaboração. Mas, para fins de clareza, Marie representa o “eu” no prólogo e no epílogo, e Bruce representa o “eu” nos demais capítulos.

Somos muito gratos a Hal Boyd, Eric d'Evegnee, Holden d'Evegnee, Sarah d'Evegnee, Daniel Hafen, Tom Hafen, Martha Johnson, Kevin Knight, Lisa Roper, Bud Scruggs, John Tanner, Karen Tiffiletti, Emily Watts e Jed Woodworth por suas observações nos esboços.

PRÓLOGO

“Ouça além do barulho”

De onde estávamos, observando o Wadi Qelt, um vale de rio e uma antiga estrada entre Jerusalém e Jericó, contemplávamos as áridas colinas do deserto da Judeia que se estendiam em todas as direções. Conversávamos em voz alta sobre como um mortal poderia suportar quarenta dias de jejum nesse lugar da maneira como Cristo suportou. De repente, nossos pensamentos foram afetados pelo barulho de alguma artilharia à distância. Escutando com atenção, percebemos que vinha de um campo de tiro, não tão próximo a ponto de nos ameaçar. Mas o som do tiroteio rompeu nossos sentidos espirituais e abruptamente alterou o foco daquele momento.

Quando estávamos voltando para o carro, uma amiga que viajava conosco perguntou se poderíamos ficar por ali mais alguns minutos. Nós a vimos descer um pouco mais no barranco do rio e subir de volta alguns minutos depois, ao mesmo tempo em que o angustiante som das metralhadoras soava a apenas a algumas colinas de distância. Somente quando estávamos nas margens do Mar da Galileia um ou dois dias depois foi que ela compartilhou o que tinha ouvido nas entrelinhas daqueles tiros. “Fiquei muito irritada pela maneira como aquelas armas estavam dificultando para que eu sentisse o Espírito”, disse ela. “Mas, então, ouvi um pensamento vindo daquele solo castigado, tão claramente como se alguém estivesse falando comigo: ‘Ouça além do barulho’. Ao prestar maior atenção ao que eu estava sentindo, o pensamento passou a ser uma mensagem completa: ‘Ouça além desse barulho. Eu criei essas colinas. Eu sou o Criador. Para mim, isso não passa de um ruído superficial. Posso acabar com tudo isso em um sopro. Coloquei pulsação nesta Terra. Coloquei a mesma pulsação em você. Ouça Minha voz além desse barulho ... e permaneça Comigo’.”

Falando metafórica e literalmente, nossos tempos estão repletos de tiroteios. O fogo cruzado dos dias de hoje parece constante e pode nos deixar desorientados em meio à confusão, aos conflitos e aos enigmas causados por vozes tão fortes e concorrentes. Vivemos em um mundo complexo. O caos implacável pode fazer com que a gente se sinta como um peixinho em um liquidificador nas mãos de uma criança de 3 anos.

Ao lhe oferecer este livro, não impediremos o menino de 3 anos de idade ou acabaremos o tiroteio, mas esperamos ajudá-lo a aprender a ouvir além do barulho — o barulho do mundo e o barulho dentro de você. Não estamos tentando resolver todos os problemas que você pode estar enfrentando, mas esperamos que você encontre nestas páginas um padrão de como pensar sobre suas questões e de como, ao se deparar com elas, nutrir sua fé. Esperamos ajudá-lo a acalmar o caos. Esperamos ajudá-lo a ouvir o Senhor.

CAPÍTULO 1

A fé não é cega.

Nem surda. Nem muda.

Aos 19 anos de idade, quando subi ao púlpito para discursar em minha despedida missionária, mesmo após fervorosa ponderação, fiquei travado no que era a diferença entre saber e acreditar. Eu não poderia dizer com sinceridade: “Eu sei que o evangelho é verdadeiro”. Eu sabia que algumas pessoas esperavam que eu dissesse essas palavras. Mas, em sã consciência, tudo o que eu conseguia dizer era: “Eu acredito que o evangelho é verdadeiro”. Ao notar um vaso de planta próximo, eu dizia que minha fé era como aquela planta — eu acreditava que ela cresceria.

Era costume, no final de nossa primeira semana de experiência no Centro de Treinamento Missionário, o ensino da primeira palestra missionária a nossos companheiros. Quando eu estava ensinando sobre a apostasia, um instrutor ex-missionário parou para ouvir. Ele me interrompeu para dizer: “Élder, agora é o momento para você prestar seu testemunho. Diga que você sabe que a Igreja verdadeira deve ter doze apóstolos hoje, exatamente como a Igreja original de Cristo”. Eu, educadamente, expliquei que com prazer prestaria meu testemunho a um verdadeiro pesquisador, mas naquele ambiente de treinamento era um tanto pessoal para eu dizer “Eu sei” sobre aquele assunto. Ele retrucou, dizendo: “Doze apóstolos, élder. Quero ouvir seu testemunho”. Sentindo-me um pouco chateado, eu disse baixinho: “Acredito que a Igreja de Cristo atual tem 15 apóstolos, não 12”. Ele puxou uma cadeira e perguntou: “Temos um problema, élder?”

Na sequência, felizmente, fomos interrompidos. Mas fiquei angustiado porque meu nível de crença — honesta e profunda como era — talvez não fosse suficiente para um missionário. Pensei naquelas noites anteriores à minha despedida, quando usava a chave do edifício que me fora concedida por ser o assistente do organista da estaca e entrava no Tabernáculo de Saint George por volta das 23h. Lá eu tocava o órgão de tubos do tabernáculo por cerca de uma hora a toda velocidade, cantando sozinho as canções de Sião, com apenas a minúscula luz no console do órgão brilhando naquele antigo e sagrado edifício pioneiro. À minha maneira, eu estava prestando meu testemunho, mas era um pequeno segredo entre o Senhor e eu, e que ainda estava tomando forma. Devia ter alguma coisa ali que eu “sabia”, mas o que era aquilo?

Essas memórias voltaram quando li o relato de Richard Bushman sobre seu segundo ano em Harvard, onde ásperos encontros com um ceticismo irreligioso o deixaram com a sensação de que ele se encontrava “em território hostil”. Logo, essas pressões o exauriram, até o ponto de que “o agnosticismo religioso parecia a única opção viável frente ao que sabemos com certeza”. Ele “não sabia se existia um Deus ou se qualquer das coisas em que os mórmons [acreditavam] teriam realmente acontecido”. Mesmo assim, ele aceitou um chamado para a missão. Mas, “se eu duvidava tanto,” perguntou ele posteriormente em retrospecto, “por que acabei indo?” 1

Desde então, ele “passou a acreditar que, na realidade, [seu] problema não era a fé, mas encontrar palavras que expressassem [sua] fé”. O que lhe faltava era uma “linguagem sobre o mormonismo que coubesse em uma conversa durante um jantar [em Harvard]”. Ele agora

pensa que realmente já “acreditava todo esse tempo — se não, por que havia ido para a missão? — mas [ficou] mudo, incapaz de explicar”.

Desde então, Bushman passou a vida aprendendo a se comunicar sobre religião “de uma forma que pudesse ser entendida” por um público secular, em vez de forçá-lo a “aprenderem nossa linguagem para nos compreender”. O que distingue sua escrita sobre os tópicos de história da Igreja, então, é seu tom, sua linguagem e seu vocabulário. Assim como as pessoas incapazes de distinguir sons musicais são consideradas “surdas para tons”, muitas pessoas no mundo de hoje têm dificuldade em compreender a linguagem religiosa. Assim, ele conscientemente aprendeu a escrever em um tom que o público secular pudesse ouvir. A fé não é surda.

Aos 19 anos de idade, assim como Bushman, eu não tinha palavras para expressar minha fé de forma adequada — exceto quando estava sozinho, diante de um órgão de tubos. As distinções entre conhecer, acreditar, duvidar e questionar não são de fácil solução. Elas muitas vezes não são claras, porque nossa experiência é mais ampla do que nosso vocabulário. E quando nossa fé, até então inabalável, confronta-se de repente com questões que nos deixam sem palavras, mesmo que por um momento, nossa fé pode parecer não apenas cega, mas muda. Nesse ponto, podemos desejar ter um livro do tipo Fé para Leigos — isto é, naquele momento em que nos sentimos sem palavras por causa de nossas dores de crescimento espiritual e nos perguntamos se algo está errado. Isso significaria que também somos infiéis? Provavelmente não — mas podemos necessitar de um vocabulário mais completo. Um “crescimento na fé pode ser considerado [também] um aperfeiçoamento na linguagem” 2 A fé não é muda.

Assim, como aconteceu com Bushman quando escreveu sobre Joseph Smith, minha parte deste livro acabou sendo autobiográfica. Descobri-me tentando descrever aqui minha busca pessoal por uma fé mais “conhecedora” -- perguntas que descobri e vocabulário que aprendi ao buscar respostas, um passo de cada vez.

Por exemplo, a respeito de “saber”, o élder Harold B. Lee, dos Doze, prestou um poderoso testemunho do Salvador quando visitou nossa missão. Ele citou Doutrina e Convênios 46:13–14: “A alguns é dado saber, pelo Espírito Santo, que Jesus Cristo é o Filho de Deus. (...) A outros é dado crer nas palavras deles”. Enquanto ouvia, de repente percebi que ele sabia e acreditei em suas palavras. Foi apenas um passo, mas foi algo real. Crença ou conhecimento? Um pouco de cada. Posteriormente, gradualmente fui sabendo por mim mesmo.

Logo após minha missão, um amigo próximo perguntou-me qual havia sido a coisa mais importante que havia aprendido. Com a mesma honestidade que havia contido minhas palavras em minha despedida, encontrei-me dizendo que, de alguma forma, eu agora realmente sabia que Deus era real, que Ele me conhecia e que eu tinha um relacionamento pessoal com Ele — uma realidade que tem crescido e ancorado minha alma desde então. Posteriormente, ouvi alguém chamar essa sensação aguda e pungente de se ter um relacionamento com Deus de ‘proximidade’. Quando ouvi suas palavras, entendi o que ela quis dizer e por que aquilo havia aumentado seu nível de confiança Nele.

Com o passar do tempo, descobri que “crença” e “dúvida” não são as únicas alternativas. Nem é suficiente decidir se alguém é um “mórmon conservador” ou um “mórmon liberal”, conforme será abordado mais adiante neste livro. Essas dicotomias polarizadoras não apenas atrapalham, mas também interferem no crescimento espiritual genuíno. Elas também podem impedir que pais e filhos, ou líderes e membros da Igreja, escutem um ao outro e se entendam. Muitas vezes, os jovens e outros membros fazem perguntas sinceras, mas muito

céticas — ao mesmo tempo que seus pais e líderes lhes dão respostas sinceras, mas muito severas. Isso é o que estava acontecendo em minha breve troca de ideias com aquele ex-missionário. Seria muito melhor se cada um de nós pudesse sair de sua “lacuna” e realmente se comunicar.

Quando comecei minha missão, “meu problema não era a fé, mas encontrar as palavras para expressar minha fé”. Com esse pensamento em mente, nosso propósito aqui é oferecer palavras, histórias e conceitos que esperamos descrevam um processo de fé que leva à confiança no Senhor e em Sua Igreja.

Nosso coração está com as pessoas cuja fé venha a ser abalada por informações, pessoas ou experiências que parecem lançar dúvidas sobre suas crenças. Encontrar surpresas e incertezas faz parte do processo natural de crescimento da fé. Já passamos por muitas dessas surpresas; nossa linguagem apenas reflete nossa experiência. Trabalhar em meio a tal oposição é a única maneira de se desenvolver uma maturidade espiritual autêntica e bem testada. Essa é a razão pela qual o poeta inglês John Milton não poderia “oferecer recompensa a uma virtude enclausurada — uma virtude que nunca foi provada, testada, e que “nunca enfrentou seu adversário”.³ A verdadeira fé não é cega. Em vez disso, a verdadeira fé vê e vence seu adversário.

Notas

1. J. Spencer Fluhman, Kathleen Flake e Jed Woodworth, eds., *To Be Learned Is Good: Essays on Faith and Scholarship in Honor of Richard Lyman Bushman* (Provo: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, Brigham Young University, 2017), pp. 295–306; grifo do autor.

2. Fluhman, Flake e Woodworth, eds., *To Be Learned Is Good*, pp. 295–306.

3. John Milton, *Areopagítica*, 1644.

CAPÍTULO 2

A simplicidade que vai além da complexidade

Nós nos conhecemos quando éramos alunos em uma aula de religião da BYU intitulada “Seus questionamentos religiosos”. Resolvemos nosso maior “questionamento religioso” quando nossa amizade naquela turma resultou em nosso casamento. Para cada aula, um aluno escolhia uma questão religiosa, fazia uma pesquisa sobre ela e, em seguida, conduziria um debate. Cada um de nós escrevia um pequeno artigo sobre como resolveríamos o problema.

Alguns dos alunos analisavam questões relativas à história da Igreja ou críticas a Joseph Smith. Outros optaram por questões doutrinárias e alguns simplesmente se perguntavam como viver melhor o evangelho. Foi uma bênção explorar essas questões juntos em uma atitude de confiança mútua. Nosso professor, West Belnap, que na época era o diretor de estudos religiosos da BYU, muitas vezes nos conduziu a debates. Ele queria que tirássemos nossas próprias conclusões. No entanto, ele sabia exatamente quando e como precisávamos de um oportuno empurrãozinho. Ele estava nos ensinando como ser bons alunos do evangelho, ao mesmo tempo que nos ajudava a fortalecer nossa fé nele. Esse curso nos ajudou a ver que “a fé não é cega”.

Sabemos bem o que significa enfrentar problemas que exigem profundidade tanto no pensamento quanto na fé. Poucas perguntas na atualidade são novas. A novidade é o volume de diálogo superficial em torno dessas questões, facilitado pela internet — uma ferramenta que, como todos sabemos, pode gerar tanto clareza como caos.

Na busca de um pouco de ordem nesse lado caótico, gostaríamos de compartilhar um modelo de pensamento que busca encorajar um raciocínio claro e uma escolha fiel. Quando mantidos juntos, o pensamento e a fé podem interagir, auxiliando-nos a manter nosso equilíbrio espiritual — e nos ajudando a crescer. Vamos começar dando uma olhada na tensão natural entre os ideais do evangelho e as realidades da vida.

Quando somos jovens, temos a tendência de pensar em termos de branco ou preto — há muito pouco de cinza em nossa perspectiva. E muitos jovens e jovens adultos solteiros têm o otimismo de uma criança e uma lealdade que os torna maravilhosamente ensináveis. Eles normalmente confiam em seus professores, acreditam no que leem e respondem com entusiasmo aos convites para servir na Igreja. Os recém-conversos adultos frequentemente têm uma atitude semelhante. Seu espírito alegre e sua maneira de ver as coisas são uma contribuição revigorante para sua ala ou ramo.

No entanto, com o passar do tempo, nossa experiência de vida real regularmente traz uma nova dimensão — a consciência crescente de uma lacuna entre o que é real e o que é ideal, entre o que acontece e o que deveria acontecer. Um professor de piano, explicando como a prática leva à perfeição, compartilhou esta imagem a respeito de estabelecer metas elevadas e se esforçar para alcançá-las — a qual capta a relação entre o que é real e o que é ideal: “Uma estrela longínqua/ mas não muito distante / atraindo-nos para o firmamento. / Embora nunca possamos alcançá-la, / sempre tentamos / e nessas tentativas / aprenderemos, por acaso, / a construir nossa própria órbita.”⁴ Estamos na superfície terrestre da realidade, dirigindo-nos

para o alto em busca de nossos elevados ideais. Vamos chamar de “lacuna” a distância entre onde estamos e onde queremos chegar.

Inicialmente, descobrimos, essa lacuna quando percebemos que algumas coisas sobre nós ou sobre outras pessoas não são aquilo que pensávamos que eram. Por exemplo, mesmo em uma universidade da Igreja, onde se espera um bom acolhimento, um aluno calouro pode se sentir perdido e intimidado. Ou talvez ele dê de encontro com um membro do corpo docente cujas atitudes em relação à Igreja sejam mais liberais — ou mais conservadoras — do que ele esperava.

Quando ficamos mais velhos, passamos a conhecer melhor aqueles que sempre foram nossos heróis e descobrimos suas limitações humanas. Por exemplo, talvez um de nossos pais nos decepcione de alguma maneira. Ou podemos ver um líder da Igreja se esquecer de uma reunião importante, ou perder a calma em um momento de estresse. Talvez estejamos tentando ser mais obedientes, orando por alguma ajuda necessária, mas a resposta simplesmente não vem da forma como as escrituras pareciam prometer. Como missionários recém-chegados, podemos ter uma surpresa chocante ao passar do estimulante idealismo do Centro de Treinamento Missionário para as realidades, às vezes, desconcertantes do dia a dia do campo missionário. Talvez vivenciemos um revés relacionado à nossa saúde, ou um conflito inesperado com um amigo, um parente ou alguém próximo. Podemos descobrir informações que nunca tínhamos ouvido antes sobre Joseph Smith ou Brigham Young. Ou talvez encontremos algo postado na internet que levanta dúvidas religiosas que não sabemos como responder.

Essas experiências podem produzir um sentimento de incerteza que incomoda, e podemos, compreensivelmente, desejar momentos mais simples e ansiar por tempos mais simples e fáceis. Podemos nos tornar um pouco céticos, ou começar a fazer perguntas que antes não nos haviam ocorrido. Nem todos enfrentarão essas coisas da mesma maneira, mas à medida em que crescermos em nossa consciência, muitos de nós enfrentaremos alguma forma de incerteza e oposição.

Os ensinamentos básicos do evangelho restaurado são poderosos, claros e inequívocos. No entanto, até mesmo as escrituras contêm alguma ambiguidade. Pense, por exemplo, na história de Néfi, que foi instruído a matar Labão a fim de obter um registro das escrituras de vital importância. Essa situação é carregada de incerteza até percebermos que o próprio Deus, que deu a Moisés o mandamento de não matar, também foi a fonte da instrução para Néfi.

De modo semelhante, o Salvador disse certa vez: “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles” (Mateus 6:1). Mas Ele também disse: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras” (Mateus 5:16). Outro exemplo: o Senhor disse que não pode encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância (ver D&C 1:31). Em outro lugar Ele disse: “Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11). A justiça é verdadeiramente uma lei divina, mas lei da misericórdia também é. Às vezes, esses dois conceitos podem parecer inconsistentes, até que sejam reconciliados com a doutrina superior da Expição do Salvador.

Deus nos deu princípios corretos pelos quais podemos governar a nós mesmos, mas esses mesmos princípios às vezes parecem estar em conflito. Fazer uma escolha entre duas alternativas plausíveis (dois “bens”) é mais difícil do que fazer uma escolha quando existe um contraste óbvio entre o bem e o mal. Mas aprender a fazer esse tipo de escolha é essencial para nossa maturidade espiritual.

Além disso, hoje em dia, a sociedade está repleta de crescentes dissonâncias e conflitos em uma série de questões políticas, culturais e sociais. As pessoas nos extremos dessas questões parecem muito seguras a respeito da resposta correta. Mas algumas dessas pessoas preferem estar com a razão do que estarem certas.

A vida, portanto, está repleta de ambiguidades, e aprender a administrar a lacuna entre o que é ideal e o que é real é um dos objetivos do plano mortal. Por desígnio divino, todos nós enfrentamos “oposição em todas as coisas” (2 Néfi 2:11). Como o sonho de Leí nos ensina, algumas partes da mortalidade são seguras e claras, conforme simbolizado pela barra de ferro que marca o caminho para a vida eterna, enquanto outras partes da mortalidade não são claras, conforme simbolizado pela névoa de escuridão. Mas a distância entre onde estamos no caminho e onde queremos estar na árvore da vida continua. Essa distância pode estar repleta de névoas, e aqueles que seguram a barra nem sempre conseguem ver claramente o que está à frente de si mesmos.

Vamos ver como lidar com tal incerteza. Gostaríamos de sugerir um modelo de três estágios que tem como base uma perspectiva oferecida pelo notável juiz americano Oliver Wendell Holmes: “Eu não daria um centavo pela simplicidade neste lado da complexidade. Mas eu daria minha vida pela simplicidade do outro lado da complexidade”.⁵ O primeiro estágio do nosso modelo é a simplicidade neste lado da complexidade, que é inocente e que não foi testada. O segundo estágio é a complexidade em si, a lacuna entre o que é real e o que é ideal, onde vivemos entre conflitos e incertezas. O terceiro estágio é a simplicidade que vai além da complexidade, uma perspectiva sólida e bem fundada, atenuada e testada pelo tempo e pela experiência.

Por exemplo, recentemente assistimos a uma reunião de testemunhos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entre prisioneiras na Prisão Estadual de Utah — mulheres separadas de sua família e da sociedade por causa de crimes e ofensas graves. Ao prestar seu testemunho, uma das presidiárias disse: “Quando era mais nova, eu regularmente prestava meu testemunho na Igreja. Com a voz infantil e inocente de uma menina, assim me expressava: ‘Amo minha mãe e meu pai. Eu sei que a Igreja é verdadeira. Meu Pai Celestial me ama. Jesus sofreu por meus pecados’. Porém, hoje, atrás dessas grades, digo as mesmas palavras com novos olhos e com um novo coração. Agora entendo o que aquelas palavras realmente significam — sei que a Igreja é verdadeira. Meu Pai Celestial me ama. Jesus sofreu por meus pecados”.

Ela estava descobrindo a simplicidade do outro lado da complexidade.

O desafio para os que permanecem apegados à uma simplicidade inexperiente e idealista é que sua perspectiva ainda não enfrentou verdadeiramente a realidade que Holmes chama de “complexidade”. É por esse motivo que ele não daria um centavo por um idealismo que não foi testado o suficiente, a exemplo da simplicidade ingênua.

Pessoas que ainda se encontram na simplicidade inicial do estágio um não conseguem enxergar qualquer lacuna. Elas filtram quaisquer percepções das diferenças entre o que é real do que é ideal. Para eles, a melhor coisa do evangelho é um bom aperto de mão, uma saudação gentil, e um lindo sorriso. Sua missão era a melhor do mundo, sua ala é a melhor que existe, e todo dia pode ser muito feliz. Essas pessoas alegres são otimistas e sentem-se os donos do mundo. Tormenta nenhuma os assusta.

Outros neste estágio conseguem enxergar uma lacuna, mas optam — conscientemente ou não — por ignorar os duros golpes da realidade, fingindo que venceram tudo, a despeito das inúmeras frustrações. Eles se apegam ao ideal tão obstinadamente que simplesmente não sentem o desconforto que advém de se enfrentar os fatos em torno deles, de outras pessoas, ou do mundo ao seu redor. Para eles, é possível que os questionamentos trazidos pelas lacunas sejam muito primários, levando-os a um sentimento de negacionismo que filtra a dolorosa realidade.

Quando não enxergamos a lacuna, ou nos concentramos apenas no ideal, ignorando o que é real, nossa perspectiva carece de profundidade. Se essa for nossa plataforma, a fé pode se tornar cega e superficial, porque lhe falta consciência e um meticoloso discernimento. Essas limitações podem impedir-nos de assentar nossas raízes no solo da experiência real com profundidade suficiente para formar o alicerce sólido necessário de resistência aos fortes ventos da adversidade (ver Alma 32:37–38). Criar raízes profundas exige que aprendamos a lidar com realidades desconfortáveis.

À medida que crescemos na complexidade do estágio dois, podemos enxergar a realidade a despeito de sua distância de nossos ideais — as “coisas como realmente são” (Jacó 4:13). Somente quando enxergarmos o real e o ideal, seremos capazes de lidar com essa lacuna de forma construtiva. Se não lutarmos contra a frustração que advém de nosso enfrentamento contra as incertezas, não teremos as raízes profundas da maturidade espiritual. Se não enxergarmos os problemas que existem, não seremos capazes de resolvê-los.

No entanto, apesar do valor de nos tornarmos conscientes da complexidade, a aceitação das nuvens de incertezas pode se tornar tão dominante que a barra de fé se dissipará em meio a tantas névoas, e o ceticismo poderá vir a ser não apenas uma ferramenta útil, mas uma filosofia orientadora. Uma pessoa que enxerga a vida apenas sob a ótica da complexidade geralmente ignora a contemplação mais elevada do que é ideal, concentrando-se exclusivamente no que é real. No estágio um, a pessoa inexperiente parece ter todas as respostas, mas sem conhecer ainda todas as perguntas. No estágio dois, essa mesma pessoa pode ter todas as perguntas, mas poucas das respostas. No estágio um, a fé é cega porque não tem consciência da realidade. No estágio dois, a fé também é cega quando enxerga a complexidade como o fim da jornada da fé, ao ter perdido sua visão do que é ideal. Um pouco de aprendizado, por mais valioso que seja, pode ser perigoso quando tem uma grande impressão de si mesmo. A capacidade de entender a ambiguidade, essa importante etapa em nosso desenvolvimento espiritual, não é o momento culminante da inspiração, mas apenas o começo.

Pessoas que buscam usufruir de ferramentas complexas do ceticismo às vezes as presenciam em uma sala de aula na Igreja ou em conversas com outras pessoas. Eles adoram questionar os distraídos, simplesmente procurando a bolha idealista de alguém vagueando por aí para poderem estourá-la com seu brilhante alfinete do ceticismo. Mas quando estouramos essas bolhas, podemos perder a harmonia, a confiança e a sensação de segurança que surgem apenas quando o Espírito se faz presente. Precisamos estar cada vez mais atentos às perguntas difíceis e às respostas prontas, mas sem vacilar entre a extrema inocência e o ceticismo extremo. O mundo de hoje está cheio de céticos radicais que adoram “iluminar” aqueles que estão arraigados na simplicidade idealista, oferecendo-lhes a dúvida e o agnosticismo da complexidade como uma nova forma de vida aparentemente ousada.

Certa vez aprendi que ser excessivamente realista — ficando preso à complexidade cética — pode inibir a influência do Espírito. Eu estava em minha missão na Alemanha, havia mais ou menos um ano, tempo suficiente para saber que nosso trabalho era árduo e que nosso sucesso não era grande. Fui designado para treinar um novo missionário, o élder Keeler. Certo dia, eu estava em uma reunião de liderança, e ele e outro élder conheceram uma senhora simpática batendo portas, mas eles não falavam alemão o suficiente para conversar com ela. Mesmo assim, ele disse que sentiu uma forte impressão espiritual de que um dia ela se filiaria à Igreja.

Na verdade, ele ficou tão entusiasmado que se esqueceu de escrever nome dela — ou seu endereço. Ele apenas sabia que o apartamento dela ficava no quinto andar, em meio àquela enorme área de prédios. Ele me deu certeza de que reconheceria o nome dela na porta. No dia seguinte, então, subimos e descemos escadas por horas, mas não conseguimos encontrá-la. Quando eu disse que precisávamos partir para o trabalho, lágrimas brotaram de seus olhos e seus lábios tremiam. Ele me disse: “Mas, élder Hafen, o Espírito realmente falou comigo sobre aquela mulher”. Sussurrei que talvez o Espírito estivesse dizendo a ele para escrever o nome e o endereço.

Mas, com o intuito de lhe ensinar uma lição, então fiz com que ele subisse e descesse mais escadas. Uma ou duas horas depois, nós a encontramos — Renate Wolfart. Quarenta anos depois, Marie e eu estávamos com Renate, seu marido, Friedrich, e seus quatro filhos e respectivos cônjuges no Templo de Frankfurt Alemanha. Em meio às lágrimas, vimos Friedrich, agora um selador do templo, selar sua filha mais nova ao marido dela. Oro para não me esquecer jamais desta lição: nunca perca de vista o “ideal”.

A melhor resposta para a lacuna da incerteza é continuar crescendo no estágio três, onde não ficamos apenas contemplando o que é real e o que é ideal; ali, nós nos agarramos a cada perspectiva — com os olhos e o coração bem abertos. Ao enxergarmos através das lentes da simplicidade que vai além da complexidade, conseguimos agir, mesmo quando ansiamos por mais evidências antes de decidir o que fazer. Por exemplo, podemos perceber o valor de aceitar um chamado na Igreja em um momento em que estamos atarefados demais para assumir mais responsabilidades. Ou podemos seguir o conselho da Primeira Presidência, mesmo quando não entendemos as razões que estão por trás das instruções — ou quando outras pessoas ao nosso redor estão fazendo críticas. Conseguimos dar ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida sobre nossas perguntas não respondidas.

Nesse estágio, a escolha de acreditar é muito diferente da simples obediência cega. Antes, trata-se de um tipo de obediência com conhecimento e confiança. Em vez de recomendar para que coloquemos de lado as ferramentas da mente crítica e instruída, essa atitude sugere que utilizemos essas ferramentas lado a lado com nossa confiança no que é ideal, a fim de oferecermos melhoras às presentes condições, e não apenas criticá-la. Chamo isso de fé bem informada.

G. K. Chesterton certa vez distinguiu os “otimistas”, os “pessimistas” e os “aprimoradores”, em uma comparação aproximada à progressão de Holmes que vai da simplicidade inicial, passando pela complexidade, até a simplicidade madura. Ele concluiu que tanto os otimistas quanto os pessimistas olham demais para apenas um dos lados das coisas. Portanto, nem o otimista extremo nem o pessimista extremo ajudam muito a melhorar a condição humana, porque as pessoas não podem resolver os problemas a menos que estejam dispostas a reconhecer que os problemas existem, mantendo-se leais o suficiente para conseguirem fazer algo a respeito.

Chesterton disse que o perigo do otimista excessivo é que ele “defenderá o indefensável. A exemplo de um patriota exagerado, ele dirá: ‘Este é meu mundo, esteja ele certo ou errado’. Ele não estará tão disposto a mudar as coisas; mas sim para encontrar resposta contra todos os ataques, buscando acalmar a todos com promessas. Ele não arrumará o mundo, apenas colocará uns remendos”.

Por outro lado, disse ele, o perigo do pessimista “não é que ele reprove os deuses e os homens, mas que não ame a quem ele reprova”. Mesmo sendo chamado de “amigo sincero”, o pessimista não é realmente sincero. “Ele esconde algo — seu sinistro prazer em dizer coisas desagradáveis. Ele gosta profundamente de magoar, não de ajudar. (...) Ele usa o conhecimento nefasto que chegou a ele a fim de fortalecer as tropas, desencorajando pessoas de se juntarem a elas”.⁶

Para ilustrar os “aprimoradores”, Chesterton se refere à lealdade das mulheres: “Alguns ignorantes trouxeram a ideia de que pelo fato de as mulheres apoiarem abertamente quem está em sua companhia, elas são cegas, incapazes de ver. Eles seguramente nunca conheceram uma mulher. As mesmas mulheres que estão prontas para defender seu companheiro a todo custo (...) são quase que patologicamente lúcidas a respeito das sutilezas das desculpas deles ou do volume de suas mentes. (...) O amor não é cego; essa é a última coisa a se pensar. O amor é um vínculo; e quanto mais vinculado for, será menos cego”.⁷

Um trecho no diário de meu pai, Orval Hafen, ilustra os “aprimoradores” de Chesterton. Ele foi além do idealismo inocente; seus olhos estavam totalmente abertos para as incômodas realidades. No entanto, ele também havia superado a complexidade de acabar sendo consumido pelo realismo. Agora sua perspectiva mais madura e completa trouxe-lhe uma nova forma de simplicidade que lhe permitiu pensar e agir construtivamente, subordinando aquilo que enxergava com os olhos bem abertos àquilo que sentia com coração bem aberto.

Um amigo de meus pais foi chamado bispo de sua ala e disse que não poderia atender ao chamado a menos que meu pai fosse seu primeiro conselheiro. Meu pai havia servido anteriormente na presidência da estaca por dez anos e estaria se sentindo muito sobrecarregado com as inúmeras obrigações. Então ele escreveu: “Se queres, passa de mim este cálice”. Ele sabia que o trabalho no bispado poderia se tornar “um trabalho contínuo, [sem] trégua”. E “sob certos aspectos, não sou humilde nem devoto o suficiente; nem sempre estive disposto a me submeter sem questionar a todas as decisões da Igreja”.

Mas como ele sabia que não podia “dizer não a um chamado da Igreja”, ele escreveu: “Não se faça a minha vontade, senão a tua”. Ele decidiu fazer o seu melhor, mesmo sabendo que poderia “irritar-se com reuniões intermináveis”. Mas “o trabalho da Igreja vinha em primeiro lugar. Não será difícil para mim pagar meu dízimo e comparecer regularmente à Igreja, já que é isso o que tenho feito”. Mas “terei de ir ao templo com maior frequência” e “conhecer melhor os membros da ala e me tornar genuinamente interessado por eles”, esperando “que venham, possivelmente, a sentir o mesmo por mim. Talvez, em minha fraqueza, terei de me esforçar para viver mais próximo do Senhor, assim como esperamos que as autoridades gerais o façam”. Meu pai era um homem modesto e honesto que ainda levava a sério seus ideais. Sua atitude me faz querer ser tão humilde assim como minha educação me ensinou a ser decidido.

A história de Holly nos dá outro exemplo de alguém progredindo da simplicidade ingênua, passando pela complexidade, até a simplicidade estabilizada. Aos dezoito anos, Holly era extremamente ativa na Igreja, mas era como uma espécie de “piloto automático”. Certo dia, alguém a persuadiu de que as mulheres deveriam possuir o sacerdócio. Ela ficou tão

convencida dessa ideia que, indignada, desistiu de ser membro da Igreja. Alguns anos mais tarde, sua colega de quarto na faculdade estava sendo visitada pelos missionários. Holly decidiu participar das aulas. Seu coração sentiu-se tocado e ela decidiu orar pela primeira vez depois de muitos anos.

Assim que ela expressou as palavras “Pai Celestial”, seu coração gelado começou a derreter. Ela começou a chorar. Naquele momento, ela sentiu um vínculo afetivo com seu Pai Celestial que, no decorrer dos próximos dias e das próximas semanas, levou-a a descobrir um relacionamento com Ele que ela não havia conhecido antes. Ela chamou esse relacionamento de “aproximação”. Em breve, Holly foi rebatizada. À medida que foi retomando seus estudos e suas orações, sua “aproximação” com Ele se aprofundou. A rebeldia se transformou em confiança. Ela assim se expressou sobre o que havia vivenciado antes: “Confio Nele. Ele sabe o que está fazendo”.

O profeta Alma conhecia muito bem esses três estágios: ele ensinou que a fé em Deus é um processo, não um evento, e que exige grande esforço e paciência. Conforme registrado em Alma 32, ele disse que no início, nosso simples desejo de acreditar o suficiente para exercer os primeiros passos da fé não produz um conhecimento perfeito — na verdade, não podemos saber com certeza sobre a veracidade das palavras de Alma até que façamos uma tentativa e plantemos a semente em nosso coração. À medida que a semente crescer, ela expandirá nosso coração e iluminará nossa mente até se tornar uma realidade para nós. Mas isso ainda não é o fim.

Quando nos deparamos com as primeiras surpresas da complexidade, devemos dedicar muita atenção à semente da fé que estará brotando, para que, quando o sol estiver escaldante, a muda não venha a murchar. Por natureza, a fé tem poder e superará oposições que às vezes são devastadoras. Especialmente no calor dessas provações, devemos manter em mente e aguardar “com os olhos da fé” o dia em que livremente partilharemos do fruto da árvore da vida — que será a recompensa por nossa diligência e longanimidade.

E quando alcançarmos a árvore da vida, não haverá mais lacuna entre o que é real e o que é ideal. Teremos resolvido nossas complexidades por meio de um processo de refinamento árduo, mas confiável, por meio do qual, em pura e consciente simplicidade, o real e o ideal se tornarão um.

Notas

4. Reid N. Nibley, poema não publicado, cópia em nossa posse.
5. https://en.wikiquote.org/wiki/Talk:Oliver_Wendell_Holmes_Jr.
6. Gilbert K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Image Books, 1959), pp. 69–70.
7. Chesterton, *Ortodoxia*, 71.

CAPÍTULO 3

Simplicidade, complexidade e a era da internet

A progressão de três fases que vimos, de uma simplicidade inicial para a complexidade, e para uma simplicidade madura que vai além da complexidade, aplica-se a muitas dimensões do crescimento pessoal. Por enquanto, vamos usá-la apenas para tratar de questões sobre a Igreja na era da internet.

Eis a história real de um amigo a quem chamaremos de Matias. Após sua missão e seu casamento no templo, Matias criou uma família e, no correr do tempo, serviu em vários chamados de liderança na Igreja. Posteriormente, ficamos sabendo que Matias enfrentou uma série de dúvidas e perguntas por causa de informações da internet que, segundo ele, enfraqueceram sua fé religiosa.

Quando alguém lhe perguntava o que estava acontecendo, Matias explicava que, por muitos anos, como membro e líder da Igreja, ele havia vivido feliz dentro de uma bolha. Então, alguns de seus amigos da Igreja começaram a vir até ele buscando respostas a perguntas que eles encontravam na internet. Ele disse que muitos daqueles assuntos eram novos para ele — por exemplo, como Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon e o livro de Abraão, por que o sacerdócio havia sido negado aos negros até 1978, e se era verdade que Joseph Smith havia praticado a poligamia. O problema de Matias não foi com o que se passou no momento em que estudava os detalhes de cada um desses temas. Na verdade, ele ficou amargurado porque se sentir traído pelo fato de nunca ter sido informado a respeito dessas coisas antes.

Uma vez que conhecíamos e amávamos Matias, nós nos perguntávamos de que maneira essas dúvidas o haviam surpreendido. Nossa experiência havia sido bem diferente da dele. Havíamos nos deparado com perguntas desse tipo anos atrás quando éramos estudantes universitários — não pelo fato de ficarmos procurando baús com segredos históricos, mas porque debatíamos abertamente esses assuntos em um ambiente de fé toda vez que aparecia uma oportunidade.

Desde então, nas aulas da Igreja que frequentamos, esses assuntos nunca foram ocultados, nem havia restrições para debater sobre eles — embora reconheçamos que talvez isso não aconteça com todas as pessoas.

Você se lembra do que Matias disse? Antes de essas questões virem a seu conhecimento, era como se ele vivesse em uma bolha. Esta é uma descrição perfeita da Fase 1 da simplicidade. Holly, que era tão ativa na Igreja e que sentia total controle estava, inicialmente, vivendo na mesma bolha. Daí, veio o choque da complexidade da Fase 2 abatendo os dois como um terremoto desestabilizando o peso da prova em sua mente sobre a Igreja. Quase que sem perceber o que estavam fazendo, eles começaram a achar que a Igreja estava simplesmente errada até que fosse provado o contrário.

As histórias de Holly e Matias nos ensinam muito. Elas revelam que nessa era de internet e de internacionalização da Igreja, precisamos de trabalhar melhor a inserção de nossas crianças, de nossos jovens, de nossos recém-conversos, e de outras pessoas no processo de aprenderem a tratar a complexidade de maneira mais produtiva.

Ao longo das recentes décadas de crescimento internacional, a Igreja tem visto a necessidade de simplificar seu currículo, suas revistas e outros materiais para que sejam compatíveis com membros menos experientes da Igreja em diversas culturas. Pelo fato de essa abordagem poder limitar a disponibilidade de informações mais avançadas, muitas pessoas comemoraram quando a famosa editora Macmillan, em parceria com a BYU, publicou a Encyclopedia of Mormonism [Enciclopédia do Mormonismo], uma coleção de quatro volumes contendo uma série de artigos bem trabalhados, de fácil leitura, da autoria de membros da Igreja qualificados, sobre todos aqueles tópicos que Matias e muitos outros mencionaram. Esse material se acha disponível na internet e em outros locais. Além disso, uma série de documentos recentes sobre a história da Igreja foi colocada à disposição para consultas como nunca antes, a exemplo de contínuas publicações colocadas à disposição, com o auxílio da Igreja, referentes aos documentos Joseph Smith Papers, projeto esse que teve início em 2008.

Os textos de “Tópicos do evangelho”, publicados mais recentemente no site churchofjesuschrist.org, são mais visíveis do que a Enciclopédia do Mormonismo. Eles também refletem pesquisas mais recentes e fornecem extenso material adicional de referência. Espera-se que esses textos ajudarão as pessoas a perceber algumas das coisas que Matias lamentavelmente deixou de ver. Essa visibilidade ampliada envia também uma mensagem sobre o valor, no mundo de hoje, de se ter uma mente e um coração abertos, com base em uma postura amadurecida, tão prudente quanto uma serpente, mas tão inocente quanto uma pomba (ver Mateus 10:16).

Tais recursos poderão nos ajudar a pavimentar nosso caminho, levando-nos da complexidade para uma simplicidade madura. Nesse ponto, não somos apenas otimistas nem apenas pessimistas. Acreditamos de mente aberta que sabemos que a história e a vida nem sempre são claras e organizadas, porém nos propomos a continuar a aprender, tornando as condições melhores, e não apenas fazendo críticas.

Oferecemos quatro sugestões que poderão nos levar da agitação da complexidade para a calma da simplicidade moderada.

Primeira sugestão: perguntas sinceras são valiosas. Ter uma mente curiosa abre caminho para a compreensão e o crescimento. No entanto, pode haver quem presuma erroneamente que a cultura da Igreja de Jesus Cristo reprova pessoas que fiquem questionando. Dessa maneira, quando temos dúvidas honestas, alguns de nós podem pensar que são infiéis ou até mesmo ter sentimento de culpa. Seria errado pensar ou mesmo divagar? Acreditamos que não. A Igreja não se destrói quando se acha sob questionamento e escrutínio. Em vez disso, a busca de respostas e de um entendimento mais profundo pode realmente nos ajudar a crescer. Conforme disse J. R. R. Tolkien, “nem todos aqueles que vagueiam estão perdidos”. Portanto, vamos dar as boas-vindas às dúvidas e aos que têm perguntas.

Lembre-se novamente do comentário de Matias a respeito de viver em uma bolha. Se ele se achava assim, não foi porque a Igreja impôs conscientemente essa mentalidade para mantê-lo no escuro. Sua bolha pode não ter sido mais complicada do que a perspectiva inocente do estágio um, que não percebia que a vida tem mais cores do que o preto e o branco. Boas dúvidas nos ajudam a avançar para o reino mais realista da complexidade do estágio dois, onde podemos ver a vida em cores vivas, com ricos significados que, por vezes, precisamos buscar para descobrir.

Ao entrarmos no estágio dois, no entanto, é bom lembrar que se tornar um Tomé duvidoso não é o objetivo final do discipulado. Ser realista é melhor do que não ver a realidade, mas, conforme observamos, uma preocupação míope com a complexidade pode facilmente se tornar um pessimismo rígido que também bloqueia a busca da verdade. Como disse um amigo nosso, não queremos ter a mente tão fechada a ponto de olhar para o mundo por um canudo de refrigerante; mas também não queremos ter a mente aberta a tal ponto que tumultua nosso cérebro. Ao escolhermos crescer para uma perspectiva mais completa e mais fiel do estágio três, não permitiremos que as dúvidas que ainda não entendemos venham a atrapalhar as verdades básicas que entendemos.

Segunda sugestão: seja cauteloso com as fraquezas da internet. Uma das grandes bênçãos da internet, que também é uma de suas maldições, é que ela concede a todos – a despeito da idade ou da qualificação — acesso irrestrito a um volume ilimitado de informações. Todos esses dados irrestritos, independentemente de quão confiáveis sejam, podem parecer ter credibilidade comparável. Isso permite que blogueiros em qualquer das extremidades pareçam qualificados para falar como se fossem especialistas consagrados. Podemos ver seu nome ali mesmo no Google, junto com os dos verdadeiros cientistas espaciais — ou, melhor dizendo, em vez do nome dos verdadeiros cientistas espaciais.

Esse acesso irrestrito oferece grandes vantagens, mas também traz graves riscos. Não será fácil verificar a precisão e as intenções dos autores de um site, e raramente contamos com um professor experiente ao nosso lado para resolver nossas dúvidas. A falta de filtros sensatos e eficazes torna a internet altamente vulnerável à desinformação e à manipulação.

Em certa ocasião em que um amigo estava tendo dificuldades com algo que encontrou na internet, perguntamos se ele havia também lido o trabalho de estudiosos confiáveis da Igreja em arquivos confiáveis. Ele disse: “Não posso confiar nessas pessoas — elas são tendenciosas a favor da Igreja”. Nós respondemos: “Você não acha que os que apoiam sites negativos têm preconceitos contra a Igreja?” Praticamente tudo online reflete o preconceito de alguém — e esses preconceitos não serão claramente evidentes.

Outro risco do acesso irrestrito é que os leitores não podem saber quais afirmações de grande importância já foram desacreditadas, sendo que os que apoiam sites negativos provavelmente não os levarão em conta. Na verdade, pesquisas cuidadosas feitas por estudiosos da Igreja dão respostas completas às principais críticas sobre Joseph Smith, Brigham Young, o Livro de Mórmon e outros assuntos. Seria irônico demais se a internet ainda estivesse produzindo vítimas de críticos da Igreja hoje em dia, em uma época em que a credibilidade acadêmica da Igreja se encontra em um elevado patamar.

E por falar em preconceitos, alguns sentimentos de dúvida e de incapacidade de sentir o Espírito são causados não por problemas intelectuais, mas por problemas comportamentais. Isso explica o pedido de um pai quando seu filho saiu de casa para ir à faculdade enquanto ainda estava inseguro quanto a seu testemunho. “Ao continuar sua busca pela fé,” disse ele, “por favor, guarde os mandamentos. Caso contrário, você distorcerá sua busca. Se as afeições de seu coração estão ligadas aos vícios deste mundo, sua cabeça não vai fazer — talvez nem mesmo vá deixar — você acreditar nas virtudes do universo de Deus”.

Terceira sugestão: concentre-se no conteúdo doutrinário altamente positivo da Restauração, em vez de se desviar nos detalhes de como Joseph recebeu esse conteúdo. Essa perspectiva geral é fundamental para a simplicidade que vai além da complexidade.

Se presumirmos que Joseph Smith “teria traduzido” as escrituras como um erudito o faria, interpretaremos mal seu papel de vidente. Ele nunca disse exatamente como as traduziu, mas esse foi claramente um processo de revelação. “Foi principalmente a inspiração divina, em vez do conhecimento [de Joseph] das línguas que produziu o texto em inglês do Livro de Abraão. Sua metodologia precisa permanecer desconhecida”.⁹ Isso também se aplica ao Livro de Mórmon — traduzido simplesmente “pelo dom e poder de Deus” (página de título do Livro de Mórmon). Mas Joseph também nos disse: “Se, por cinco minutos, pudésseis contemplar o que há nos céus, aprenderíeis mais que se lêsseis tudo o que já se escreveu sobre o assunto”.¹⁰

Como escreveu Richard Bushman, “ao contrário dos tradutores acadêmicos, [Joseph] ultrapassou os textos existentes, atingindo a mente dos profetas e, por meio deles, alcançou a mente de Deus”.¹¹ Aparentemente, Joseph teve acesso às fontes originais por meio das quais vieram todas as outras escrituras, uma janela para todo o reino celestial — talvez a mesma janela por meio da qual Moisés, Néfi e João, o Revelador, enxergaram. As doutrinas puras e profundas que ele encontrou revolucionaram o Cristianismo, restaurando uma verdadeira compreensão da natureza de Deus e de nosso relacionamento com Ele; a natureza do homem — o passado, o presente e o futuro; a Queda, a Expição de Cristo, as escrituras e mesmo o propósito da vida. Esse espantoso alicerce religioso soa como uma verdade tão clara que fala por si mesma — com tanta clareza que os detalhes de como o Senhor a mostrou a Joseph, mesmo que pudéssemos entender esses detalhes, são menos importantes do que o conteúdo por ele recebido.

Quarta sugestão: cultive uma atitude de mansidão. Quando nosso idealismo for abalado por enfrentamentos inesperados com o realismo, nossa atitude sobre o que vier a acontecer será mais importante do que aquilo que realmente tiver acontecido. O élder Neal A. Maxwell disse que a dúvida “pode enternecer ou endurecer o coração, dependendo de [nossa] reserva de mansidão”.¹² A mansidão, uma suavidade de coração e abertura de mente, mantêm viva a semente da fé. Quando permitimos que a adversidade nos endureça, sufocamos a semente. Mas se mantivermos humildemente nosso desejo de acreditar — a atitude que inicialmente ativou nossa experiência com a palavra — nosso coração de fé permitirá que a semente cresça.

Portanto, quando somos sacudidos por experiências difíceis, temos uma escolha. Podemos nos fechar para Deus em amargura ou nos abrir para Ele em contrição. Ao escolhermos ter um espírito contrito, trazemos toda a nossa alma a Deus e ofertamos a Ele algo a ser trabalhado. Sem essa humildade serena, o Senhor não se abrirá para nós e “aquela felicidade que está preparada para os santos” ser-nos-á “[oculta] para sempre” (2 Néfi 9:42–43).

Mostrarei a vocês agora a imagem dessa mansidão na seguinte história missionária ocorrida na Alemanha. Meu companheiro e eu estávamos ensinando um brilhante jovem casal americano, Paul e Wendy Knaupp. Eles leram e acreditaram no Livro de Mórmon e estavam se preparando ansiosamente para o batismo. Então, a família de Paul escreveu-lhe uma carta dizendo que os mórmons eram racistas porque não concediam o sacerdócio a homens negros africanos. A família deles foi influenciada por esse problema porque a irmã de Paul era casada com um excelente cristão da Nigéria. Paul e Wendy se sentiram magoados e traídos. Por que ninguém lhes contou sobre isso? Não era sabido que Deus trata todas as pessoas igualmente? No entanto, eles ficaram perplexos, porque tinham certeza de que Joseph Smith era um profeta.

Depois de desabafarem a respeito de suas frustrações, eles olharam para mim, o companheiro sênior. Fiquei sem palavras. Isso foi em 1962. Nunca havia participado de um debate sério sobre raça e sacerdócio, nem ouvido qualquer explicação. Mas, de repente, lembrando

alguma coisa de meu recente estudo pessoal das escrituras, mencionei: “Vamos ler a história de Pedro e Cornélio em Atos, capítulo 10”. Aqui, lemos que após séculos de restrição do evangelho, que era exclusivo à casa de Israel, o Senhor revelou a Pedro que era chegada a hora de compartilhar a mensagem do Salvador com o mundo gentio.

Esse evento foi um grande divisor de águas na história do Cristianismo. Saber de uma mudança tão importante na antiga “política da Igreja” dava razão para se pensar que algum dia Ele poderia abrir uma porta como essa ainda mais completamente. Foi o que Ele fez em 1978, quando revelou ao presidente Spencer W. Kimball que havia chegado a hora de estender as bênçãos do sacerdócio e do templo a todos os homens dignos como parte do estabelecimento da Igreja em todo o mundo, pela primeira vez na história.

Paul e Wendy ligaram vários dias depois para dizer que oraram fervorosamente, pedindo que voltássemos. Eles foram batizados e, nos anos seguintes, criaram uma família de cinco filhos no evangelho. Muitos anos depois, nós e o casal Knaupp estávamos compartilhando memórias sobre aquela noite crucial. Eu disse que aquela experiência havia me ensinado de forma inesquecível que o Senhor mostra a Seus missionários o que dizer em momentos específicos (ver D&C 100:6). A principal lembrança de Wendy foi a de que, de alguma forma, após nossa visita, a escuridão que eles estavam sentindo gradualmente os deixou, trazendo de volta a luz. Assim como Néfi, Paulo e Wendy sentiram que Deus “ama seus filhos”, mesmo que não conhecessem “o significado de todas as coisas” (1 Néfi 11:17). Eles eram mansos e espiritualmente vivos o suficiente para saber que o Senhor os amava e por isso confiaram Nele. Eles não queriam permitir que as coisas que ainda não entendiam atrapalhassem tudo aquilo que eles já entendiam.

A simplicidade na linha de frente da complexidade exige muito pouco de nós. Mas a simplicidade do outro lado da complexidade exige tudo de nós, e talvez tenhamos que pagar tal preço de várias maneiras. Por exemplo, nem sempre nos transportaremos de forma rápida e suave da complexidade para aquele “outro lado” da simplicidade. Muitos não conseguem sair da complexidade. E como a complexidade é mais sutil e realista do que a simplicidade inocente, algumas pessoas inteligentes podem supor que a mera complexidade chega a ser mais bem informada, mais honesta e autêntica. Outros podem pensar que a complexidade é tudo, ou que ali não tem escapatória. Outros ficam tão perplexos que fogem de volta para a segurança da simplicidade em que viviam — mesmo que continuem se deparando com as ilusões irrealistas que ali encontravam. Entretanto, lembre-se do que Holmes disse: “Eu daria a minha vida pela simplicidade do outro lado da complexidade”.

O casal Knaupp descobriu a simplicidade do estágio três por ter sido aberto a uma explicação mais razoável enquanto não era possível saber mais. Não havia uma resposta completa, mas eles tiveram senso suficiente para lançar sua complexidade aos pés do Senhor. A singela mansidão lhes permitiu conceder a Deus o benefício de sua dúvida.

Nossa amiga Holly descobriu a mesma simplicidade após ter deixado a Igreja, reencontrando-a com novos olhos e mais abertos. Ela chegou a ver a complexidade, com seus conflitos e demandas, mas agora tornara-se mansa o suficiente para sentir que a complexidade por si só não satisfaz. A complexidade fornece a textura, os contrastes e as oposições que dão sentido e significado a nossas escolhas e experiências. Em meio a esse contexto, ela ouviu a mensagem da Restauração com novos ouvidos. Em seguida, ela experimentou a simplicidade que vai além da complexidade ao pronunciar aquelas palavras simples, porém sagradas, com uma nova voz: “Pai Celestial”.

Descobertas como as do casal Knaupp e da Holly não são pequenas. Eles fazem parte do padrão cósmico de Adão e Eva, que deixaram a simplicidade do Éden pela complexidade que começou com o fruto proibido. Então, eles descobriram gradualmente que, por causa de seus encontros com a complexidade, seus olhos seriam abertos, e se eles se arrependessem e clamassem a Deus, eles poderiam então compreender a alegria da simplicidade plena. Eles não retornariam à simplicidade inocente do Éden, mas cresceriam e se desenvolveriam em direção à vida celestial madura.

Graças à Expição do Salvador, o aprendizado em meio à complexidade lhes seria possível sem serem oprimidos por ela. Eles teriam alegria nesta vida e voltariam a viver com Ele novamente. Eles então compreenderiam verdadeiramente, pela primeira vez, a grande simplicidade de estar com Ele e no convívio uns dos outros — uma plenitude de significado que eles nunca encontrariam na simples inocência do Éden. Nas palavras de T. S. Eliot, “não cessaremos de explorar. E o fim de todas as nossas explorações será chegar onde começamos e conhecer o lugar pela primeira vez”.¹³

À medida que avançamos em nossas complexidades, se não aprendermos a conceder ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida, não demorará muito até que não estejamos mais nenhum pouco dispostos a trilhar o caminho da fé e do sacrifício — a única estrada que leva à profunda simplicidade da sabedoria e da luz.

A complexidade é valiosa; na realidade, ela é essencial. Mas os que ficarem amarrados nela nunca conhecerão a alegria singela, porém profunda, dos santos. “porque não recebeis testemunho senão depois da prova de vossa fé” (Éter 12:6; grifo do autor). Nossos túneis às vezes nublados de incerteza existem para nos ensinar, não apenas para nos atormentar. E há luz no fim desses túneis: a Luz e a Vida do Mundo.

Notas

8. J. R. R. Tolkien, *The Fellowship of the Ring*, 2ª ed. (Boston: Houghton Mifflin, 1965), p. 182.

9. H. Don Peterson, “Translation and Publication of the Book of Abraham”, em *Encyclopedia of Mormonism* (New York: Macmillan, 1992), p. 134.

10. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith* (Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2007), p. 441.

11. Richard Lyman Bushman, *Joseph Smith: Rough Stone Rolling* (New York: Alfred A. Knopf, 2005), p. 133.

12. Neal A. Maxwell, *That Ye May Believe* (Salt Lake City: Deseret Book, 1992), pp. 191–92.

13. T. S. Eliot, “Little A”, 5.26–29, em *Four Quartets* (London: The Folio Society, 1968), p. 55.

CAPÍTULO 4

Algumas debilidades da internet

Não podemos superestimar as bênçãos milagrosas que a revolução digital e a internet trouxeram para nossa vida neste planeta. Estamos vivendo uma mudança histórica equivalente à invenção da impressão e da utilização de carros e de aviões. No entanto, esses avanços colossais sempre trazem riscos inimagináveis — mesmo levando em conta que os benefícios venham sendo maiores do que os riscos. Entre os riscos, podemos afirmar que a revolução digital limita a confiabilidade das informações.

Trivialidades históricas

Todos os anos fazemos o “acampamento da vovó e do vovô” juntos com nossos netos, separados por idade. Para o dia 4 de julho (data da independência americana) do ano passado, escolhemos um tema patriótico e pedimos a cada um dos quinze que estavam acampados que fizessem um breve relato sobre uma pessoa ou um evento ligado à fundação dos Estados Unidos. Quando nosso filósofo Peter, de 10 anos de idade, apresentou seu relatório sobre Benjamin Franklin, ele fez um resumo da vida de Franklin, contou algumas histórias e concluiu, como se estivesse fazendo um gracejo: “Mas ele não inventou a eletricidade como todo mundo pensa!”. Em seguida, sentou-se com ar de elegância e passamos para o próximo relato.

No dia seguinte, falei com Peter elogiando seu relato e perguntei-lhe o que ele quis dizer sobre Benjamin Franklin não ter inventado a eletricidade. Ele respondeu com conhecimento de causa: “Bem, ele simplesmente não inventou a eletricidade. O que me leva à conclusão de que o que me disseram na escola não era verdade”. Ainda intrigado, perguntei: “Você estava falando sobre a história da pipa e do raio?” Ele me disse que, em partes, sim. Então perguntei: “Onde você aprendeu todas essas coisas sobre Franklin?” Peter respondeu com naturalidade: “Na Internet”.

Resolvi pesquisar sobre “Benjamin Franklin” nos resultados do Google. Descobri que alguns historiadores contestam a história da pipa, argumentando que se isso tivesse acontecido conforme o seu relato, o raio o teria matado. Outros afirmam que ele sabia o que estava fazendo, evitou esse risco e provou a natureza elétrica dos raios. Quanto a “inventar” a eletricidade, um usuário da internet perguntou: “Benjamin Franklin descobriu a eletricidade?” Ele respondeu: “Talvez não!” Anos antes de Franklin, dois ingleses haviam estudado a ciência por trás da eletricidade estática e tornaram-se os primeiros a chamá-la de eletricidade. Franklin demonstrou os polos negativos e positivos e, posteriormente, Edison inventou a lâmpada.

Fui atrás desses detalhes não para saber quem “havia inventado” a eletricidade, mas porque me perguntava o que teria levado uma criança normal de 10 anos de idade que lê relatos históricos na internet à conclusão de que “o que lhe contaram na escola não era verdade”. Será que ele continuaria afirmando, como algumas pessoas fazem nesses casos, que “mentiram para ele”?

Bem, voltando ao acampamento da vovó e do vovô, Emma, de 12 anos de idade, apresentou seu relato sobre Betsy Ross. Ela disse: “Bem, não temos certeza se Betsy Ross realmente fez a

primeira bandeira. Isso não passa de algo que seu neto contou cem anos depois. Nesse caso, não vou falar sobre ela. Em vez disso, vou apenas mostrar fotos de bandeiras americanas usadas ao longo do tempo”.

Sem nunca ter notado uma tendência tão cética em Emma, posteriormente pesquisei sobre Betsy Ross na Wikipedia. Aprendi que, embora ela ainda tenha recebido “todo o crédito” por ter feito a primeira bandeira americana, “não existe nenhuma evidência documentada, ou tradição verbal registrada, para dar crédito a essa história”, a qual surgiu pela primeira vez nos escritos de seu neto 50 anos após sua morte. Apesar disso, a ponte Betsy Ross na Filadélfia continua “nomeada em homenagem” a ela.¹⁴

Na ausência de “evidências documentais” para dar crédito à história de Betsy Ross, será que os professores de Emma no ensino fundamental, assim como os de Peter, ensinados a ela algo que não era verdadeiro? Se for assim, Betsy se tornaria uma figura histórica “desacreditada”, cuja história não devemos mais aceitar?

Há probabilidades muito fortes de que aquilo que é “amplamente creditado” a Benjamin e a Betsy seja suficientemente verdadeiro para justificar que nossas escolas primárias continuem ensinando seus convencionais relatos históricos em um nível que seja compreensível para várias idades. Todavia, o que é que existe na “pesquisa” online que possa minar a confiança em nossos alunos de que seus professores estejam dizendo “a verdade”? Seja o que for, poderia esse lado das debilidades da internet levar igualmente membros da Igreja a se perguntarem se seus professores ou líderes estão dizendo a verdade? Nesse caso, o problema não teria a ver com alunos, professores, escolas ou líderes da Igreja, mas com a nossa necessidade de entender por que a internet funciona dessa maneira.

Bem antes que esses sites populares tomassem conta de nossas pesquisas e de nosso raciocínio, a maioria das pessoas instruídas já tinham ciência de que os intelectuais, na maioria das vezes, debatem questões controversas em torno de assuntos passados. Eles são treinados para isso, por causa do valor social de nos mantermos abertos frente a toda nova descoberta. Porém, antes da Internet, a responsabilidade social pelo ônus da prova repousava sempre sobre aqueles que contestavam interpretações aceitas, razoavelmente bem documentadas.

Ainda hoje, de alguma maneira, conforme descobrimos com Peter e Emma, enfrentar qualquer crítica, ou diferença, de opinião histórica parece deslocar o ônus da prova para a fonte antiga — como se levantar uma dúvida, aparentemente legítima, fosse suficiente para ganhar a sentença de condenação em um tribunal de opinião pública. Mas a maioria dos leitores de hoje não está preparada para entender os critérios de uma mudança do ônus da prova; muito menos para saber como avaliar as qualificações e razões dos testemunhos.

Além disso, antes da internet, um professor ou pai que quisesse ensinar as crianças sobre Benjamin ou Betsy, ou sobre Washington ou Jefferson, poderia ir a uma biblioteca e encontrar uma fonte que se adequasse à preparação do leitor. Mas se usarmos a internet, que não consegue discriminar seus leitores por idade, chegaremos no que um estudioso chamou de “o desaparecimento da infância”.¹⁵

Infelizmente, algumas pessoas não são maduras o suficiente para ponderar evidências conflitantes e avaliar suas fontes. Entretanto, sites como a Wikipedia, compreensivelmente, desejam ganhar e manter o respeito de seus leitores mais sofisticados e críticos. Então, “acaba em vale-tudo”, convidando todos no planeta a enviarem suas diferentes evidências, e os leitores inexperientes (e sua família e sociedade) simplesmente arcarão com as

consequências. A verdade é que, à medida que nossos filhos, ou outras pessoas, aprenderem mais do que podem compreender sobre algum assunto muito profundo (por exemplo, história, religião ou sexo) ao navegarem na internet, vamos todos ter que lidar com o que virá depois, pessoal e socialmente.

Peter e Emma são crianças normais e saudáveis que só queriam saber se Benjamin Franklin descobriu algo importante sobre eletricidade e se Betsy Ross havia feito a primeira bandeira. Caso um site, aparentemente oficial, venha a dizer que não temos como saber com certeza, essas crianças poderão interpretar isso como uma negação. Elas, então, perderão a confiança em Benjamin, Betsy e em seus professores — embora uma leitura bem informada dessas histórias forneça a pessoas mais experientes uma credibilidade alta o suficiente para que não precisemos remover o nome de Betsy daquela ponte da Filadélfia ou a imagem do Benjamin Franklin da nota de cem dólares.

Pesquisas do estilo “Caçadores de Mitos” tendem a mostrar que as versões populares de quase todas as grandes histórias originais (políticas, religiosas ou outras) contêm imprecisões ou exageros, ou deixam de fora detalhes, nuances e questões nunca resolvidas. O historiador Leonard Arrington, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, certa vez fez um comentário sobre as histórias de dificuldades vivenciadas durante a colonização dos desertos do Oeste americano: “A lembrada desolação na Grande Bacia antes da chegada dos mórmons foi se tornando mais alarmante a cada narrativa que se passava”.¹⁶

No entanto, depois dos caçadores de mitos concluírem suas pesquisas, o resultado final tanto do mito quanto da crítica ainda permanece. A crítica pode chegar a esclarecer alguns detalhes, provar que a versão folclórica é exagerada, ou mostrar que alguma parte da evidência poderia usar fontes mais confiáveis. Entretanto, o núcleo essencial de uma história bem fundada e viva, e que é celebrada (e atacada) por um longo período, geralmente, ainda é verdadeira.

Nosso ponto aqui é que histórias bem conhecidas sobre pessoas como Benjamin e Betsy ou eventos geralmente são contadas com a simplicidade do Estágio Um — inocentes, descomplicadas, amplamente aceitas. E as críticas, aparentemente autorizadas, a essas histórias representam o Estágio Dois — lançar dúvidas sobre as suposições do Estágio Um. Essas críticas poderão mergulhar os leitores da simplicidade tão rapidamente na complexidade que eles não crerão mais no que acreditavam antes. Esse tipo de experiência poderá fazer da pesquisa na internet um convite à confusão.

Por exemplo, o caso do bispo de uma ala de jovens adultos solteiros, alguns chegando a ele abalados por uma frase ou uma história fora de contexto, porém relacionada a um evento ou declaração na história da Igreja. Normalmente, eles não têm perspicácia suficiente para sentir a necessidade de obter mais contexto; ou não sabem como chegar ao conhecimento desse contexto; ou, mesmo sentindo-se abalados, não se importam o suficiente para ganhar um melhor entendimento da situação. O problema deles não é saber muito sobre a história da Igreja, mas não saber o suficiente. E ficam condicionados pelas simplificações excessivas das mídias sociais, esperando por uma resposta curta para qualquer pergunta. Eles geralmente não estão nem um pouco interessados em uma resposta longa — mesmo cientes de que a história completa e verdadeira seja bastante complexa.

Isso torna mais fácil para os críticos da Igreja, ou para quem cita um crítico desconhecido, apresentar alguma inferência negativa como um fato, ainda que não fundada de modo sólido em uma pesquisa confiável. A inferência pode ser enganosamente negativa quando, como costuma ser o caso, alguma parte da afirmação tem como base apenas um fragmento da

história — o que torna o contexto geral decisivo. Mas quando os ouvintes atentam apenas para a meia-verdade negativa, às vezes eles mudam o ônus da prova, de modo que (talvez instigados por críticos que não revelam seus motivos) colocam a Igreja na defensiva e no lado errado, até que a Igreja consiga explicar uma realidade mais flexível — e eles não possam continuar a ouvir para entender a explicação com suas nuances. Essa tendência, assim como as perguntas sobre as evidências de Benjamin e Betsy, facilmente abre espaço para que pessoas com motivos obscuros lancem no descrédito aqueles que eles têm o desejo de desacreditar.

As notícias falsas

O problema atual que mais incomoda o colunista americano David Ignatius é que “as pessoas parecem não saber mais o que é verdade” a respeito de qualquer assunto, desde mudanças climáticas e “alegações sobre as pessoas de quem gostamos, ou não”, até a “polarização política”, agora contaminando “todas as áreas de nossa vida comum — incluindo os esportes. “Estamos percebendo que as mídias sociais podem ser tanto uma ferramenta de engano quanto de verdade.”¹⁷

Por exemplo, uma avó que havia criado seu neto recebeu recentemente um e-mail de alguém que se passava por policial, dizendo que o neto estava preso na Europa por dirigir embriagado e precisava de dinheiro para a fiança. Um outro de seus netos disse: “Vovó, que amava e passara anos investindo em seu neto, caiu em desespero — um e-mail de um falsificador, e lá estava ela pronta para descartar toda a confiança que tinha em seu neto. Os membros da Igreja às vezes são levados à desconfiança por fontes anônimas e igualmente mal intencionadas na internet”.¹⁸

O poder enganador das mídias sociais agora aparece em muitos lugares. Não podemos mais “confiar nas avaliações [que] lemos na internet” a respeito da qualidade de produtos de consumo — um problema que se tornou “um pesadelo na Internet”.¹⁹ E atos trágicos de violência em grande escala, como tiroteios em massa, muitas vezes desencadeiam histórias falsas e politicamente motivadas que afirmam quem ou o que provocou a violência, viralizando os sites de mídias sociais tão rapidamente que as verdadeiras notícias podem se perder em uma espécie de semiconsciência pública. Exemplos recentes incluem um trágico tiroteio em Las Vegas e outro em uma igreja batista no Texas.²⁰ Talvez o problema mais flagrante relacionado a notícias falsas seja o uso aparentemente fraudulento do governo russo de nossas principais plataformas de mídias sociais a fim de influenciar a eleição presidencial de 2016 dos Estados Unidos — e a percepção geral da sociedade americana sobre si mesma.²¹

No maior estudo feito sobre notícias falsas até o momento, cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) em 2018 descobriram que histórias falsas têm 70% mais probabilidade de serem viralizadas do que histórias verdadeiras, talvez porque sejam mais “envolventes ou provocativas”.²² Essa pesquisa alimenta “um furioso debate mundial sobre a capacidade das empresas do Vale do Silício de influenciar a sociedade. [Os] gigantes da internet estão sob intensivo escrutínio referente ao poder de seus produtos e à sua vulnerabilidade a preconceitos ou à manipulação”.²³ Essa combinação de poder e vulnerabilidade não é apenas perturbadora, mas perigosa. A Internet realmente pode ser manipulada para fins religiosos, e muitos outros.

Vendedores de dúvidas

Riley cresceu em um lar em que todos eram membros da Igreja. Depois de sua missão e de seu casamento no templo, alguns comentários de amigos fora da Igreja no trabalho o fizeram

sentir que ele havia vivido uma vida tão protegida que realmente deveria se lançar no que chamou de “um estudo mais objetivo” da história e das crenças da Igreja. Então ele começou a ler tudo o que aparecia em suas pesquisas na internet sobre assuntos da Igreja. Quanto mais lia, mais inquieto ele ficava. Não passava pela sua cabeça que ele pudesse estar lendo “literatura antimórmon”, que ele bem sabia ser tão sutil e presumia que aquilo não era confiável. Ele pensava que estava fazendo uma pesquisa objetiva e imparcial. Por fim, não acreditava mais que Joseph Smith havia sido um profeta. Posteriormente, ele perdeu a confiança na existência de Deus. No final das contas, Riley, sem perceber e de modo ingênuo, vivenciou uma dose cavalara das debilidades.

Logo após ouvir a história de Riley, visitamos outra família em que um parente havia recentemente deixado a Igreja por causa de dúvidas. Esses amigos disseram que um grupo com uma pauta agressiva contra a Igreja tornou pública a história de seus parentes e financiou uma ampla publicação com o objetivo intencional de minar a fé de outros membros da Igreja. Vendedores de dúvidas! Depois de ligarmos alguns pontos, percebemos que esse grupo agressivo também era o patrocinador do site em que Riley fazia grande parte de sua pesquisa “objetiva”. Pelo fato de não saber o quão tendenciosa era sua fonte, ele não a filtrou para proteger seu próprio sentido espiritual mais pessoal.

A história de Riley nos lembra de como a indústria do tabaco na década de 1990 desenvolveu uma estratégia habilmente projetada para minar a confiança do público nas descobertas científicas sobre os riscos do fumo para a saúde. Em vez de tentar provar que as graduais evidências científicas estavam erradas, a indústria simplesmente lançou uma campanha para jogar dúvidas — qualquer tipo de dúvida — em cima dessas descobertas. Por que apenas duvidar? Eles sabiam que não poderiam vencer um debate geral sobre os riscos à saúde, então simplesmente levantaram dúvidas o suficiente para criar indecisão e passividade entre o público e os reguladores governamentais — e por vários anos eles tiveram sucesso.

A estratégia da indústria do tabaco explorou uma característica importante sobre a própria natureza da ciência — igualmente uma característica da história, que lida com eventos tão antigos que não podemos responder a todas as perguntas concebíveis sobre esses eventos. O escritor científico Christie Aschwanden diz que a ciência pode aumentar ou diminuir nossa confiança em algumas proposições, mas não pode produzir “certeza absoluta”. Na realidade, “é um processo de redução da incerteza”.²⁴

Portanto, a “brilhante tática da indústria do tabaco foi transformar essa contínua incerteza em algo contra o empreendimento científico propriamente dito. Embora insistindo que eles apenas desejavam garantir que a política pública tivesse como base” o que a indústria chamou de “ciência exata”, as empresas de tabaco definiram a ciência exata de tal forma que “nenhuma ciência poderia ser exata o suficiente. A única ciência exata era a [absolutamente] certa, o que é um padrão impossível de ser alcançado”. Um importante funcionário de uma empresa de tabaco escreveu o seguinte: “A dúvida é o nosso produto”, porque “é o melhor meio de (...) estabelecer uma controvérsia, minando assim a ciência inconveniente”.

Esses “vendedores de dúvidas” não estavam realmente trabalhando para obter um melhor conhecimento. Em vez disso, eles trabalham para “ampliar a incerteza, criar dúvidas e minar descobertas científicas que ameaçam seus interesses”. Durante anos, essa estratégia funcionou tão bem para a indústria do tabaco que essa mesma abordagem, desde então, “tem servido como uma espécie de manual para [outros] interesses do ramo da indústria”.²⁵

Os “vendedores de dúvidas” religiosas de hoje exploram a mesma lacuna já explorada pela indústria do tabaco. Ao levantarem toda sorte de dúvida que venha a ser sustentada, mesmo que por evidências limitadas, eles fazem declarações atestando que a Igreja está errada até que possa comprovar em um determinado caso isolado — muitas vezes sob circunstâncias em que é impossível provar qualquer coisa com certeza absoluta. Essa abordagem parece ser algo básico para “o manual do antimórmon. Isso explica por que argumentos [críticos] que já foram desmascarados ainda existem; isso se dá pelo fato de que [na era da internet] a dúvida que eles semearam ainda continuar em vigor. Os [críticos] não precisam provar nada; basta fazer alguém duvidar, o que é infinitamente mais fácil do que gerar convicção”.²⁶

Mas os vendedores de dúvida só podem mudar o padrão correto da prova se nós, individualmente, permitirmos. Tanto o bom senso quanto nosso sistema jurídico nos dizem que alguém acusado de delito é considerado inocente até que seja provado o contrário. E quem faz a acusação carrega o ônus da prova para confirmar a culpa. Levantar questões ou dúvidas por si só nunca, jurídica ou logicamente, não dá conta dessa tarefa. Uma questão não resolvida não compensará uma montanha de respostas solucionadas. Talvez não consigamos explicar com certeza onde se encontra uma ovelha perdida, mas somente isso por inferência não significa que as outras noventa e nove também estão perdidas.

Dúvidas e questionamentos nem sempre nos são trazidos por uma ameaça ou por um inimigo. A despeito da fonte, eles podem ser uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Podemos alcançar isso, desde que deixemos o ônus da prova no mesmo lugar onde o salmista o colocou: “Os que conhecem o teu nome em ti confiarão, porque tu, Senhor, nunca desamparaste os que te buscam” (Salmos 9:10).

Notes

14. Wikipedia, “Betsy Ross”, https://en.wikipedia.org/wiki/Betsy_Ross.
15. Neil Postman, *The Disappearance of Childhood* (New York: Vintage, 1994).
16. Leonard J. Arrington and Dean May, “A Different Mode of Life: Irrigation and Society in Nineteenth Century Utah”, *Agricultural History*, vol. 49, 1975.
17. David Ignatius, “How to Protect Against Fake Facts”, *Washington Post*, 23 de November de 2017.
18. Email from Bud Scruggs to Bruce Hafen, 12 de julho de 2107.
19. Ari Shapiro interview with David Zax, *All Things Considered*, National Public Radio (NPR), 20 de outubro de 2017.
20. Sam Levin, “Google and YouTube spread false claims Texas shooting suspect had leftwing ties”, *The Guardian*, 6 de novembro de 2017, edição online.
21. Por exemplo, Matt Apuzzo and Sharon LaFraniere, “13 Russians Indicted as Mueller Reveals Effort to Aid Trump Campaign”, *New York Times*, 16 de fevereiro de 2018.
22. Laura Sydell, “Can You Believe It? On Twitter, False Stories Are Shared More Widely Than True Ones”, *All Things Considered*, NPR, 12 de março de 2018, <https://www.npr.org/people/2101272/laura-sydell>.

23. Jack Nicas, "Google Has Picked an Answer for You—Too Bad It's Often Wrong", Wall Street Journal, 16 de novembro de 2017.

24. Christie Aschwanden, "There's No Such Thing as 'Sound Science'", fivethirtyeight.com/features/the-easiest-way-to-dismiss-good-science-demand-sound-science.

25. Aschwanden, "There's No Such Thing".

26. E-mail de Eric d'Evegnée para Bruce Hafén, 6 de dezembro de 2017.

CAPÍTULO 5

Ambiguidade produtiva

Ambiguidades, contradições aparentes e paradoxos encontram-se ao nosso redor. Mesmo os princípios verdadeiros podem competir entre si em meio à confusão. Aprender a aceitar esses conflitos aparentes dando um tempo para resolvê-los é um passo essencial para encontrar a simplicidade que se acha além da complexidade. No entanto, deparar-se com esses conflitos pode nos levar a querer evitar a ambiguidade para não termos de lidar com os confrontos trazidos por ela. A propósito, Joseph Smith disse certa vez que “provando-se os opostos, a verdade se manifesta”.²⁷

Essa questão é relevante para nosso processo de três fases. Muitos idealistas no Estágio Um ao entrarem em conflito com o realismo do Estágio Dois sentem-se tão intimidados pelos “opostos” — contradições e paradoxos — que não conseguem enxergar uma maneira de continuar avançando para a simplicidade consolidada do Estágio Três. Alguns simplesmente preferem a tranquilidade de um ponto de vista antigo do que aquela necessária e incômoda tarefa que os levaria, finalmente, a serem iluminados por um paradoxo perene — por exemplo, justiça e misericórdia. No entanto, para que passemos da complexidade para a simplicidade esclarecida, é preciso que permaneçamos abertos, aprendendo a respeitar os princípios conflitantes, aceitando a tensão e indo além da mentalidade do oito ou oitenta. Nesse caso, então, a tensão se torna produtiva.

Por exemplo, durante a época em que fui diretor da Faculdade de Direito da BYU, em 1987, o presidente da Igreja na ocasião, Ezra Taft Benson, se dirigiu “às mães de Sião” em um devocional para os pais da Igreja.²⁸ Ele citou a maternidade como “o mais nobre de todos os chamados”; na realidade, “a maternidade tem o maior potencial de influência para o bem ou para o mal na vida humana”.²⁹ Após enfatizar a importância de se ter e criar filhos, o presidente Benson disse que, devido à morte, ao divórcio ou a outras “circunstâncias incomuns”, as mães podem ser “obrigadas a trabalhar por um período de tempo”. Mas ele exortou cada pai a “fazer tudo ao seu alcance para permitir que sua esposa permaneça em casa cuidando dos filhos”. No final, ele expressou genuína empatia pelas mulheres fiéis que não têm filhos e pelas mulheres solteiras.

No dia seguinte, no início de minha aula de Direito da Família, a aluna Mitzi Collins levantou a mão. “Professor Hafen,” perguntou ela, “podemos debater o discurso de ontem à noite do presidente Benson?” Acenei que sim com a cabeça e sugeri que conversássemos logo após a aula. Mitzi retrucou gentilmente, dizendo: “Podemos conversar sobre isso agora? Seria muito importante — nesse momento”. Eu conhecia e respeitava Mitzi. Ela era a presidente da Associação Estudantil dos Direitos das Mulheres, uma excelente aluna e uma dedicada membro da Igreja. Percebi então que o restante da classe concordava com ela.

Iniciamos, então, uma conversa muito aberta sobre o discurso do presidente Benson, a qual durou até o final da aula. Essas alunas me informaram, naquela manhã, que algumas de suas colegas haviam encontrado anotações em sua carteira escritas por alunos bem-intencionados, porém insensatos, com declarações do tipo: “Entrar na faculdade de direito é muito competitivo. Por favor, deixe um homem ocupar sua vaga nessa sala”. Depois da aula,

concordei em ter um debate, naquela tarde, com as demais alunas de direito no salão da escola.

Mais tarde, quando me dirigia para o encontro, notei vários alunos caminhando do outro lado. Perguntei a um deles: “Para onde esse pessoal está indo?” Ele respondeu: “Para a sala do Tribunal de Contas. O diretor vai nos explicar o que o profeta quis dizer!” Será que, de alguma forma, minha reunião com as alunas do sexo feminino havia se tornado um encontro com os demais alunos de direito — para explicar “o que o profeta quis dizer”? Fiquei espantado.

Não me lembro de tudo o que eu disse, mas senti — ainda que não tivesse a estrutura conceitual para apresentar isso dessa maneira — que o que estava se passando era uma série de atritos entre a simplicidade do Estágio Um e a complexidade do Estágio Dois. Muitos alunos ficaram confusos e poucos estavam em busca do Estágio Três.

Alguns alunos do sexo masculino, incluindo aqueles que haviam colocado as anotações na carteira das mulheres, sentiram-se vingados com base em sua leitura limitada da narrativa do presidente Benson. Eles estavam preocupados com o aumento do número de alunas, julgando-as como se elas estivessem vivendo em desacordo com os ensinamentos da Igreja. Elas estavam cientes também de que crescia um movimento nacional contra a discriminação das mulheres. Para algumas delas, certas dimensões do movimento das mulheres conflitavam com sua visão idealista dos valores do evangelho — isso as levava a ficarem mais determinadas a permanecer inalteradas no Estágio Um.

Outras partiram para o lado oposto, tendendo geralmente a minimizar o que presidente Benson havia dito caso não concordassem com ele. Elas estavam presas na complexidade do Estágio Dois. Mas Mitzi e muitas de suas amigas representavam um terceiro ponto de vista, sentindo-se amarradas entre o ideal e o real. Elas haviam entrado no curso de Direito com visões idealistas do que poderiam fazer com sua educação jurídica, sendo solteiras ou casadas. Mas agora, por causa do respeito que sentiam pelo presidente da Igreja, elas se perguntavam se não haviam feito uma má escolha. Elas queriam sinceramente seguir o profeta. A faculdade de direito era sua esperança; mas agora essa esperança parecia frustrada.

Expliquei às alunas que durante minha passagem pela BYU-Idaho, participei das reuniões mensais da Junta de Educação da Igreja com as autoridades máximas da Igreja — incluindo o presidente Benson. Eu sabia, de primeira mão, como eles se sentiam em relação à faculdade de direito. Então expliquei: “Eles sabem que vocês, alunas, estão aqui. E sentem-se muito satisfeitos com isso!” Eu os ouvi, tanto em público quanto em particular, expressarem opiniões favoráveis semelhantes às aquelas citadas pelo presidente Gordon B. Hinckley às mulheres da Igreja: “Obtenham toda a educação que lhes for possível. A vida se tornou muito complexa e competitiva. (...) Vocês precisarão se esforçar muito e usar seus melhores talentos”.³⁰

Paralelamente, os princípios gerais que o presidente Benson havia ensinado sobre as mães acabaram, posteriormente, por coincidir com um tema central do documento publicado pela Igreja, “A Família: Proclamação ao Mundo”, em 1995: “Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se mutuamente, como parceiros iguais. Enfermidades, falecimentos ou outras circunstâncias podem exigir adaptações específicas. Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário.”³¹

Eu queria que elas soubessem que esses princípios verdadeiros se aplicavam tanto à sociedade como à Igreja. Tendo como base minha própria pesquisa em direito da família nos EUA, expressei minha preocupação pessoal de que nossa sociedade tem desvalorizado cada vez mais a maternidade — embora a pesquisa nas ciências sociais tenha mostrado durante anos que a boa maternidade é considerada extremamente importante. Não me recordo de quais esclarecimento compartilhei ali, mas aqueles dados se assemelhavam a pesquisas mais recentes. Um estudo de 2005, por exemplo, descobriu que 81% das mães americanas consideravam a maternidade a coisa mais importante para elas, embora apenas cerca da metade de todas as mães se sentia valorizada pela sociedade nesse papel.³²

Outros dados mostram que as mães são os melhores modelos para ajudar as crianças em seu crescimento ao longo dos estágios necessários para o desenvolvimento do cérebro. Assim, uma maternidade ausente ou ineficaz pode retardar o crescimento do cérebro na infância, afetando negativamente as famílias e a sociedade.³³ Casamentos estáveis e pais estáveis — mães e pais — são os principais fatores que determinam o bem-estar dos filhos. E crianças disfuncionais contribuem para uma sociedade cada vez mais disfuncional.³⁴

Acrescentei que as perspectivas do evangelho por parte de nossos alunos os capacitam, nesse momento, para entender o casamento e a paternidade muito melhor do que a maioria das pessoas. Se nossos alunos fossem solicitados a dizer a outros alunos de direito o que mais importa em sua vida, suas prioridades gerais provavelmente se assemelhariam muito com as do presidente Benson. Isso elevou naquelas mulheres o desejo de obterem uma sólida educação jurídica, junto com habilidades analíticas necessárias para ajudar uma sociedade que está confusa sobre o casamento e a vida familiar.

Resumindo, eu disse que quase nada é mais importante do que a maternidade e a paternidade. Ao mesmo tempo, a Igreja incentiva as mulheres a obterem toda a educação que puderem e, se assim o desejarem, inclusive, um curso de direito. Todos precisamos, em espírito de oração, aplicar esses princípios muitas vezes conflitantes a nossas próprias circunstâncias. As autoridades da Igreja confiam em nossa habilidade de fazermos isso.

A forma que nossos alunos se alinharam com apenas um desses princípios ilustra a tendência atual de se viver em apenas uma das extremidades de um mundo bipolar. Por vezes, julgamos severamente muitos membros da Igreja, não permitindo que tenham espaço para fazer suas escolhas pessoais. Aprender a compreender e viver com princípios verdadeiros concorrentes é uma habilidade essencial — não apenas para alunos de direito, mas para todos nós. Essa habilidade é uma das marcas da simplicidade estabelecida no Estágio Três. Ao fazermos isso, aprenderemos por nós mesmos que “provando-se os opostos, a verdade se manifesta”.³⁵

Como segundo exemplo, podemos igualmente sentir o incômodo da ambiguidade em nossas escolhas ao fazermos sacrifícios pelo Senhor ou pela Igreja diante da incerteza de possíveis resultados. Esse incômodo, às vezes até ansiedade, na verdade nos mostra que estamos atentos para implicações e possíveis consequências daquilo que estamos fazendo — e porque estamos tomando tal decisão. Por exemplo, se eu achar uma carteira cheia de dinheiro, seria perfeitamente normal — talvez até preferível — que eu chegasse à conclusão de que poderia ficar com o dinheiro em vez de sair procurando pelo dono. Essa consciência faz com que minha escolha de procurar o dono seja absolutamente moral. Torno-me consciente da escolha para agir, para arriscar, para ir além — em oposição a uma decisão mecânica e automática.

Muitas vezes, até com certa frequência, falamos de sacrifício real com excessiva leviandade, não consciente da ambiguidade e da ansiedade que podemos honestamente sentir antes de

baixarmos nossa cabeça em submissão a Deus — especialmente quando não podemos entender todas as razões pelas quais, às vezes, devemos ofertar tanto, mesmo sabendo tão pouco. Como afirmou John Tanner ao descrever os heroicos sacrifícios de membros das famílias pioneiras, “em histórias como essas, é fácil — realmente muito fácil — ver a fé e deixar o medo de lado. Mas você não pode deixar o medo e o temor de lado quando essa é a sua própria história”.³⁶

As escrituras ilustram repetidamente esse processo — a doutrina central de andar pela fé (ver 1 Néfi 3:7). Pense na profunda ambiguidade daquele momento em que Abraão parou, tendo à mão um cutelo sobre seu precioso Isaque, sabendo que o sacrifício solicitado ia contra tudo o que mais importava para Abraão: as promessas referentes a seu filho único, à sua posteridade, à sua terra prometida — a tudo, excetuando apenas seu amor incondicional pelo Senhor.

Ester sabia que seu povo estava jejuando e orando por ela, mas ela também sabia que estava arriscando sua vida ao se aproximar do rei. Consciente de sua fé, Ester disse: “E assim irei ter com o rei, ainda que não seja segundo a lei; e se perecer, pereci” (Ester 4:16; grifo do autor). Os três jovens israelitas se aproximaram da fornalha ardente na Babilônia com a mesma convicção: “Nosso Deus (...) nos pode livrar (...), [e] ele há de nos livrar (...). Mas se não, fica sabendo, ó rei (...), que não serviremos a teus deuses”(Daniel 3:17 –18; grifo do autor).

Morôni viveu uma aparente contradição quando ficou encarregado de escrever um testemunho final em placas sagradas. “Em virtude da inabilidade de [suas] mãos”, ele se sentiu incapaz de escrever com poder, dizendo: “Temo que os gentios zombem de nossas palavras”. Então o Senhor lhe ensinou que se ele se humilhasse, Ele transformaria sua fraqueza em força (ver Éter 12:24–30). O Senhor consegue nos ajudar a resolver nossas ambiguidades de maneiras que tanto nos elevam quanto nos fortalecem.

Um jovem ex-missionário abandonou a Igreja porque, segundo ele, “a Igreja não atendeu a [suas] expectativas”. Esse ponto de vista pode simplesmente refletir a postura de um consumidor moderno ao selecionar sua preferência, mas também poderia banalizar sua religião, talvez porque não tenham manifestado brados suficientemente elevados de exortação para segurá-lo. Ainda assim, é provável que esse mesmo jovem tenha vivenciado seu próprio momento de ambiguidade abraâmica, quando precisou decidir em quem ou em que mais desejava confiar. Escolher apatia ou confiar no Senhor e em Sua Igreja poderia, provisoriamente, resolver o drama de uma indecisão – deixando essa ansiedade existencial em banho-maria. A longo prazo, porém, as diferenças entre os dois caminhos serão surpreendentes.

Se pudermos resolver nossas ambiguidades com uma atitude de fé, no final, nossas escolhas fiéis nos levarão à santificação. Aqueles cuja fé não é cega “[veem] com os olhos, e [ouvem] com os ouvidos, e[compreendem] com o coração”. E o pleno exercício de nosso sentido de fé um dia nos levará aos pés Daquele que disse: “Para que (...) eu os cure” (Mateus 13:15).

Notas

27. Carta de Joseph Smith a Daniel Rupp, 5 de junho de 1844, <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838–1856-volume-f-1–1-may-1844–8-august-1844/1#full-transcript>.

28. Ezra Taft Benson, "To the Mothers in Zion", discurso proferido em um serão no dia 22 de fevereiro de 1987, e posteriormente impresso como um panfleto. Ver "President Benson Lauds Blessings of Motherhood", Ensign, maio de 1987.
29. Benson, "To the Mothers", citando David O. McKay, Gospel Ideals (Salt Lake City: Improvement Era, 1953), p. 452.
30. Gordon B. Hinckley, "Stay on the High Road", Ensign, maio de 2004.
31. "A Família: Proclamação ao Mundo,", Ensign, novembro 2010, p. 129.
32. Resumido em The Motherhood Study, Institute for American Values, 2005, americanvalues.org/catalog/the-motherhoodstudy.
33. Ver Joseph Chilton Pearce, The Biology of Transcendence (Rochester, VT: Park Street Press, 2002).
34. Para mais informações sobre esse tema, ver Bruce C. Hafen e Marie K. Hafen, The Contrite Spirit (Salt Lake City: Deseret Book, 2015), capítulo 13.
35. Carta de Joseph Smith a Daniel Rupp.
36. "'One Step Enough': Replacing Fear with Faith," Devocional da BYU, 30 de junho de 1992.

CAPÍTULO 6

O paradoxo da cabeça e do coração

Existem algumas tensões naturais entre a fé e a razão que oferecem uma vertente esclarecedora a respeito das tensões entre a simplicidade inicial e a complexidade. À medida que buscamos o relacionamento correto entre a fé e a razão, tal processo nos prepara para alcançarmos formas mais elevadas de resolução que nos levarão além da simplicidade.

Logo após minha missão, matriculei-me naquele curso de “Questões religiosas”, em que Marie e eu nos conhecemos. Ao escolhermos, cada um, um tópico para estudar e compartilhar, muitas das dúvidas se assemelhavam às questões que hoje preocupam os jovens santos dos últimos dias. Por exemplo, um de nossos colegas de classe foi o talentoso e valente Dillon Inouye. Sua pergunta foi a seguinte: “O evangelho de Jesus Cristo foi realmente restaurado?” Marie preferiu fazer a seguinte pergunta: “Como posso aumentar a influência do Espírito Santo em minha vida?” Minha dúvida era se eu deveria ser um mórmon liberal ou um mórmon conservador. Para ser sincero, o que eu me perguntava era o quanto cabe a cada um de nós desenvolver nossa própria mente, e pensar por nós mesmos, ou o quanto devemos confiar nas autoridades da Igreja e na orientação espiritual.

Richard Poll, professor de história da BYU, escreveu um artigo durante aqueles anos intitulado “O que a Igreja significa para pessoas como eu”. Ele explicava que a maior parte dos membros da Igreja se enquadra em dois campos distintos: mórmons rígidos, da “barra de ferro”, os quais não questionam a Igreja ou o Espírito sobre exatamente como viver; ou mórmons “Liahona”, para quem o evangelho aponta uma direção geral desejável, tendendo a confiar principalmente em sua própria inteligência para decidirem como viver.³⁷ Comentando sobre as duas categorias de Poll, nosso amigo Dillon disse que preferiria encontrar um artigo chamado: “O que a Igreja significa para pessoas semelhantes a (...) Deus”.

Dillon, Marie, eu e nossos colegas de classe enfrentávamos o que o sociólogo católico Thomas O’Dea chamou de “o problema mais significativo do mormonismo”. Em seu livro “Os Mórmons”, publicado em 1957, ele disse que a “grande ênfase da Igreja na educação [superior]” havia criado um sério e inevitável conflito para os universitários Santos dos Últimos Dias, já que a abordagem literal e autoritária da Igreja em relação à religião ia de encontro à independência e ceticismo promovidos pelo pessoal de nível universitário – da mesma maneira como o “ideal” confronta o “real”. Para O’Dea, essa era uma questão muito importante: “O encontro do mormonismo e o aprendizado secular moderno continua em andamento. O futuro do mormonismo dependerá do resultado dessa fonte de tensão e conflito.”³⁸

Cinquenta anos mais tarde, uma pesquisa confiável mostrou que — ao contrário da maioria de outros grupos religiosos — quanto mais elevada a educação de um mórmon, maior será a probabilidade de ele demonstrar um forte compromisso religioso. Por exemplo, cerca de 84% dos mórmons formados em faculdades apresentam um alto compromisso religioso, em comparação com 50% dos mórmons que têm apenas o Ensino Médio.³⁹

Pude perceber pela elevada estatura acadêmica da BYU o quanto a Igreja estava comprometida com o ensino superior. Eu havia retornado de minha missão com novas perspectivas que alimentavam minha fome, até mesmo minha paixão, de aprender. Aproximei-me de alguns professores universitários santos dos últimos dias exemplares e que me motivavam a estudar. Um deles me disse que J. Golden Kimball havia afirmado que não podemos esperar que o Espírito Santo pense por nós mesmos. Outro professor, de quem eu gostava muito, tinha um grande amor pela literatura e pelas artes e enfatizava que os alunos precisavam acima de tudo de disciplina e criatividade pessoal para desenvolver os dons concedidos por Deus.

Meu professor de piano no ensino médio foi Reid Nibley, o irmão mais novo de Hugh Nibley. Reid era um artista espiritualmente reflexivo, mas profissionalmente perfeito. Ele me ensinou que mais sensibilidade na música elevaria minha sensibilidade espiritual, enfatizando que o Senhor nos deu a natureza e as artes “para alegrar o coração (...) e para avivar a alma” (D&C 59:18–19).

Então conheci mentores que defendiam diferentes pontos de vista. Meu presidente de missão, a quem eu amava e admirava, apresentou-me a doutrina de conhecer o Senhor e a doutrina de confiar no Espírito. Passei a valorizar essas doutrinas quando vi seus frutos no trabalho missionário. Ele costumava dizer: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.” (Provérbios 3:5). Ele enfatizava a confiança total de Cristo no Pai: “O Pai, que está em mim, é quem faz as obras.” (João 14:10). Para ele, então, “Cristo havia sido o homem menos original que já viveu”. Ele também alertava contra pessoas que levavam a literatura e as artes a ferro e fogo.

Aproximei-me, também, de um respeitado professor do seminário. Quando ele me perguntou o que eu planejava estudar na BYU, respondi-lhe que queria aprender tudo sobre história, literatura e filosofia. Ele ficou muito preocupado, dizendo-me que eu deveria evitar esses assuntos porque eles facilmente levam as pessoas ao que chamou de “apostasia intelectual”.

Portanto, meus “questionamentos religiosos” giravam em torno da confusão que enfrentei ao tentar reconciliar os pontos de vista conflitantes desses mentores. Nosso professor, West Belnap, disse-me depois de minha apresentação em classe: “Alguns de nossos membros têm isso em sua mente e outros em seu coração. Acho melhor ter isso nos dois lugares”. Entendi isso como uma simples recomendação de equilíbrio. Tal atitude ajudou-me a me decidir pela rejeição de abordagens radicais para minhas perguntas. Comecei, também, a enxergar os problemas levando em consideração seus extremos.

Por exemplo, pude ver o conservadorismo extremo de uma religiosidade ultrazelosa. Fui companheiro de missão de estaca de um irmão que tinha certeza de que o Espírito Santo lhe sussurrava, praticamente, o tempo todo, nos mínimos detalhes, tanto em seus pensamentos como em suas decisões. Ele carregava consigo um caderninho em que registrava longas frases, captando o que acreditava ser o que o Espírito lhe dizia. Ele sacudia o pó de seus pés ao sairmos da casa de alguém não interessado em nossa mensagem. Alguns anos mais tarde, ele concluiu que a Igreja estava equivocada e que Deus o havia chamado para reformar a Restauração. Atraiu um pequeno, porém zeloso, grupo de seguidores. A tendência de “olhar para além do marco” acabou levando ele, sua família e seus adeptos a múltiplas tragédias.

Posteriormente, fui chamado para ser conselheiro de dois bispos bem diferentes em alas de estudantes, os quais ilustravam o amplo leque de personalidades e atitudes que encontramos entre os líderes da Igreja. Um deles era extremamente autoritário, rígido e que desconfiava

das disciplinas acadêmicas. O outro estava no extremo oposto do espectro — tinha um pensamento aberto, crítico e intelectual. Era amigo de algumas autoridades gerais e gostava de nos contar sobre as grandes diferenças de opinião entre esses irmãos. Então, ele passou a ver não apenas os pontos de vista divergentes, mas também sérias falhas pessoais nesses líderes. Essas preocupações tomaram conta dele, comprometendo sua disposição de seguir os conselhos dos líderes da Igreja em geral cujos pontos de vista eram diferentes dos seus. Alguns anos mais tarde, ele amargamente também abandonou a Igreja e sua família.

Essas experiências reforçaram minha inclinação para buscar o que eu chamaria simplesmente de abordagem equilibrada. Eu não precisava ficar fazendo toda hora uma escolha entre meu coração e minhas ideias. Pude ver que a tensão entre a fé e a razão vem de longa data. Durante a época de Cristo, Ele ensinou Seu evangelho quase que exclusivamente às pessoas de tradição hebraica. Poucos anos depois de Sua morte, os gentios do Império Romano que tinham herança grega começaram a entrar na Igreja Cristã, até o ponto em que o Cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano no século IV. Essa enorme mudança histórica fundiu as culturas hebraica e greco-romana, combinando duas tradições religiosas muito diferentes.

Um historiador disse que essa fusão mesclou “toda a tradição hebraica com a cultura clássica [greco-romana]”.⁴⁰ E vendo que o pensamento grego influenciou fortemente o Império Romano, um outro historiador escreveu: “Aqui estavam duas raças [os gregos e os hebreus], vivendo não muito distantes, [porém] em completa ignorância um quanto ao outro. Foi a fusão do que era mais característico dessas duas culturas — a seriedade religiosa dos hebreus com a razão e a humanidade dos gregos — que formaria posteriormente a base da cultura europeia”.⁴¹

Falando sobre esse divisor de águas histórico, Daniel Peterson, da BYU, escreveu que o centro de gravidade do Cristianismo mudou de Jerusalém para Atenas, e que a universalidade da língua grega gradualmente foi desfazendo os vínculos do Novo Testamento com as raízes hebraicas do Velho Testamento. A influência grega resultante preservou as palavras de Cristo no Novo Testamento apenas na língua grega. “Os mórmons,” escreveu ele, “reconhecem nesta [absorção grega do Cristianismo] pelo menos um aspecto do que chamam de ‘a Grande Apostasia’”.⁴²

Tanto o evangelho restaurado quanto a cultura americana contêm vertentes que se inspiram na herança hebraica e na herança grega. Isso me ajudou a entender os conflitos que vivenciei em meus dias de estudante. Por exemplo, a maioria das moedas dos EUA contém duas frases familiares: “Liberdade” e “Em Deus confiamos”. A “liberdade” pessoal do indivíduo era um elemento-chave nos valores gregos. Para os gregos, o homem era a medida de todas as coisas. Para Sócrates, nada era mais importante do que “conhecer a si mesmo”, e seu objetivo final era enobrecer o homem por meio da razão.

Mas a outra frase da moeda, “Em Deus confiamos”, teria deixado um grego do passado perplexo — embora isso fizesse alusão à alma hebraica, que colocava toda a sua confiança em Deus. O padrão hebraico buscava glorificar a Deus, não ao homem, e a pessoa alcançava esse objetivo por meio da fé e da obediência, não por meio do raciocínio humano. Essa pequena comparação contém as sementes de incontáveis argumentos que diferenciam a razão e a fé.

A Restauração valoriza tanto a liberdade pessoal quanto a razão pessoal. Nenhuma outra religião ou filosofia tem uma visão mais elevada da natureza e do potencial do homem, conforme evidenciado nas escrituras como “Esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem” (Moisés 1:39) e “O homem também estava no princípio com Deus” (D&C 93:29). Outras escrituras enfatizam o lugar da razão: “Deves estudá-lo bem em tua mente” (D&C 9:8) e “Todas as coisas mostram que existe um Deus” (Alma 30:44). E o Élder John A. Widtsoe escreveu um livro da Igreja intitulado *A Rational Theology* [Uma Teologia Racional].

Por outro lado, a Restauração ensina que todas as bênçãos se baseiam na obediência (ver D&C 130:20–21). A fé em Deus é tanto o primeiro princípio do evangelho quanto um alerta essencial contra a liberdade e a razão incondicionais. Quando desobedecemos a Deus, não apenas rejeitamos a autoridade divina, mas também nos desqualificamos para bênçãos futuras.

Observem no diagrama acima dois círculos que se sobrepõem parcialmente. Um círculo representa a tradição grega, com ênfase na razão e no individualismo; o outro representa a tradição hebraica, com ênfase na fé e no autoritarismo. Em uma extremidade encontra-se apenas a tradição grega; na outra encontra-se apenas a tradição hebraica. Na parte em que elas estão sobrepostas, as duas tradições podem se examinar mutuamente.

Vamos encontrar problemas se o autoritarismo rígido de nossa linha hebraica se desvincular completamente da sensatez bem ancorada de nossa vertente grega. Isso foi o que aconteceu com meu ex-companheiro de missão de estaca — a vertente hebraica o fez pirar. Sem o exercício da razão e do bom senso, ele se desviou da margem direita e se tornou uma espécie de “mórmon cultista”.

Por outro lado, o bispo desandou quando não conseguiu se harmonizar em meio às diferenças e às limitações que percebia entre alguns líderes da Igreja. Seu compromisso desenfreado com a razão apenas o arrastou para fora da Igreja — a linha grega fugiu do controle. Poderíamos ver os que se acham neste extremo do espectro como “mórmons culturais”, aceitando apenas a parte do evangelho que atende seu padrão de racionalidade. Portanto, podemos acabar desandando, tanto no extremo da direita do círculo como no da esquerda — ambos como potenciais respostas às complexidades criadas pelo conflito entre a fé e a razão.

A área comum, onde coexistem princípios individualistas e autoritários, oferece uma perspectiva mais produtiva. Aqui, tanto o autoritarismo quanto o individualismo atuam como contrapesos recíprocos. Ambos os conjuntos de princípios são verdadeiros e ambos desempenham um papel em nossas decisões e atitudes — embora circunstâncias variáveis possam levar a resultados diferentes em casos específicos. Uma interação semelhante de confronto e equilíbrio poderia ocorrer entre a fé e a razão, ambas podendo se entreolhar na região em que estão sobrepostas.

Na sobreposição de nossa dupla herança, os princípios verdadeiros extraídos de ambas as tradições poderiam às vezes competir e entrar em conflito. Por exemplo, conforme observado anteriormente, a “liberdade” se encontra em uma tensão natural com “em Deus confiamos”. Se confiarmos em Deus, precisaremos pesar nossa liberdade nos limites que Ele estabelecer. E sabemos que os ensinamentos de Cristo estão carregados de paradoxos semelhantes — princípios verdadeiros que parecem estar em conflito, mas que podem ser reconciliados por

doutrinas superiores. Então West Belnap estava certo. Devemos cultivar nosso compromisso religioso tanto em nosso coração quanto em nossa mente, mesmo que isso signifique que devamos, também, operar por meio de paradoxos.

Descobri, igualmente, que a melhor maneira de resolver essas tensões não é por meio de debates abstratos, mas por meio de exemplos pessoais de pessoas reais — como o élder Neal A. Maxwell, cujo coração e cuja mente funcionavam muito bem em conjunto. Por exemplo, para incentivar os profissionais da Igreja a contribuírem plenamente para o interesse tanto de suas disciplinas quanto da Igreja, ele disse: “Na BYU, não podemos permitir que o mundo condene nosso sistema de valores chamando a atenção para nossa mediocridade profissional”.⁴³ Ele também disse aos alunos e aos professores da BYU para não terem medo de lidar com o mundo fora da Igreja, porque o mundo precisa deles. Ele os convidou a ser como José do Egito. Na fome espiritual de hoje, entrar em um confronto e recorrer aos poderes divinos em seu trabalho profissional permitirá que eles se tornem parte das soluções da sociedade, não apenas uma boca faminta a mais a ser alimentada.

Ele os exortou a levarem a sério tanto a erudição quanto o discipulado, porque a erudição fiel inclui a vida da mente e a vida do espírito. Ao mesmo tempo, ele acreditava que todas as dimensões do evangelho são relevantes para os problemas sociais modernos e que, sempre que possível, os estudiosos da Igreja deveriam colher suas premissas de pesquisa a partir dos ensinamentos do evangelho.

O equilíbrio oferece uma base importante para resolver a tensão entre princípios conflitantes. Haverá sempre maior firmeza sobre duas pernas do que sobre apenas uma. Mas a coisa vai até mais longe. Precisaríamos perguntar o que poderemos encontrar além do equilíbrio.

CAPÍTULO 7

Ir além do equilíbrio

Quando as crianças se equilibram pela primeira vez, elas conseguem se movimentar, subir, carregar coisas de uma maneira antes impossível. West Belnap ajudou-me a solidificar a compreensão de minha necessidade de equilibrar o coração e a mente. Como resultado, com o passar dos anos, fui aprendendo cada vez mais a me movimentar, a subir e a carregar coisas pesadas com base nesse equilibrado alicerce. Pude passar para a fase seguinte, que agora parece ter sido a fase da simplicidade que vai além da complexidade.

Por exemplo, entrevistei um candidato a professor da BYU que descrevia suas convicções religiosas como “uma fé inteligente”. No primeiro momento, sua atitude parecia coerente e construtiva. Mas, ao refletir melhor sobre sua afirmação, comecei a me perguntar sobre como mesclar a palavra fé com a palavra inteligente, porque para mim, às vezes, a fé verdadeira e devota precisa nos levar para além de onde a razão pode nos levar.

Lembrei-me da visita do presidente Marion G. Romney à minha missão, na Alemanha. Durante uma sessão de perguntas e respostas, um missionário perguntou: “Por que não batizamos pessoas mais inteligentes?” O presidente Romney citou D&C 93:36–37: “A glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade. A luz e a verdade rejeitam o ser maligno”. Então ele perguntou: “Alguém que se filia à Igreja abandona o mal e aceita a luz e a verdade?” O missionário respondeu afirmativamente. O presidente Romney perguntou: “Então, que tipo de pessoa ele é?” Depois de uma pausa, o missionário, surpreso, disse: “Inteligente?” O presidente Romney disse: “Exatamente. Vamos para a próxima pergunta”.

Eu sabia o que estava por trás da pergunta do missionário. Podia ver também que, com algumas exceções, não atraímos muitos pesquisadores entre o que chamaríamos de “intelectualidade” alemã. Percebi que no início da história desta dispensação, assim como nos tempos bíblicos, as pessoas atraídas pela mensagem do evangelho eram frequentemente descritas nas escrituras como os fracos e os simples desta terra (ver D&C 1:23). Pois “ninguém é aceitável perante Deus, a não ser os humildes e brandos de coração” (Morôni 7:44), e com muita frequência, quando as pessoas “são [instruídas,] pensam que são [sábias] e não dão ouvidos ao conselho de Deus” — ainda assim, “é bom ser instruído, quando se dá ouvidos aos conselhos de Deus” (2 Néfi 9:28–29).

Mais ou menos nessa época, pude observar um amigo, que tinha aproximadamente a minha idade, e ver sua saúde se deteriorar em razão de uma esclerose múltipla. Ele gradualmente perdeu sua capacidade de andar, de ficar de pé e de se sentar. Durante o período em que se achava acamado, sua esposa morreu de câncer. A família o levou para o funeral em uma cama de hospital. Pouco depois do enterro, fomos visitá-lo em sua casa. Quanto mais ele falava, mais surpreso eu ficava com o espírito de paz e de luz que o cercava. Ele disse que não conseguia parar de pensar em como sua vida tinha sido afortunada — muito abençoada pela mulher com quem havia se casado, pelos filhos que o Senhor lhes dera, e por sua rica vida juntos na pequena e agradável cidade onde moravam. Ele ria enquanto dizia o quão abençoado se sentia, pensando nas viagens do tipo “felizes para sempre” que ele e sua esposa fizeram nos primeiros anos de casamento, mesmo sem ter dinheiro para isso.

Ele falou de sua admiração pelos pioneiros que deixaram Nauvoo a fim de se estabelecerem em Utah. Lembrou-se de que muitos deles haviam recebido a investidura no Templo de Nauvoo para fortalecê-los durante sua travessia naquele terrível deserto. Cada sinal que vinha dele era autêntico; ele não dava sinal nenhum de que sentisse pena de si mesmo. A luz em seu rosto e o espírito na sala me diziam que eu estava contemplando o sagrado processo de santificação que, paradoxalmente, parecia deixá-lo melhor mesmo em meio àquela condição física deteriorada.

Naquela noite, li em D&C 101:2–5: “Eu, o Senhor, permiti que lhes sobreviessem aflições [e] todos os que não querem suportar a correção (...) não podem ser santificados” (grifo do autor). A simplicidade mansa e humilde que buscamos além da complexidade tem um preço — embora nem sempre venha por meio de sofrimento físico. O sacrifício pode assumir muitas formas, nem todas explicáveis plenamente pela razão.

Então, vi nosso filho Tom e sua esposa, Tracy, vivenciarem o nascimento de uma criança com uma grave paralisia cerebral. Como o bebê podia nascer de modo antecipado, Tracy ficou em repouso absoluto por nove semanas. Apesar do desconforto e das advertências médicas, ela se tornou obstinada em manter a gravidez até que o bebê sobrevivesse ao nascimento. Certa noite, ela sentiu que, de alguma forma, seu sacrifício se assemelhava ao exemplo do Salvador — o de conceder a força de seu corpo para fortalecer um outro. Esse entendimento a ajudou a enxergar sua experiência como um privilégio, não como um fardo.

Eles deram ao bebê o nome Chaya, que significa “vida”, em hebraico. Chaya nunca foi capaz de andar, de falar ou de se alimentar sozinha. Mas seu sorriso podia iluminar uma sala. Logo no início, Tom deu a Chaya uma bênção na qual ele reconheceu o nascimento dela como um evento decisivo na vida de seus pais. Ele sentiu que Deus conhecia suas circunstâncias e que a condição daquela criança tinha um grande propósito. A família havia sido convidada a oferecer um sacrifício que, de alguma forma, tornaria o sacrifício do Senhor mais significativo para eles. Chaya acabou falecendo aos 15 anos de idade, mas as convicções que eles sentiram após a bênção do pai floresceram continuamente no seio da família.

Algo em torno dessas duas experiências me trouxe de volta ao significado de “fé inteligente”. Aquelas prolongadas e degradantes doenças e, na sequência, a morte de meu amigo e da Chaya desafiavam qualquer explicação racional, mas eu havia presenciado seus efeitos santificadores. Descobri que uma busca equilibrada por conhecimento, por mais valiosa que seja, talvez não precise se constituir em nosso objetivo final. O simples conhecimento de algo não nos santificará; não nos tornará capazes de viver na presença de Deus. E nossas circunstâncias santificadoras nem sempre terão uma base racional. Dada sua própria natureza, a fé, em última análise, levar-nos-á além dos limites da razão. Portanto, se condicionarmos nossa fé à racionalidade, poderemos nos distanciar de uma experiência santificadora, acabando por não descobrir o que a experiência poderia nos ensinar.

Ainda que ceder a tais experiências transformadoras seja necessariamente um passo de fé, não chegaremos nesse ponto até darmos os passos necessários na direção daquela luz que nosso conhecimento pode alcançar. Viver uma vida repleta de sacrifícios na busca de um propósito para essa mortalidade, especialmente durante aqueles dias em que tudo parece não ter sentido, vai nos providenciar a experiência de que necessitaremos para que apreciemos o valor de nossa santificação.

Na equilibrada postura de aceitação do ideal e do real, damos valor ao individualismo e à razão, mas valorizamos igualmente nossa fé na autoridade de Deus. Não faria sentido

querermos voltar a uma simplicidade tão inocente a ponto de completamente colocarmos de lado a razão ou a fé. A simplicidade que vai além da complexidade nos convida a perceber que uma abordagem equilibrada, por si só, não é suficiente. Quando formos pressionados ao extremo, atingiremos um novo nível que se inspirará mais profundamente em nossas raízes hebraicas.

A propósito, o élder Maxwell afirmou que “devemos ter nossa cidadania em Jerusalém com um passaporte para Atenas”.⁴⁴ Parte do sacrifício que o Senhor pode exigir de nós é o de que aceitemos o que Ele “achar que [nos] deve nos infligir” (Mosias 3:19) sem querermos entender por que precisamos passar por alguma noite tenebrosa da alma. Confiaremos que, em algum momento, a luz do poder expiatório de Cristo sobrepujará nossas trevas e nos abençoará com compreensão.

Embora admirasse a boa intelectualidade, o élder Maxwell acreditava que a vida de um discípulo educado tem mais a ver com a consagração do que com a erudição. Ele acreditava que a “intelectualidade fiel [poderia se tornar] uma maneira de adorar, como uma outra forma de consagração”. Mas ele ficava preocupado com intelectuais e alunos que preferem examinar e medir tanto o evangelho como a Igreja com base no que aprenderam em suas disciplinas acadêmicas — mais do que examinar suas disciplinas utilizando as lentes do evangelho.

Quando o élder Maxwell me pediu para escrever sua biografia, pensei, inicialmente, que a grande contribuição de sua vida iria ser tornar-se um poderoso modelo para os santos dos últimos dias dotados de instrução. No entanto, minha pesquisa logo me mostrou que a mensagem principal de sua vida tinha mais a ver com o verdadeiro discipulado do que com o aprendizado acadêmico. Por exemplo, sua compreensão da palavra discípulo evoluiu com o tempo. Ele usou o termo pela primeira vez na década de 1960 como sinônimo de membro da Igreja. Posteriormente, como comissário de educação da Igreja no início dos anos 1970, ele ficou preocupado com a crescente influência do secularismo moderno. Ele começou, então, a usar a palavra discípulo para descrever os membros da Igreja que resistiam aos cantos de sereias seculares. Mais tarde, ele veio a conhecer membros da Igreja que cresciam espiritualmente ao enfrentarem dificuldades. Ele foi sentindo que aquelas pessoas eram os verdadeiros discípulos.

Seu chamado para o Quórum dos Doze em 1981 estimulou-o a dedicar mais atenção para se tornar um discípulo de Cristo mais fiel. Como reflexo de sua grande determinação em alcançar uma vida melhor, seus textos e suas palestras naquele momento se concentravam mais no relacionamento pessoal do discípulo com Cristo e como o Senhor nos ajuda a desenvolver atributos cristãos tais como paciência, esperança e humildade de coração. Ele também passou a ver o discipulado mais como um processo do que como uma escolha isolada, percebendo que o Senhor às vezes faz uso da adversidade para ensinar a Seus seguidores o que eles precisam aprender para crescer.

Por isso ele escreveu, de uma forma que ganharia sentido pessoal para ele, que “o próprio ato da escolha de se tornar discípulo pode acarretar um certo sofrimento pessoal. [Tal] sofrimento e correção são expressões decorrentes de um discipulado profundo, no momento em que o Senhor nos carrega “até o máximo de nossa fé; [e] no limite de nossa confiança; [e] vamos vivendo em meio a um aprendizado ministrado pelas mãos de um Pai amoroso”.⁴⁵

Então, quando seus médicos lhe disseram em 1997, quando ele tinha 70 anos de idade, que ele havia adquirido uma forma agressiva de leucemia, não foi nenhuma surpresa ele ter dito a sua esposa, Colleen: “Eu já devia ter presumido que isso iria acontecer”. O que ele quis dizer?

Neal Maxwell, o zeloso estudioso do discipulado, matriculado anos antes para receber aulas divinas, estava agora sendo aprovado pelo seu tutor para seus estudos clínicos de pós-graduação. Nos sete anos restantes, ele abraçou de corpo e alma o doloroso processo de santificação como roteiro final de seu aprendizado.

A maioria das pessoas que vivencia uma doença terminal tem dificuldades para superar os sofrimentos decorrentes, mas isso não aconteceu com o élder Maxwell. Ele passou por um período de testes e de refinamentos. E por haver decidido que não permitiria que sua miséria o sucumbisse, ele passou a assimilar o que sua nova compreensão lhe ensinaria, ajudando-o com isso a ensinar outras pessoas. Ele aprendeu espiritualmente que o Senhor o havia dado a leucemia para que ele “pudesse ministrar com mais autenticidade”.

Como resultado, quem já o conhecia havia anos descobria nele, naquele momento, um novo refinamento, uma maior empatia, uma maior sensibilidade espiritual e uma compaixão mais atenta às necessidades das outras pessoas. O élder Maxwell acolheu essa experiência como um presente, não como uma conquista. Ele sabia que o Senhor estava lhe dando um coração novo e santificado, cheio de atributos divinos, afirmando: “O coração do homem natural é muito egocêntrico e rude”. Mas “a adversidade consegue suprimir a hipocrisia ali presente em excesso. [Para mim, então,] tornou-se uma enorme aventura espiritual, que eu não gostaria de ter perdido. E mesmo que isso tenha incorrido em [custos elevados], foi uma grande bênção. Eu sei que as pessoas podem pensar que estou sendo um herói ao dizer isso, mas essa é a pura verdade”.⁴⁶

Ter visto de perto a experiência do Élder Maxwell, assim como ter acompanhado a experiência de meu amigo com esclerose múltipla, mudou minha perspectiva acerca de meu “questionamento religioso”. Passei a ver mais do que um mero equilíbrio, sentindo um desejo mais elevado de desenvolver a capacidade de fazer sacrifícios que resultam em santificação. Aqueles que buscam a santificação devem com frequência pagar um preço elevado, que ultrapassa nossa compreensão lógica. Em vez de buscar uma explicação racional, o élder Maxwell dizia com segurança que tinha total confiança no amor de Deus por nós, mesmo sem compreender o significado de todas as coisas (ver 1 Néfi 11:17).

Há não muito tempo, um estudante amigo nos fez uma visita. Meses antes, havíamos conhecido seu pai em um hospital, internado com uma doença terminal em estado avançado. Apesar de suas dúvidas e lágrimas, esse pai expressava muita paz e muito propósito. Ele sabia que seus dias estavam contados, mas aceitara o desafio de seu presidente de estaca de ler as escrituras e internalizar tudo o que pudesse sobre a doutrina da santificação. Seu semblante e seus pensamentos eram semelhantes aos que eu já havia visto antes, com meu amigo e com o élder Maxwell. Compartilhamos algumas palavras com o intuito de encorajá-lo, mas foi ele quem nos ofereceu uma perspectiva espiritual.

Seu filho voltou para nos contar que seu pai havia acabado de falecer. Ele então nos falou do que seu pai lhe havia ensinado sobre santificação durante aquelas semanas finais, e isso havia mudado decisivamente sua visão da vida cotidiana. Com base na experiência de seu pai, ele disse que, agora, não queria esperar até que tivesse uma doença terminal. Ele queria viver sua vida de uma maneira melhor — mais à semelhança do que ele chamou de “coisas da eternidade”. A visita desse aluno de certa forma ilustrou para nós a simplicidade que vai além da complexidade, embora eu provavelmente soubesse que ele teria de pagar seu próprio preço elevado, passando a examinar mais sua própria complexidade pessoal.

Existe algo no sacrifício consagrado de um coração quebrantado e de um espírito contrito que nos enriquece com visão interior, levando-nos a um grau mais elevado do que um simples equilíbrio pode nos levar — embora esse alicerce equilibrado possa nos ajudar a avançar para o alto. A simplicidade que vai além da complexidade não nos pede para sacrificarmos qualquer coisa de valor em nosso raciocínio, embora reconheça os limites da razão. No entanto, sob essa ótica mais elevada, necessitamos de uma investigação ainda mais rigorosa, especialmente sobre como nutrir as coisas da eternidade.

Nesse nível de amadurecimento da simplicidade, ser um verdadeiro discípulo não é tanto uma questão do que se faz ou de como se pensa, mas sobre o que somos e quem somos — e quem estamos nos tornando. No decorrer de sua vida adulta, o élder Maxwell gradualmente transferiu a ênfase de suas preocupações de nível “macro” ligadas à secularização e aos problemas sociais para as de nível “micro”, mais voltadas à escala pessoal de como viver nossa vida. Não que os problemas “macro” não fossem importantes — ele apenas tinha ciência de que os problemas “micro” são aqueles com os quais podemos fazer alguma coisa. E, a longo prazo, ele tinha conhecimento de que a maneira do evangelho de mudar o indivíduo é a única forma duradoura de mudar a sociedade. Conforme ele disse, no final, não existem palavras hifenizadas, a exemplo de discípulo-intelectual. Se, no final, não formos discípulos autênticos, não importará tanto o que possamos ser além disso.

A pintura abaixo é uma versão visual de como adentrar na simplicidade que vai além da complexidade. É a representação do pintor suíço Eugene Burnand de João e Pedro, verdadeiros discípulos, correndo para o túmulo bem cedo na primeira manhã de Páscoa. Nas palavras de João, os “dois corriam juntos” (João 20:4; grifo do autor) até chegarem ao sepulcro.

Esses dois rostos captam a ansiosa tensão entre a fé e a razão. Visto que ninguém jamais havia ressuscitado dos mortos, seria irracional para João e para Pedro pensar que Cristo viveria novamente. Tanto que eles não O entenderam quando disse que logo iria deixá-los: “Um pouco, e ver-me-eis (...); [e] a vossa tristeza se converterá em alegria” (João 16:17–20). Entretanto, seu rosto também mostra sua fé e esperança crescendo para superarem seus medos racionais. E ao encontrarem, finalmente, o Senhor ressuscitado, o fato de Pedro e de João terem tido fé suficiente para correr até Ele, acentuou o impacto derradeiro da complexidade que cultivaram.

Esta pintura nos fala sobre partir para a ação, mexer-nos — logo cedo, como na manhã de Páscoa. Não precisamos aguardar até contrairmos uma doença terminal para levar a sério as coisas da eternidade. Podemos sentir nesse exato momento a emoção de acelerar nossos passos ao corrermos para encontrá-Lo. E podemos intensificar, desde já, nosso desejo de viver mais perto dessa presença eterna, para que Ele nos prepare melhor para aquela complexidade adicional santificadora que nos aguarda.

Notas

44. Hafen, *Disciple’s Life*, p. 379.

45. Hafen, *Disciple’s Life*, p. 12.

46. Hafen, *Disciple’s Life*, pp. 558–559.

CAPÍTULO 8

Quando virão os anjos?

O véu que separa o céu e a terra normalmente nos impede de ver o Senhor e Seus anjos. Entretanto, nos primórdios de nosso crescimento espiritual, podemos passar por momentos inconfundíveis, quando o véu vai ficando mais fino, e nossa crença se transforma em certeza: “Que impressionante! E isto não é real?”, exclamamos. E Alma responde: “Sim, porque é luz; e (...) pode ser discernido” (Alma 32:35). No entanto, nosso discernimento dessa luz não gera um conhecimento perfeito. Precisamos ainda nutrir a árvore da fé para “criar raízes” no dia a dia, “quando [chega] o calor do sol e a [abrasa]” (Alma 32:37–38). Na espera e na luta por uma luz maior, nossa labuta pode durar muitos anos.

Nossa descoberta do mundo invisível aumenta no curso de nossas primeiras experiências de conversão, com o trabalho missionário, a ida à faculdade, ou quando nos apaixonamos. Podemos comparar esses períodos cruciais de avanço espiritual com a época da dedicação do Templo de Kirtland, na história da Igreja, e comparar nossa vida recente com a época da dedicação do Templo de Nauvoo – podendo ir até mais longe. Essa comparação ilustrará o modelo com o qual já estamos familiarizados: ir da simplicidade à complexidade e da complexidade à uma nova simplicidade.

Na história da Igreja, os períodos de Kirtland (1830–1838) e de Nauvoo (1839–1846) foram preenchidos com mesclas distintas de bênçãos surpreendentes e oposições assustadoras. Nós nos concentraremos na época específica da dedicação dos templos dessas duas cidades.

Os primeiros anos em Kirtland foram extraordinariamente radiantes para Joseph Smith e para os santos. Eventos maravilhosos os abençoaram em apenas poucos anos — a visão no bosque, a publicação do Livro de Mórmon, a organização da Igreja, o entusiasmado início do trabalho missionário, a Escola dos Profetas e as poderosas revelações delineando um glorioso futuro. Foi uma época vibrante e de entusiasmo. Os santos mal podiam imaginar o que estava à espreita, em uma virada da história, à semelhança de uma serpente mortal pronta para o bote: turbas, perseguição, apostasia e martírio.

Mas os anjos vieram antes. Na verdade, a dedicação do Templo de Kirtland em março de 1836 foi provavelmente a maior manifestação espiritual da história da Igreja em nossos tempos. Joseph escreveu que logo após a oração dedicatória, “Frederick G. Williams levantou-se e testificou que [durante a oração] um anjo entrou pela janela e sentou-se entre o patriarca Smith e ele. David Whitmer também havia visto anjos no edifício”.⁴⁷

Posteriormente, “o irmão George A. Smith levantou-se e passou a profetizar, quando se ouviu um ruído semelhante ao som de um vento forte e impetuoso, que preencheu o Templo, e toda a congregação se levantou simultaneamente, sendo movida por um poder invisível; muitos começaram a falar em línguas e a profetizar; (...) e vi que o templo estava repleto de anjos. (...) As pessoas da redondeza vieram correndo (ao ouvirem um som incomum de dentro e ao verem uma luz brilhante como uma coluna de fogo pousando sobre o Templo), e ficaram surpresas com o que estava acontecendo.”⁴⁸

Joseph disse o seguinte na reunião de encerramento: “O Salvador apareceu a alguns, enquanto anjos ministraram a outros, e foi um dia de Pentecostes e uma investidura, foi algo real, para ser lembrado por muito tempo, pois o som partirá deste lugar para todo o mundo, e os acontecimentos deste dia serão registrados nas páginas da história sagrada, para todas as gerações”.⁴⁹

Agora compare essas experiências gloriosas com as terríveis condições que cercaram a dedicação do Templo de Nauvoo, apenas nove anos depois. Joseph e Hyrum foram assassinados. A Igreja foi atormentada com dissensões e apostasias, e o espírito sombrio do martírio pairou sobre Nauvoo, exatamente como aquele anjo destruidor da morte. Os santos sabiam que não poderiam ficar ali. Eles trabalharam freneticamente para terminar o templo, ao mesmo tempo em que se preparavam para sua terrível jornada para o Oeste.

Parte do Templo de Nauvoo foi dedicada em outubro de 1845, antes mesmo de a obra estar concluída, e em dezembro, Brigham Young começou a administrar as ordenanças do templo dia e noite. Em dois meses, a primeira companhia de vagões cruzou o congelado rio Mississippi, para nunca mais voltar.

Conta-se a história de um converso cego chamado irmão Williams, que veio de Massachusetts para Nauvoo a tempo de ajudar na construção do templo. O irmão Williams tinha ouvido as histórias de Kirtland e acreditava fervorosamente que, quando o Templo de Nauvoo fosse dedicado, o Salvador e até mesmo Joseph, ressuscitado, voltariam. Ele previu grandes manifestações espirituais que curariam sua cegueira. Ele acreditava que cada pedra que colocavam o trazia um passo mais perto da mão de cura do Salvador. Mas a dedicação do Templo de Nauvoo não aconteceu como em Kirtland. Não houve registros de manifestações visíveis, ministérios angelicais, nem algo semelhante a Pentecostes.

Os anos de juventude que vivenciamos como missionários e estudantes são, na maioria dos casos, apesar das típicas dificuldades do aprendizado, uma espécie de Kirtland para nós: uma época singela e bonita, cheia de descobertas intelectuais, momentos espirituais particulares e convicções idealistas que não param de florescer. Esses anos podem nos elevar acima da turbulência e confusão dos vales mundanos até o pico de uma montanha elevada, onde podemos desenvolver uma proximidade crescente com o Infinito. Mas o dia da complexidade não escapa — o dia em que devemos descer de nossas montanhas e deixarmos para trás nossas Kirtlands.

Mais cedo ou mais tarde, ao passarmos por algo semelhante, vivenciaremos nossa própria e perturbadora Nauvoo, possivelmente várias vezes. Teremos nossos próprios rios congelados e terrenos áridos para atravessar, um deserto moral, intelectual ou espiritual para adestrar. Talvez nos sintamos desnorteados e desapontados, olhando para trás com saudade, tendo o desejo de saber como recuperar aqueles anos de juventude em Kirtland.

Quando nossa Nauvoo chegar, poderemos sentir um declínio em nosso sentimento de apreciação espiritual, já que as pressões e poluições acumuladas em nossa vida parecerão lançar dúvidas sobre a realidade da inspiração ou do valor da Igreja como instituição, ou do valor de nos consagrarmos de modo altruísta aos outros. Alguns de nossos amigos, ou alguns de nossos inimigos, poderão nos alarmar com relatos de que uma ou outra parte da história da Igreja ou doutrina não são aquilo em que acreditávamos.

Quando nossa Nauvoo chegar, poderemos nos achar vivendo em uma cultura que pouco oferece a nossas crenças quanto aos ideais de uma vida familiar, com um ambiente que

ameaçaria nosso respeito pelo casamento e pelos filhos. Alguns poderão começar a cultivar uma crescente sensação de distância no casamento, já que as pessoas ao nosso redor consideram que os homens e mulheres modernos não devem se sentir limitados por compromissos familiares sólidos. Mas conhecemos melhor as coisas, pois já moramos em Kirtland, onde o Espírito nos sussurra que a doutrina é verdadeira: o casamento é sagrado e o amor dura para sempre.

Quando nossa Nauvoo chegar, talvez fiquemos tristes, achando que nossa vida anterior em uma Kirtland não é bem aquilo que pensávamos. “Como fazer dessas histórias algo de verdadeiro?”, alguns perguntarão. “Agora, quando mais precisamos, não vemos anjos por aqui. Acho que o que acontecia em Kirtland não passava de uma vã imaginação de nossa juventude.” Talvez venhamos a nos sentir pressionados para começar a ver as coisas dessa maneira, quem sabe, cercados por aqueles que sussurram zombeteiramente em nossos ouvidos, exatamente como inimigo fazia em Nauvoo: “Seu profeta está morto. Acorde — foi tudo um sonho de criança.”

Quando nossa Nauvoo chegar, isso não será nenhuma surpresa, nem nos desviará do caminho, se mantivermos a imagem de Kirtland brilhando vivamente em nossa memória. Então responderemos: Está tudo bem, nós entendemos. “Por agora não podeis, com vossos olhos naturais, ver o desígnio de vosso Deus com respeito às coisas que virão mais tarde (...). Pois após muitas tribulações vêm as bênçãos” (D&C 58:3–4). Uma simplicidade nova e mais profunda — aquela pela qual ansiamos — chegará até nós somente após atravessarmos nosso período de complexidade.

Então, pegaremos nossos carrinhos de mão e nossa família e partiremos em direção ao Oeste. Ao tomarmos essa decisão, entenderemos que Kirtland nos havia sido dada como um testemunho inicial, para ser contado aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos, para que eles venham a saber que Deus é o Senhor. Ele nunca se distrai; ele nunca dorme. Saberemos disso para sempre, após termos vivido aquela época radiante na aldeia de Kirtland.

Ainda nos lembramos do irmão Williams, com seus olhos cegos, brilhando de esperança, esperando Jesus e Seus anjos virem ao Templo de Nauvoo. Não sabemos o que aconteceu com ele depois de Nauvoo. Teria ele encontrado a cura pela qual ansiava? Teria ele encontrado o Salvador e visto a face de Joseph? Supomos que ele e outros irmãos fiéis tenham encontrado a luz e a paz que buscavam — talvez bem depois, quem sabe no último carrinho, após uma trilha sombria na planície, ou na luta para construir uma nova vida, bem longe, lá no Oeste.

A nossa impressão é a de que o irmão Williams tenha feito descobertas semelhantes às descobertas que os santos no grupo de carrinhos de mão dos Irmãos Martin e Willie vivenciaram nas fortes nevascas das planícies do Wyoming. Um sobrevivente afirmou o seguinte: “[Saímos] dali com o conhecimento absoluto de que Deus vive, pois o conhecemos em nossos extremos”. Muitas vezes, ele continuou achando-se ainda “tão fraco e cansado pela fome e por doenças que mal conseguia colocar um pé à frente do outro”, ele começou a sentir que o carrinho de mão o empurrava para frente. Mas sempre que ele olhava para trás “para ver quem estava empurrando [se] carrinho, (...) [seus] olhos não viam ninguém. [Ele] sabia, então, que os anjos de Deus estavam ali”.⁵⁰

Tais manifestações angelicais invisíveis em momentos extremos da vida poderão ter, provavelmente, um significado mais profundo para nós do que aquelas manifestações visíveis em nossas Kirtlands. O Senhor prometeu que, se formos verdadeiros e fiéis, Ele próprio estará em nosso meio e não poderemos vê-lo (ver D&C 38:7). Mesmo sem poder vê-lo, Ele estará à

nossa direita e à nossa esquerda, e Seu Espírito estará em nosso coração, e os anjos que vieram a Kirtland estarão ao nosso redor, para nos suster (ver D&C 84:88).

Além do mais, nossas memórias de Kirtland poderão ser até enriquecidas com experiências posteriores, mesmo que sejam mais turbulentas. O sentido do que vivenciarmos, um dia, será enriquecido com nossa perspectiva do tempo e da complexidade. Arriscamos em Nauvoo por causa do que vimos em Kirtland. O que já vimos uma vez tão claramente nos assegurará que podemos ver novamente com clareza, desta vez com uma profundidade ainda maior, em meio— a nossas aflições — ou talvez por causa delas.

Afinal, os anjos ali estarão. E algum dia, talvez não tão distante no tempo e no espaço, estaremos preparados o suficiente e teremos razão suficiente para ver os anjos de Kirtland mais uma vez. As condições em que nossa visão pode atravessar o véu não nos são totalmente conhecidas. Essas condições nem sempre são conhecidas, mesmo pelos profetas.

Quando Elias estava para ser retirado da terra, Eliseu pediu que uma porção redobrada do espírito de Elias permanecesse com ele. Elias respondeu: “Coisa dura pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará, porém, se não, não se fará”. De repente, cavalos de fogo Elias para o céu em um redemoinho. E o Senhor atendeu o desejo do coração de Eliseu, pois sua visão atravessou o véu: “O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros! (2 Reis 2:9-12). um carro de fogo apareceu e levou

Quem são esses cavaleiros? Quando eles vêm e para onde vão? Eles não devem estar distantes, pois voltaram na era moderna. Não muito antes da dedicação do Templo de Kirtland, o escriba de Joseph Smith visualizou “em uma visão os exércitos do céu protegendo os santos em seu retorno a Sião”.⁵¹ No dia seguinte, “os céus se abriram sobre o élder Sylvester Smith e ele saltou exclamando: ‘Os cavaleiros de Israel e seus carros’.”.⁵²

A despeito de quem sejam esses cavaleiros de Israel, eles ainda zelam pelos santos com tanto cuidado que podemos saber com certeza que “mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”. Os montes podem até estar “[cheios] de cavalos e carros de fogo” (2 Reis 6:16–17).

Pelas histórias de Kirtland, sabemos que os anjos vêm para celebrar e dar um testemunho inesquecível para que nossa fé seja edificada, mesmo que precisemos passar por novos testemunhos visíveis até que nossa fé seja provada, enriquecida e aprofundada pelo fogo da complexidade. “Se provas de fogo tiverdes que passar, tereis sua graça a vos amparar. A chama não pode o fiel consumir; mas queima a escória e o ouro faz surgir”⁵³ Assim, passamos para uma simplicidade calma, madura e profundamente enraizada do outro lado da complexidade.

Notas

47. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-b-1-1-september-1834-2-november-1838/177>.

48. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-b-1-1-september-1834-2-november-1838/306>.

49. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-b-1-1-september-1834-2-november-1838/180>.

50. Conforme citado em James E. Faust, "The Refiner's Fire," Ensign, maio de 1979.
51. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-b-1-1-september-1834-2-november-1838/150>.
52. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-b-1-1-september-1834-2-november-1838/151>.
53. "Que Firme Alicerce," Hinos (Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1985), nº 42.

CAPÍTULO 9

O valor do véu

Algumas pessoas que se perguntam se estão perdendo sua fé religiosa afirmam que estão perdendo não apenas a confiança em Joseph Smith e na Restauração, mas que estão perdendo inclusive a confiança na própria existência de Deus — dando a entender que, se a Restauração não for verdadeira, então nenhuma outra explicação religiosa sobre a vida poderia ser verdadeira. E, de repente, o agnosticismo, ou mesmo o ateísmo, surgem como reais opções.

Isso pode parecer um elogio indireto à Restauração. No entanto, aqueles que têm sua fé abalada podem realmente estar se perguntando pela primeira vez como é possível “conhecer” qualquer coisa sobre as realidades espirituais se não pudermos comprová-las com nossos sentidos racionais. Um amigo conversava com colegas de trabalho que se diziam ateus. Quando perguntou por que não acreditavam na existência de Deus, eles disseram: “Ninguém volta a viver. O que convence você de que Jesus tenha feito algo que mais ninguém conseguiu fazer até hoje?” Nosso amigo queria responder com a razão da esperança que havia nele (ver 1 Pedro 3:15), mas ele não conseguiu achar uma “razão substancial, e pela primeira vez, verdadeiramente, [questionou] a religião [de sua] infância”.

Ele poderia ter mencionado versículos da Bíblia e das escrituras modernas que oferecem relatos de testemunhas oculares de que Jesus e muitos outros “voltaram à vida” — e é por esse motivo, em parte, que o Livro de Mórmon é chamado de “Outro Testamento de Jesus Cristo”. Mas, naquele momento, o que talvez o tenha pegado tão desprevenido foi sua sensação de que não estava conseguindo oferecer “uma razão clara [o suficiente]” que viesse a convencer seus amigos.

Uma explicação teísta da vida, na realidade, faz mais sentido do que uma explicação ateísta. Quais as chances de um furacão varrer um ferro-velho e criar um Boeing 747 pronto para voar? Ou, como Alma disse ao cético Corior, “Todas as coisas mostram que existe um Deus; sim, até mesmo a Terra e tudo que existe sobre a sua face, sim, e seu movimento” (Alma 30:44).

No ano 2000, o biólogo Francis Collins liderou o projeto internacional que elaborou o primeiro mapa completo do código do DNA humano. Ao considerar esse código complexo como “a linguagem que Deus usou para criar a vida”, Collins escreveu que “a crença em Deus pode ser uma escolha inteiramente racional, e (...) que os princípios da fé são (...) complementares aos princípios da ciência”. Na verdade, a Terra contém, nas proporções exatas, todas as quinze “constantes da física” que são cruciais para sustentar todas as complexas formas de vida do planeta. A probabilidade de que uma combinação única possa acontecer por mero acaso “é quase infinitésima. [Sem Deus] nosso universo passa a ser [tão] altamente improvável [que] a fé em Deus [acaba sendo] mais racional do que não crer”.⁵⁴

Collins está fazendo alusão a probabilidades, não a certezas científicas absolutas. E Deus tem muitos bons motivos para fazer com que seja difícil “provar” realidades religiosas que estejam acima de qualquer dúvida, inclusive a própria realidade de Sua existência. Isso não quer dizer que Ele nos tenha deixado sem evidências, testemunhos e probabilidades. Mesmo assim, haverá momentos em que parecerá que Ele nos deixou no escuro. Até Joseph Smith clamou na

Cadeia de Liberty: “Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre teu esconderijo?” (D&C 121:1).

Joseph estava descobrindo o que Jó havia aprendido da maneira mais difícil: “Eis que se me adianto, ali não está; se volto para trás, não o percebo. Se opera à esquerda, não o vejo; se ele se encobre à direita, não o diviso. Porém ele sabe o meu caminho; pondo-me ele à prova, sairei como o ouro”. (Jó 23:8–10).

Levemos em consideração, portanto, o valor do véu que cobre o esconderijo de Deus — o mesmo véu que bloqueia as memórias de nossa vida pré-mortal. No Templo de Kirtland, Joseph Smith disse: “Retirou-se o véu de nossa mente e abriram-se os olhos de nosso entendimento” (D&C 110:1). Antes que o irmão de Jared visse o Cristo pré-mortal, o “véu foi tirado de [seus] olhos” (Éter 3:6). Na verdade, houve “muitos” com uma fé tão forte que “não puderam ser impedidos de penetrar o véu, mas realmente viram com os próprios olhos [o que] (...) haviam contemplado com os olhos da fé” (Éter 12:19). No entanto, na maioria dos casos, o restante de nós ainda vê com os olhos da fé — uma fé que não é cega, mas que permanece coberta pelo véu.

O véu não apenas nos impede de nos lembrar de nosso passado pré-mortal, mas também nos impede de vermos muitas das coisas que estão acontecendo em torno de nós. Deus e Seus anjos quase sempre permanecem em seus esconderijos — exceto nas raras ocasiões em que Ele entreabre o véu.

Após a Ressurreição do Salvador, por exemplo, viu e falou com dois de Seus discípulos na estrada para Emaús, que não O reconheceram. Quando Ele percebeu o desapontamento deles sobre esse Jesus em quem eles “havia confiado” (observe o tempo passado), viu que eles haviam perdido a mensagem central de Seu ministério mortal. Então, “começando por Moisés, (...) explicava-lhes em todas as escrituras o que dele estava escrito.” (ver Lucas 24:13–31). Ele não revelou quem Ele era ali, mas ensinou exatamente o que os havia ensinado enquanto estavam na carne. Só mais tarde eles O reconheceram. Por que não lhes falou antes?

Quando o homem rico morreu na mesma época que Lázaro, ele implorou ao pai Abraão que enviasse Lázaro de volta para ensinar sua família: “Mas, se alguém dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.” Mas Abraão respondeu: “Se não ouvem Moisés e os profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite”. (Lucas 16:30–31). E por que não?

Cristo era a vida e a luz dos homens, uma luz que “resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (João 1:5). Ele veio ao mundo, mas os Seus não O receberam. Se a vida eterna é conhecer a Deus, por que Ele não revelou Cristo de uma forma mais óbvia? Ele veio de uma forma muito reservada, muito despercebida. Deus poderia ter enviado, diariamente, uma grande carruagem puxada por cavalos brancos voadores. A carruagem poderia pairar acima da terra — com um eclipse total do sol — com uma voz dizendo: “Agora ouçam a palavra de nosso Criador”. Por que Ele não fez isso?

Aprender pela experiência é algo insuperável. Ao traçar Seu plano para nossa experiência mortal, Deus conscientemente assumiu o risco de que alguns de Seus filhos não retornariam a Ele. Não tinha Ele o poder de nos tocar com uma varinha de condão e nos capacitar para viver com Ele no reino celestial?

Até mesmo o Salvador teve de passar pelas provações da mortalidade — sem atalhos. Ele, “oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, (...) Ainda que era Filho, todavia aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu.” (Hebreus 5:7 –8, grifo do autor). Assim é conosco. Precisamos de leite antes de estarmos prontos para a carne. “Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, já pelo costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.” Hebreus 5:13 –14 (grifo do autor). Somente “pela prática” podemos exercitar nossos sentidos para compreender verdadeiramente o bem e o mal. O que há de tão essencial na experiência que vale a pena correremos o risco de não passar de novo?

A salvação e a exaltação não são apenas objetivos abstratos. Essas duas expressões descrevem todo um processo que requer crescimento, desenvolvimento e mudança. No centro desse processo de crescimento está a oportunidade única da mortalidade de permitir que aprendamos pela experiência — pela prática — que é a única maneira de desenvolver capacidades e habilidades. Não estamos aqui apenas para aprender fatos e absorver informações. Forçar alguém incorre em um problema que interfere e até impede a pessoa de aprender de forma razoável o que ela pode alcançar em um ambiente de liberdade. Uma vida correta traz algo de muito bom às pessoas.

Existem dois tipos bem distintos de conhecimento. Um deles envolve processos racionais como a coleta de informações e a memorização. Chamaremos o outro tipo de conhecimento de desenvolvimento de habilidades — aprender a tocar piano, a nadar, a desmontar um computador, ou aprender a cantar, a dançar, a pensar. O processo de se tornar semelhante a Cristo tem mais a ver com a aquisição de habilidades do que com o aprendizado de fatos e números. E a única maneira de se desenvolver essas habilidades divinas é vivendo Seus ensinamentos. Deus, inclusive, não pode nos ensinar essas habilidades a menos que participemos totalmente do processo, com todas as provas e todos os erros que são inerentes ao aprendizado de uma habilidade pela prática.

Que treinador poderia desenvolver as habilidades de um atleta sem supervisionar suas tentativas e seus erros? Que professor de piano poderia ensinar os alunos a tocar se eles não praticassem? O “método de pensar”, por meio do qual jovens músicos eram encorajados a aprender a tocar seus instrumentos apenas “pensando” na música, parecia atraente no filme *Vendedor de Ilusões*, mas isso não os levava muito longe. Quando o primeiro formando do “Curso para Tocar Piano Sem Ter Praticado” entrou no palco do Carnegie Hall para tocar um concerto para piano com uma orquestra ali à disposição, qual você acha que foi o resultado? Não resultou em quase nada. Por quê? Algumas coisas apenas são aprendidas com muita prática.

O filósofo europeu Michael Polanyi identificou “habilidades” como um campo singular de conhecimento.⁵⁵ Ele escreveu que, muitas vezes, a essência de uma habilidade não pode ser descrita, medida ou especificada adequadamente. Portanto, uma habilidade não pode ser transmitida por descrições escritas ou por instruções memorizadas. “Ela só pode ser transmitida de mestre para aprendiz.” Portanto, “uma arte que tenha caído em desuso pelo espaço de uma geração estará totalmente perdida”, e “essas perdas serão geralmente irrecuperáveis. É patético ver os infundáveis esforços feitos — equipados com microscopia e química, com matemáticas e eletrônicas — para reproduzir um único violino do tipo que o semiletrado Stradivarius fazia rotineiramente há mais de duzentos anos”.⁵⁶

Concluindo, então, aprenderemos uma habilidade apenas imitando o desempenho habilidoso de alguém que tem mestria sobre ela — mesmo que o professor que imitamos não consiga especificar todos os detalhes daquela arte. Há uma boa similaridade entre essa realidade e o conceito central do evangelho de que imitar o exemplo do Salvador é a forma definitiva de internalizar o evangelho, indo além de seguir mandamentos específicos e doutrinas detalhadas. Polanyi, mais uma vez, esclareceu:

“Aprender pelo exemplo é submeter-se à autoridade. Você segue seu mestre porque confia em sua maneira de fazer as coisas, mesmo quando você não consegue analisar e especificar os detalhes de sua eficácia. Ao observar o mestre e imitar seus esforços, seguindo seu exemplo, o aprendiz inconscientemente capta as regras da arte, incluindo aquelas que não são explicitamente conhecidas pelo próprio mestre. Essas regras ocultas podem ser assimiladas apenas por uma pessoa que se entrega, sem qualquer crítica, à imitação de outra. Uma sociedade que deseja preservar um lastro de conhecimento pessoal deve se submeter à tradição”.⁵⁷

Muitas pessoas não querem testar a veracidade do evangelho por não estarem dispostas a se submeter à orientação do Senhor. Poderíamos solicitar aos céticos para apenas colocarem à prova o experimento de Alma e eles veriam os resultados, mas eles muitas vezes esperam que aquilo que é proposto pela fé seja provado antes, como se aquela submissão fosse uma perda de liberdade. E ao duvidarem que o processo de viver os ensinamentos do Salvador venha a dar frutos, suas dúvidas se tornarão uma profecia autorrealizável — sem fé, não haverá frutos. A menos que eles se rendam, participem e se entreguem ao processo da fé, nunca provarão do fruto da árvore da vida. Sem imersão total, o aprendizado da habilidade sempre vazará pelos dedos.

Uma pessoa cega que usa com sucesso uma bengala aprendeu a “ver” com a bengala. Mas essa pessoa não pode descrever totalmente para ninguém, incluindo outra pessoa cega, exatamente o que a bengala está lhe dizendo. Aqueles que fecham os olhos apenas por um momento para vivenciar o que é a cegueira, não estarão motivados para se engajar em um nível suficientemente profundo para aprender o que a bengala poderá lhes dizer. Por que não? Porque, a menos que você seja cego, você não tem necessidade de ter esse conhecimento. O cego deve estar disposto a praticar com a bengala, com todos os erros que inevitavelmente acompanharão essa prática. E a prática não é mera repetição — ela requer esforço repetido com o objetivo de aprender uma habilidade específica e de aprender com os erros, na busca de um crescimento específico.⁵⁸

Como ajudar outras pessoas a entender isso? Nossos amigos céticos poderão dizer: “O que há de tão maravilhoso no reino celestial? Explique-me para que eu possa entender e, então, talvez eu passe a obedecer a todos os mandamentos, submeter-me ao Mestre e passe por toda prática e rotina. Mas, antes, prove-me que tudo valerá a pena”. O que dizer em um caso desses?

Em diversas instâncias, um testemunho pessoal pode ser útil, com base em uma experiência ou em modelos cujos exemplos mostram como se processa a habilidade, incluindo a confusão e os equívocos que acompanham a prática da tentativa e o erro. Entretanto, em última análise, a mente humana, ressuscitada ou não, não pode comunicar totalmente a outras mentes humanas qual o gosto real dos frutos desenvolvidos na fé. Cada pessoa precisa confiar, plantar a semente e vivenciar o processo acompanhado da disciplina requerida. Algo acontecerá com aquele que tentar honestamente e, assim, essa pessoa descobrirá que um dos propósitos

principais de nossa mortalidade é a oportunidade de desenvolver as habilidades e as capacidades necessárias para vivermos no reino celestial.

Falta a uma criança de 6 anos de idade a capacidade mental e física para dirigir um carro. Até ter desenvolvido a habilidade e o discernimento requeridos, dirigir em uma rodovia provavelmente destruirá a criança — e outras pessoas. O mesmo se aplica a nossa introdução prematura à liberdade — e à responsabilidade — de se viver em um reino governado pelas leis celestiais. Essa oportunidade pode ser libertadora ou esmagadora, dependendo de nossa preparação para herdá-la.

O Senhor disse que “qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida surgirá conosco na ressurreição” (D&C 130:18). “Princípio de inteligência” pode se referir a fatos, informações e a leis do universo. Mas isso se refere especificamente à capacidade e a habilidades cristãs, tais como autocontrole, obediência, compaixão, paciência e altruísmo. Por que estaríamos condenados se víssemos um sinal — no caso de o véu se abrir cedo demais? Estaríamos interrompendo nosso progresso. Mesmo se pudéssemos contemplar uma carruagem voando pelo céu todos os dias, ver essas maravilhas não nos ajudaria realmente a conhecer o Pai e o Filho. A vida eterna — conhecê-los — é uma qualidade de vida, o fruto de um desenvolvimento gradual, difícil e duradouro, da capacidade de nos tornarmos como Cristo é. Quando começarmos a viver da maneira como Ele vive, começaremos, então, a conhecê-Lo.

A ideia de que a exaltação compreende um processo de desenvolvimento de habilidades pode ajudar a explicar por que há um véu. Fé, arrependimento e conhecimento sobre Deus são processos e princípios de ação, compreendidos não apenas quando os definimos, mas quando os vivenciamos. Deus é um grande mestre que conhece os padrões e os princípios que devemos seguir — e praticar — a fim de cultivarmos capacidades divinas. Ele poderá nos ensinar tais habilidades, mas apenas quando nos submetemos à sua orientação.

Grande parte da substância do evangelho de Cristo não pode ser totalmente medida; nem tudo pode ser especificado, exceto quando entendido pela experiência. Mas isso não é motivo para diminuir seu valor. Não poderemos meramente explicar nossas experiências mais significativas — nosso amor por nossa família, nosso testemunho, nosso sentimento de gratidão pelo amor e pela misericórdia do Senhor. Dizer que tais essências se reduzem a um conteúdo passivo de simples comunicação pode diminuir seu caráter sagrado. Da mesma forma que a beleza e a alegria, elas são sublimes e distintas demais para serem reduzidas apenas a detalhes.

Há um véu pairando entre o mundo da mortalidade e o mundo de Deus nas eternidades. Por vezes, ele poderá se tornar muito fino. Mas para a maioria de nós o véu permanece; Deus ali o colocou, a fim de nos ajudar a aprender como devemos viver, e quem devemos nos tornar, para um dia voltarmos a viver com Ele.

Notas

54. Francis S. Collins, *The Language of God: A Scientist Presents Evidence for Belief* (New York: Free Press, 2006), p. 30.

55. Michael Polanyi, *Personal Knowledge* (New York: Harper and Row, p. 1964).

56. Polanyi, *Personal Knowledge*, p. 53.

57. Polanyi, Personal Knowledge, p. 53.

58. Ver Polanyi, Personal Knowledge, p. 62.

CAPÍTULO 10

Escolher acreditar

Era uma tarde de verão, nossa família estava visitando alguns parentes em uma cidade distante. Passeávamos em um parque da cidade quando, de repente, demos falta de nosso filho Tom, de 4 anos de idade. Procuramos em todos os cantos e acabamos envolvendo a polícia e os vizinhos. O dia foi escurecendo e começamos a ficar desesperados.

Reunimos a família e nos ajoelhamos em oração. Entre outras coisas, oramos para que Tom encontrasse alguém de confiança que entraria em contato com a polícia para que eles pudessem nos ligar. Pouco tempo depois, a polícia ligou para informar que o haviam encontrado, quase exatamente como havíamos suplicado na oração. Minutos depois, com as luzes vermelhas girando, um carro da polícia apareceu trazendo a entrega, com os olhos arregalados, um pouco abalada, mas intacta — usando um grande distintivo de papel colado na camisa: “Amigão do Departamento de Polícia de San Diego”.

Mais tarde naquela noite, o irmão mais velho de Tom comentou: “Pai, isso foi muita sorte, não foi?” Conversamos que não havia sido sorte, mas que o Senhor respondera nossa oração. Será que de algum jeito o Tom iria aparecer? Não dá para ter certeza. Mas nossa família decidiu acreditar que a oração fez a diferença.

Certo dia, ouvi um estudante universitário contar em seu quórum de élderes o que aconteceu logo após ele ter sido ordenado diácono. Ele morava em uma fazenda e seus pais haviam lhe prometido que ele iria criar um bezerro que estava prestes a nascer — seria seu primeiro. Certa manhã, seus pais haviam saído, ele estava trabalhando no celeiro quando, de repente, prematuramente, a vaca começou a parir. Maravilhado, ele assistiu ao nascimento do bezerrinho. Então, de repente, a vaca começou a rolar sobre o bezerro — e ele percebeu que ela estava tentando matá-lo. Ele clamou ao Senhor pedindo ajuda.

Sem fazer ideia de quanto a vaca pesava em comparação ao peso dele, ele a empurrou com toda sua força conseguindo afastá-la. Ele pegou o bezerrinho aparentemente sem vida em seus braços e olhou para ele, com lágrimas correndo pelo seu rosto. Então ele se lembrou de que tinha todo o direito de pedir a ajuda do Senhor. Então, ele orou novamente, com o coração típico de um menino cheio de esperança. Em pouco tempo, o pequeno animal começou a se mover e respirar normalmente. Ele sabia que sua oração havia sido ouvida.

Lágrimas brotaram de seus olhos e ele disse: “Irmãos, conto-lhes essa história porque acho que não faria agora o que fiz naquela ocasião. Agora que estou mais velho e menos ingênuo, ‘entendo melhor’ algumas coisas para não esperar a ajuda do Senhor em uma situação como essa. Se eu revivesse aquela experiência agora, provavelmente acreditaria que havia sido uma coincidência. Não tenho certeza no que mudei, mas posso ter perdido algo de grande valor”. Naquele momento, ele se sentia menos infantil, menos fervoroso.

O que significa a expressão “sede crentes”? E por que o Senhor espera isso de nós?

Morôni escreveu: “E quem dirá que Jesus Cristo não fez muitos milagres extraordinários? (...) E [Deus] não deixa de ser Deus e é um Deus de milagres. (...) Não duvideis, mas acreditai” (Mórmon 9:18–19, 27; grifo do autor). E o Senhor disse: “Buscai diligentemente, orai sempre e sede crentes; e todas as coisas contribuirão para o vosso bem” (D&C 90:24; grifo do autor).

O Senhor ressurreto aconselhou a Tomé: “Chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não seas incrédulo, mas crente” (João 20:27; grifo do autor). Mesmo após o incrédulo ter visto e sentido as feridas, para se tornar uma testemunha verdadeira, ele ainda precisaria acreditar.

O ato de acreditar se origina no coração de quem vê. O Salvador disse aos que estavam ao Seu redor: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lucas 8:8). No entanto, poucos daqueles ouvintes realmente entenderam Suas parábolas ou reconheceram Seus milagres. Não é fácil saber quais influências têm origem divina. Aqueles que viram Jesus curar os enfermos enfrentaram a mesma pergunta que enfrentamos hoje, quando alguém testifica que uma bênção do sacerdócio lhe trouxe cura. Foi realmente uma cura ou a pessoa teria se recuperado de qualquer maneira? O Senhor realmente ajudou nossa família a encontrar Tom? Ele realmente teria abençoado aquele menino de 12 anos com uma força maior para empurrar a vaca e ajudar o bezerro a se recuperar?

Mesmo a dúvida relativa à existência de Deus às vezes pode parecer uma conversa encerrada. Com as indescritíveis tragédias e a miséria que vemos ao longo da história, e agora mesmo ao nosso redor, alguns afirmam que a existência de um Deus não é algo possível. Outros dizem que a ordem na natureza nunca poderia ter sido acidental. Nenhum lado pode persuadir o outro apenas com base em evidências externas. Será que foi assim que o Senhor planejou — para que não sejamos forçados a acreditar de acordo com as circunstâncias? Há tantas coisas que Ele poderia fazer para abrir o véu. Porém, “andamos por fé, e não por vista” (2 Coríntios 5:7).

Os quatro filhos de Leí tiveram os mesmos bons pais. A diferença entre os que acreditaram e os que não acreditaram não foi tanto no que se passou com eles, mas em sua atitude com o que aconteceu. Essa atitude se originou em seu próprio coração, cada um fazendo sua própria escolha de acreditar — ou não.

Quando Néfi desejou ver o sonho de seu pai, o Espírito respondeu: “Acreditas que teu pai tenha visto a árvore da qual ele falou?” Néfi disse: “Sim, (...) acredito em todas as palavras de meu pai”. O Espírito então se alegrou, porque ele sabia que somente se Néfi tivesse uma atitude de fé, o Espírito poderia ensiná-lo. “Bendito és tu, Néfi, porque acreditas no Filho do Deus Altíssimo; verás, portanto, as coisas que tens desejado” (1 Néfi 11:4–6; grifo do autor).

Por ter acreditado, Néfi viu o sonho — mas isso aconteceu passo a passo. O Espírito interrompia repetidas vezes e perguntava o que mais ele desejava e o que ele havia entendido. Então, quando Néfi dava sinais de que havia entendido, o Espírito lhe dizia, repetidamente: “Olha!” Na sequência, Néfi olhava — e gradualmente compreendia: a cidade, a virgem, a criança, até que o anjo perguntou: “Sabes tu o significado da árvore que teu pai viu?” Naquele momento Néfi foi capaz: “Sim, é o amor de Deus, (...) e vi o Filho de Deus caminhando” (1 Néfi 11:21–22, 24).

Em vez de contar ou mostrar a Néfi toda a visão de uma vez, o Espírito o guiou — uma pergunta de cada vez — ajudando-o a descobrir por si mesmo, cena por cena, o que aquilo significava. Se o Espírito tivesse lhe contado tudo de uma vez, Néfi não teria compreendido todo o seu significado. Se Néfi não tivesse escolhido acreditar, não seria apenas uma questão de que o Espírito não lhe mostraria o sonho e lhe explicaria seu significado, mas de que Ele não poderia lhe mostrar as coisas de maneira tal que ele, Néfi, viesse a compreender plenamente.

Valorizamos o que descobrimos mais do que o que nos é dito. E a menos que descubramos a influência de Deus por nós mesmos, talvez não venhamos a saber que Ele existe, ainda que um

anjo venha e nos afirme que sim. No sonho, Jacó sobre uma escada que chega até o céu, com anjos subindo e descendo; ele viu Deus parado no topo da escada, dizendo: “E eis que estou contigo, e te guardarei para onde quer que fores”. E então Jacó acordou e disse: “Certamente o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia” (Gênesis 28:15 –16).

Cristo veio à Terra muito discretamente, muito pacificamente — uma luz que “resplandece nas trevas; e as trevas não a compreenderam. (...) Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (João 1:5, 12; grifo do autor). Tudo isso fazia parte de um plano cuidadosamente elaborado para que não acabássemos sendo obrigados a acreditar.

Jesus nos deixou outras pistas sobre a intencionalidade nesse plano. Frequentemente Ele dizia àqueles que foram abençoados por um milagre para que “a ninguém dissessem o que havia sucedido” (Lucas 8:56; ver também Mateus 8:4). Um componente essencial de Seu plano é o princípio de linha sobre linha, preceito sobre preceito (ver Isaías 28:10). Ele não apenas nos deixa com a iniciativa de acreditar, mas transmite a Seus ouvintes apenas o que eles estão prontos para ouvir. O leite vem antes da carne. “Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora” (João 16:12). Assim aconteceu com o Espírito e Néfi.

Estudiosos da filosofia do conhecimento nos dizem que as pessoas tendem a ver o que querem, especialmente quando as evidências são ambíguas. “Viés de confirmação”, por exemplo, é a “tendência humana de interpretar novas evidências como [uma] confirmação de suas crenças ou de teorias vigentes”.⁵⁹ Talvez seja por isso que as névoas de escuridão no sonho de Leí descrevem tão bem as condições da mortalidade. Deus nos deixou livres, em meio a circunstâncias que não forcem nossa crença, a fim de escolhermos por nós mesmos, como um ato de vontade, como se estivéssemos agarrando a barra de ferro em meio às trevas.

O significado dessa “vontade de acreditar” se aplica a todo conhecimento e experiência humana, não apenas à experiência religiosa. O influente psicólogo americano William James disse: “A questão de ter crenças morais é decidida por nossa vontade. Se o seu coração não desejar um universo de realidade moral, sua mente, seguramente, nunca o guiará para um lugar como esse”.⁶⁰

Nossa livre vontade de escolher no que acreditar pode muito bem ser o fator determinante para saber se as promessas de Deus para nós poderão ser cumpridas — já que nossas crenças são as impulsoras das ações que só nós podemos assumir, para que a semente da fé seja devidamente nutrida. A obra de Deus e Sua glória consistem em nos ajudar a desfrutar a vida eterna (ver Moisés 1:39), porém, ao “[negligenciarmos] a árvore [da vida eterna] e [deixarmos] de tratá-la”, por melhor que seja a semente ou por mais doce seja o fruto, “não podereis obter seu fruto” (Alma 32:38–39; grifo do autor). Se negarmos a nós mesmos essa bênção, não apenas prejudicaremos nossas próprias possibilidades, mas também estaremos frustrando os desejos de Deus para nos abençoar. Conforme William James mencionou, “O próprio Deus (...) pode extrair de nossa expressão fiel, o vigor e a vitalidade do ser”.⁶¹

James também afirmou que a atitude agnóstica — o adiamento de decisões sobre questões relacionadas à fé até que tenhamos mais evidências —, na prática, é impossível:

“Crença e dúvida são atitudes vivas e que demandam empenho de nossa parte. (...) Se duvido que você seja digno de minha confiança, mantereirei você desinformado (...) como se você não a merecesse. Se eu duvidar da necessidade de um seguro para minha casa, deixo-a sem seguro (...) crendo não haver necessidade. [Em tais ocasiões] a falta de ação [conta] como ação, e

quando não for a favor, será definitivamente contra; [em situações assim,] a neutralidade é (...) impossível de ser alcançada”.⁶²

Visto que nossas atitudes e escolhas têm tanto peso nos resultados de nossa experiência de vida, James acreditava que valer a pena viver “dependerá dos que vivem” — daqueles que estão vivendo. Isso acontece porque “o otimismo e o pessimismo são definições do mundo” e nossas reações ao mundo frequentemente determinam qual definição está correta. Levando em consideração que a maneira como a vida nos trata depende muito de como nós a tratamos, estaremos constantemente à mercê de nossas próprias escolhas — talvez sem perceber o quanto uma escolha nossa, ainda que solitária, poderá nos proteger ou nos prejudicar.

“Nenhuma vitória é obtida, nenhuma ação de fidelidade ou coragem é praticada, exceto diante de um talvez; não há serviço (...) nem exploração científica, nem experimento, nem texto, que não tenha tido a possibilidade de ser um equívoco. (...) [Vivemos] apenas pondo em risco nosso ser, a cada momento. Em muitas instâncias, nossa fé, diante de um resultado improvável, é a única coisa que fará do resultado uma realidade.”⁶³

Vamos supor que você esteja escalando uma montanha, escreve James, e em um determinado ponto sua única saída é saltar sobre um abismo profundo. “Acredite que você conseguirá” dar esse terrível salto, e “seus pés tremerão diante do desafio. Ao desconfiar de si mesmo (...) você hesitará [até] tudo balançar e soltar (...) e você passará a rolar abismo abaixo. Recuse-se a confiar e você estará com a razão”, pois então você morrerá. “Mas acredite, e novamente você estará com a razão, pois você precisa se salvar. Você faz com que tanto um como o outro desses dois universos se tornem possíveis a partir de sua confiança ou de sua desconfiança — que antes de sua escolha não passava de um talvez”.⁶⁴

Assim, nossa fé no mundo invisível nos fortalece para fazermos aquilo que apenas nós conseguimos fazer, viabilizando que as promessas de Deus criem raízes, germinem, brotem e floresçam em nossa vida. A menos que confiemos Nele o suficiente para agir, as promessas de Deus permanecerão inócuas, como se não existissem. Por exemplo, a menos que escolhamos exercer fé e nos arrepender, estaremos tão perdidos quanto se Cristo não tivesse feito a Expição. “Aquele que persiste (...) [nos] caminhos do pecado (...) permanece em seu estado decaído (...) como se não tivesse havido redenção” (Mosias 16:5). Por outro lado, o simples fato de nossa disposição de escolhermos a fé e a confiança permitirá que Deus influencie nossa vida gerando os resultados desejados: “O que confia no Senhor será posto em alto retiro” (Provérbios 29:25) e “[será auxiliado] em suas tribulações e em suas dificuldades e em suas aflições” (Alma 36:3).

Viktor Frankl foi um psiquiatra austríaco que sobreviveu anos de traumas indescritíveis em campos de concentração nazistas, observando seus colegas presos continuamente definharem e morrerem — ou serem mortos. Seu livro “O Homem em Busca de Sentido” relata como a brutalidade absoluta de sua experiência o ajudou a descobrir maneiras de encontrar sentido nas circunstâncias mais trágicas da vida — ou seja, como descobrir o significado da vida (e um desejo para continuar vivendo) a despeito das circunstâncias.

Por exemplo, Frankl escreveu: “Aqueles que têm um ‘porquê’ para viver podem suportar quase qualquer ‘como’”.⁶⁵ “Não [importa] realmente o que [esperamos] da vida, mas sim o que a vida [espera] de nós”.⁶⁶ “A última das liberdades humanas [é] escolher a própria atitude em qualquer conjunto de circunstâncias.”⁶⁷ Portanto, “o sentido da vida é dar sentido à vida”.⁶⁸

Ao fornecer um contexto mais amplo para essas penetrantes diretrizes de escolhermos acreditar que vale a pena viver a vida, Frankl escreve como se tivesse sido convidado para comentar nossa descrição anterior da “lacuna” entre o que é real e o que é ideal, entre o que é e o que deveria ser: “A saúde emocional tem como base a tensão (...) entre o que já foi realizado e o que ainda se deve realizar, ou a lacuna entre o que é e o que se deve tornar-se. A tensão [inerente] é (...) indispensável para o bem-estar emocional”. Portanto, devemos desafiar a nós mesmos a exercer nossa própria “vontade de significar”, em vez de buscar o conforto de “uma situação sem tensão”. A tensão entre o que é real e o que é ideal não é uma ameaça à nossa segurança, mas “o apelo a um significado potencial à espera de ser realizado”.⁶⁹

Frankl nos exorta a “nos esforçarmos e lutarmos” e a exercermos nossa própria “vontade de sentido” ao escolhermos acreditar que vale a pena viver a vida. Assim chegaremos até “a lacuna”, Deus segurará nossa mão e nos acolherá nos braços seguros de Seu amor. Lá conheceremos a nova simplicidade de voltar ao “nosso lar” novamente. Porém, ao contrário do bebê inconsciente nos braços de sua mãe, por meio de nosso esforço e combate, teremos pago o preço para entender onde estaremos, quem seremos e o que significará viver com Deus.

Por que a mortalidade é estruturada dessa maneira? O Senhor está muito perto de nós. Ele até nos diz: “Meus olhos estão sobre vós. Estou no meio de vós e não me podeis ver” (D&C 38:7). No entanto, Ele se abstém deliberadamente de interferir em nosso arbítrio e em nossa iniciativa. Ele apenas diz: “Sede crentes” e “sede fiéis”, e “todas as coisas [contribuirão] juntamente para o [nosso] bem” (Romanos 8:28).

Há uma profunda diferença entre a pessoa “que (...) diz: Senhor, Senhor”, e a pessoa que “faz a vontade [do] Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21; grifo do autor). Algo acontece com as pessoas que O recebem, que creem o suficiente para fazer a Sua vontade. Por um lado, eles aprendem por si mesmos que Sua doutrina é verdadeira: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:17). Além disso, alguns poderão dizer: “Não acredito nisso porque não consigo entender”. Mas a crença precede o entendimento. A compreensão não precede a crença: “Por causa de sua incredulidade não podiam compreender a palavra de Deus” (Mosias 26:3).

Além disso, os crentes que “o recebem” desenvolvem, gradualmente, capacidades e habilidades cristãs que outras pessoas não procuram. Seguir Sua vontade os transforma. Aqueles que buscam por um sinal, mesmo que o encontrem, geralmente não vivenciam tais transformações, porque as mudanças reais no caráter e no espírito dependem de nossa participação ativa e voluntária. Portanto, tornar-se crente, receber o Senhor e segui-Lo, põe em movimento o processo de uma pessoa se tornar semelhante a Ele.

O Senhor verdadeiramente não pode nos salvar sem nossa iniciativa, nossa energia, nosso desejo e nossa participação, livremente, de todo o coração. Você pode trazer um cavalo até perto da água, mas não pode obrigá-lo a beber. Você pode levar uma criança a um livro, mas não conseguirá fazê-la ler. O Salvador oferece a graça de Suas bênçãos de salvação e exaltação somente quando, voluntariamente, participamos de nossa própria libertação, escolhendo acreditar Nele e, em seguida, exercendo todas as nossas forças para segui-Lo. Essa participação voluntária e ativa é essencial para o processo de crescimento que resultará em nosso desenvolvimento pessoal e espiritual.

George Eliot escreveu sobre o famoso fabricante de violinos Antonio Stradivari, “Deus dá habilidade, porém não sem as mãos dos homens: Ele não poderia fazer os violinos do Antonio Stradivari sem o Antonio”. Pelo fato de o mestre violinista entender isso, ele disse a si mesmo: “Se minha mão afrouxasse, eu estaria roubando a Deus, já que Deus não pode fazer um violino Stradivari sem o Antonio”.⁷⁰ E Ele não pode criar um coração crente a menos que eu decida acreditar. William James definiu isso muito bem: “O [significado] real do mundo invisível poderá (...) depender da resposta pessoal [que] dermos ao apelo religioso. (...) Se esta vida não for uma luta real, na qual o universo tem um ganho eterno em decorrência do sucesso, ela não valerá mais do que um jogo com peças específicas do qual qualquer pessoa poderá se retirar na hora que quiser. Mas tudo nos indica que há uma luta real — como se houvesse algo realmente turbulento no universo que precisamos [ajudar] a redimir; em primeiro lugar, redimindo nosso próprio coração dos ateísmos e dos medos. Tratando-se de um universo um tanto turbulento e um tanto resgatado, nossa natureza deveria se sentir em casa. A dimensão mais profunda em nossa natureza é a (...) a região sinistra do coração onde vivemos solitários com nossas vontades e contrariedades, nossas crenças e nossos medos”.⁷¹

O Senhor nos pede, portanto, que “sejamos” crentes — entretanto, para finalidades destinadas a encorajar nossa tão essencial participação, Ele não irá garantir uma crença inegável. Ele não pode exercer controle se iremos escolher, voluntariamente, acreditar, recebê-Lo, buscá-Lo. Ele irá apenas nos oferecer Sua mão, se decidirmos segurá-la, daí então Ele poderá nos guiar em direção a tudo o que necessitarmos exclusivamente para nosso próprio crescimento. Ele se acha muito próximo, muito disponível para aqueles que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver. Ele está muito próximo daqueles cuja fé não é cega.

NOTAS

59. Oxford English Dictionary, edição online.

60. William James, *Essays on Faith and Morals*, editor por Ralph Barton Perry (Cleveland, OH: The World Publishing Company, 1962), pp. 53–54.

61. James, *Essays*, pp. 30–31.

62. James, *Essays*, p. 24.

63. James, *Essays*, p. 28.

64. James, *Essays*, p. 28.

65. Viktor E. Frankl, *O Homem em Busca de Sentido* (Fabler.in/yahoo pdf. Edition, 1959), pp. 4, 37 (citando Friedrich Nietzsche).

66. Frankl, *O Homem em Busca de Sentido*, p. 37.

67. Frankl, *O Homem em Busca de Sentido*, p. 33.

68. Viktor Frankl, goodreads.com/quotes/665287-the-meaning-of-life-is-to-give-life-meaning.

69. Frankl, *O Homem em Busca de Sentido*, p. 48.

70. George Eliot, “God Needs Antonio”, http://www.online-literature.com/george_eliot/3660/.

71. James, *Essays*, p. 28.

CAPÍTULO 11

Um testemunho mais poderoso do que a visão

Há não muito tempo, um missionário recém-retornado nos perguntou qual era o significado de os apóstolos serem “testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo” (D&C 107:23) e de os setentas serem “testemunhas especiais (...) em todo o mundo” (D&C 107:25). “Isso indica que eles já viram o Salvador?”, perguntou ele reverentemente. Então, respondi: “Bem, talvez. Mas aprecio também o que o presidente Harold B. Lee disse certa vez a respeito disso: ‘Tenho um testemunho mais poderoso do que a visão de que Jesus é o Cristo’”. Conversamos, então, sobre aquele testemunho que é mais poderoso do que a visão. Eis aqui uma história sobre outro jovem missionário que também aprendeu sobre esse tipo de testemunho.

Antes, porém, um pequeno adendo: Em um rodeio, quando o peão está em cima de um cavalo selvagem, mexendo-se e equilibrando-se na sela daquele animal que está bufando, prestes a enfurecer, resistindo até o instante em que se abre a cancela, alguém do rodeio vai lhe dizer, “Segura, peão.” O peão então se ajeita com maior força, a cancela se abre, o animal dá coices e pula ao redor da arena, e o peão pode muito bem ser lançado à sua própria sorte.

Quando visitamos uma missão na Nova Zelândia, o presidente nos falou de um élder do Wyoming que havia enfrentado grandes dificuldades nos primeiros meses da missão. Era um jovem alto, forte e simpático, que havia vivido em uma fazenda de cavalos. No entanto, interagir diariamente com pessoas diferentes em uma terra estranha ultrapassou de longe suas expectativas — exigindo dele muito além de sua capacidade. Ele esforçou-se arduamente para enfrentar seus labores diários, mas em um determinado momento, ele veio até seu presidente de missão para dizer a ele que não estava conseguindo fazer o trabalho missionário e, portanto, queria voltar para casa.

O presidente da missão conversou muito com ele, dando-lhe conselhos, expressando amor, compreensão e encorajamento. Certo dia, o élder apareceu na casa da missão com seu companheiro — de malas prontas. Após uma última entrevista, o presidente da missão ligou para o presidente da estaca do missionário, providenciou uma passagem de avião e em seguida ligou para os pais dele. Quando o pai atendeu o telefone, o presidente lhe disse: “Seu filho precisa falar com você”.

O presidente ficou observando enquanto o pai e o filho conversavam. Em resumo, a conversa foi a seguinte: “Pai, sinto muito, muito mesmo! Sei o quanto minha missão é importante para você, para mim, e para toda a nossa família. Mas simplesmente não consigo me engajar nesse trabalho. Não consigo”. Em prantos, o missionário foi ouvindo seu pai lhe falar com amor. De repente, os olhos do missionário ficaram arregalados expressando grande surpresa. Ele afastou o telefone do ouvido, olhou rapidamente para o presidente e desligou, aparentemente chocado.

“O que foi, élder?” perguntou o presidente da missão. “Ele desligou o telefone?”

“Não.”

“O que foi que ele disse, então?”

“Ele disse, ‘Segura, peão.’”

“Segura, peão’? Como assim?”

O missionário olhou pra baixo, de modo pensativo. “Significa que vou ficar.”

Posteriormente, mais perto do final de sua missão, conhecemos aquele missionário. Ele havia feito um bom trabalho, tendo crescido muito, e tornando-se um excelente exemplo de dedicação e habilidades, dotado de profunda maturidade espiritual e conhecimento.

Perguntamos a ele se a história do “Segura, peão” era verdadeira. Ele sorriu timidamente e disse: “Sim, é verdadeira”.

Fica a seguinte pergunta: o que esse jovem havia aprendido, que antes ele não conseguira entender, ficando sem saber o que fazer ao longo daqueles meses anteriores em que teve vontade de voltar para casa? Por ter decidido ficar, servir e se esforçar, ele gradualmente desenvolveu sua própria versão desse testemunho que é mais poderoso do que a visão. A exemplo dos pioneiros com carrinhos de mão, ele passou a conhecer Deus no auge de seus desafios. Ele aprendeu como passar da simplicidade inocente e da complexidade exigente para aquela simplicidade “que fica no outro extremo”. Percebemos em sua expressão que ele havia sido testado e provado.

Esse testemunho mais poderoso do que a visão tem a ver com a experiência exigente da vida real no desenvolvimento de um testemunho que leva ao conhecimento autêntico do Salvador. Uma coisa é saber a respeito Dele, ou até mesmo vê-Lo — outra coisa é conhecê-Lo. E esse grau mais alto de “conhecimento” geralmente vem depois da complexidade. Ele com frequência ocorre em meio à complexidade. A vida do apóstolo Paulo ilustra isso claramente.

No período em que Paulo estava ajudando a perseguir os primeiros cristãos, em uma viagem pelo caminho de Damasco, “subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (Atos 9:3 –5).

Paulo viu Cristo, ou pelo menos a luz onde se achava Cristo; e Paulo ouviu Sua voz — conversou com Ele face a face, em voz alta. Mas será que Paulo o “teria conhecido” pelo simples fato de tê-Lo visto e ouvido tão diretamente? Pelo contrário, quando perguntou: “Quem és, Senhor?”, Paulo, “tremendo e atônito”, inquiriu: “Que queres que eu faça?” (Atos 9:6).

Quando Paulo se pôs de pé, percebeu que havia sido atingido por uma cegueira que duraria três dias. Mas o Senhor lhe orientou para encontrar Ananias, que iria curá-lo. Este foi o início da jornada de fé que Paulo tinha, mas ele precisou ficar cego para ver. Não que seja necessário ver para crer, mas é preciso crer para ver. Ali também foi apenas o início do encontro de Paulo com a complexidade, pois o Senhor agora mostraria a Paulo o “quanto [se] deve padecer pelo [Seu] nome” (Atos 9:16).

Paulo foi então batizado e de boa vontade, e até com seriedade, lançou-se ao trabalho missionário, o qual o manteria ocupado pelo resto de sua vida. O Senhor, portanto, cuidou dele desde o momento em que ele começou a pregar a Cristo, que havia sido crucificado: “Porém Saulo se fortalecia muito mais” (Atos 9:22). Mas nos anos que se seguiram, Paulo sofreria, repetidamente, o que ele veio a chamar de “aflições do evangelho” (2 Timóteo 1:8). Em várias ocasiões, ele naufragou, foi preso e perseguido à medida que trabalhava para edificar, por todo o Mediterrâneo, minúsculas unidades da Igreja que apresentavam dificuldades.

À medida que tais espécies de complexidade cresceram, Paulo finalmente “[gloriou-se] nas tribulações” (Romanos 5:3). Ele aprendeu por meio de seu próprio esforço inesgotável na causa do Senhor que podemos nos tornar “co-herdeiros com Cristo; se porventura com ele padecemos” (Romanos 8:17). Paulo sofreu por Ele, com Ele, cumprindo Sua obra, sacrificando-se por seus companheiros missionários e pelos primeiros santos, continuamente afligidos em suas provações.

E ele não se irritou com uma vida tão árdua de trabalho. Em vez disso, suas provações e sua empatia pelas angústias de seus companheiros santos abrandaram seu coração com a doce afeição que os bons missionários costumam sentir pelos membros da Igreja: “Antes, fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, estando-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos” (1 Tessalonicenses 2:7–8).

Depois de alguns anos passando por provações implacáveis, mas de certa forma gloriosas, Paulo chegou à Colina de Marte, em Atenas — um local de encontro que se parece uma versão original e antiga do Facebook: “Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes de nenhuma outra coisa se ocupavam, senão de dizer e ouvir alguma coisa nova” (Atos 17:21).

Neste antigo centro da democracia e filosofia, ao se dirigir àquele povo apaixonado pelo debate, que era voltado apenas para seus próprios interesses, disse-lhes que tinha acabado de passar por um monumento que eles haviam construído para celebrar que Deus era desconhecido — ele queria prestar-lhes seu testemunho pessoal de Cristo, conquistado a duras penas, porque agora ele já “conhecia” o Deus desconhecido: “Homens atenienses”, vi o altar que construístes, “em que estava escrito : AO DEUS DESCONHECIDO. Aquele, pois, que vós honrais, não o conhecendo, vos anuncio” (Atos 17:22–23; grifo do autor).

Paulo então disse que o verdadeiro Deus do céu e da Terra havia “[feito] o mundo e todas as coisas que nele há”, acrescentando que se os homens e mulheres “buscassem ao Senhor, () Tateando o [poderiam] encontrar”, pois Ele “não está longe de cada um de nós”. Na verdade, conforme disseram alguns poetas gregos, “somos também sua geração” (Atos 17:24, 27–28).

De que forma Paulo alcançou um “conhecimento” pessoal tão avançado de Deus, diferentemente de tudo o que ele havia aprendido até aquela experiência quando teve aquela visão na estrada em que viajava para Damasco? Ele respondeu a essa pergunta quando falou de “Cristo Jesus, [seu] Senhor, pelo qual [sofreu] a perda de todas essas coisas (...) para conhecê-lo, e (...) à comunhão de suas aflições” (Filipenses 3:8, 10; grifo do autor).

Da mesma maneira que os sobreviventes dos carrinhos de mão, Paulo conheceu a Deus nos extremos dos desafios, pagando um preço tão elevado que às vezes pode denotar mais um fardo do que um privilégio. Paulo aprendeu a conhecê-Lo intimamente ao longo de uma vida inteira de “comunhão com seus sofrimentos”. “Pois como conhece um homem o mestre a quem não serviu (...) e que está longe dos pensamentos e desígnios de seu coração?” (Mosias 5:13.) Paulo conheceu seu Mestre tendo aprendido a ofertar-Lhe seu coração e sua vida, algo que tinha a ver com esse testemunho que é mais poderoso do que a visão.

A história de Joseph Smith revela um roteiro semelhante. A intenção inicial de Joseph de ir ao bosque tinha muito a ver com sua inquieta busca pessoal pelo perdão e pela salvação. As disputas entre as denominações religiosas em Palmyra o incomodavam demasiadamente, acima de tudo porque mexiam com suas buscas pessoais; não foi porque aos 14 anos de idade alguma preocupação maior com o estado histórico do cristianismo tenha absorvido a vida

dele: “A corrupção e a confusão entre as igrejas pareciam confundir os caminhos de sua própria salvação”.⁷² Assim, quando ele escreveu posteriormente sobre sua visão, ele deixou entendido que a via, inicialmente, como um passo para sua conversão pessoal. Era a mensagem de perdão e redenção que ele queria ouvir”.⁷³ “Nos anos após sua Primeira Visão, Joseph (...) falou pouco de seu desenvolvimento espiritual. Ele não tinha nenhum senso de missão, nem mesmo qualquer identidade profética emergente.”⁷⁴

De forma semelhante, a preocupação com sua posição pessoal perante o Senhor foi o que motivou sua oração crucial de 1823 — aquela que foi respondida com a aparição de Morôni no quarto de Joseph. Mas a mensagem surpreendentemente específica de Morôni teve um impacto muito maior — que “Deus tinha uma obra a ser executada por [ele]; e que [seu] nome seria considerado bom e mau entre todas as nações”.⁷⁵ Embora essa mensagem tenha feito com que Joseph deixasse de pensar exclusivamente em sua conversão pessoal,⁷⁶ foi apenas ao escrever seus últimos relatos da Primeira Visão, em 1835 e 1838, que ele veio entender isso a fundo, fazendo com que descrição da visão saltasse de sua “própria salvação” para “o início de uma nova era da história [religiosa]”.⁷⁷

Esse desenvolvimento natural do entendimento de Joseph sobre si próprio, de quem ele era — e de quem Deus sabia quem ele era — ilustra a maneira orgânica do crescimento de Joseph vivenciando de forma real sua crescente compreensão do que efetivamente significava haver visto Deus.

Assim como Paulo, Joseph Smith passou a conhecer Deus melhor no auge de seus desafios — conforme demonstrado por muitas experiências angustiantes, mas espiritualmente sublimes. Poucos meses depois que a Igreja foi organizada em 1830, por exemplo, Joseph e Oliver Cowdery suportaram vários ataques pessoais e questões jurídicas na região entre Harmony, Pensilvânia, e Colesville, Nova York. Enquanto fugiam de uma multidão, eles foram forçados a correr a noite toda por uma área arborizada e lamacenta. A certa altura, “Oliver estava exausto e Joseph quase o carregou em meio à lama e à água”. Perto do amanhecer, Oliver, totalmente exausto, gritou: “Quanto tempo, irmão Joseph, teremos que suportar isso?” Contudo, “nessa mesma época, Pedro, Tiago e João vieram a eles” para restaurar o Sacerdócio de Melquisedeque “ordenando-os ao apostolado”.⁷⁸

Em 1832, Joseph estava em Kirtland, vivendo momentos de sacrifícios e esgotamento ao tentar liderar o povo do Senhor, tanto no longínquo estado de Missouri quanto no estado de Ohio. Depois de ser impiedosamente coberto de piche e penas, ele fugiu rapidamente de Kirtland e foi para o Missouri, para chegar lá e descobrir que alguns de seus mais fiéis seguidores estavam participando de contendas e desafiando sua liderança. A caminho de seu retorno a Kirtland, seu companheiro de viagem, Newel K. Whitney, quebrou a perna em um acidente. Joseph, então, pediu a Sidney Rigdon para continuar a viagem a Ohio; ele, Joseph, permaneceria para ajudar Newel a se recuperar, acabando acometido por uma intoxicação alimentar intensa, deixando-o recluso por um mês. Ele finalmente chegou em Kirtland, porém acabou tendo que enfrentar problemas com Sidney Rigdon, seu conselheiro na Primeira Presidência. Joseph, posteriormente, chamou essa época de um período de “grandes aflições e tribulações”.⁷⁹

Em compensação, em meio às dificuldades desse período, Joseph recebeu as seções 76, 84, 88 e 93 de Doutrina e Convênios — quatro das mais profundas revelações doutrinárias da Restauração, todas tratando do tema da exaltação. Essa efusão celestial incluiu visões do reino celestial e dos três graus de glória, assim como doutrinas referentes ao Sacerdócio Maior, ao

Sacerdócio Menor e ao recebimento de “poderes da divindade” nos templos, quatro anos antes da dedicação do Templo de Kirtland. Surpreendentemente, em vez de essas adversidades dificultarem seu acesso ao reino celestial, “a passagem da repreensão para as visões reflete o alívio que Joseph Smith encontrou na contemplação da eternidade. Todas as vezes que as tensões na administração de Sião se avolumavam, as visões restauravam suas forças”.⁸⁰

Seis anos depois, Joseph se achava preso na Cadeia de Liberty, isolado dos membros da Igreja por cinco meses, mergulhado em total desânimo. Suas cartas aos santos falam de suas frustrações e súplicas a Deus alusivas às horrendas perseguições sofridas pelos membros no Missouri: “Sim, ó Senhor, até quando [os do teu povo] suportarão esses agravos e essas opressões ilícitas[?] (...) Que já não se cubra teu esconderijo; (...) que se acenda tua ira contra nossos inimigos[.] (...) Lembra-te de teus santos que estão sofrendo” (D&C 121:3–6).

As seguintes frases da longa carta de Joseph não fazem parte de Doutrina e Convênios, embora outros trechos da carta compreendam textos das seções 121 a 123. O texto completo da carta nos permite ver uma transformação gradual, porém marcante, na forma de Joseph se expressar — indo de seu desespero exaustivo até a linguagem reveladora da seção 121. Depois de expressar compreensível revolta nos primeiros versículos da seção 121, ele faz uma pausa. Na sequência, sua carta descreve que ele recebeu “gentis e consoladoras” de Emma e de outros amigos. Aquelas mensagens “eram um alívio para [sua] alma como um ar matinal, porém [sua] alegria estava mesclada com a tristeza das condições de dor e de sofrimento daqueles santos pobres e feridos.

Seus “olhos eram como fontes de lágrimas, mas quem nunca vivenciou as quatro paredes de uma prisão injusta (...) não faz a mínima ideia de quão (doce) é a voz de um amigo. Qualquer expressão de amizade (...) desperta as boas memórias afetivas do passado e “capta o presente com a potência de um raio”. “Lança-se em busca do futuro com a ferocidade de um tigre” até que “toda inimizade, malícia e ódio (...) sucumbam sem vida aos pés da esperança, e quando o coração torna-se suficientemente contrito, então a voz da inspiração aflora e faz seu somido presente”.⁸¹ — e então ele passa a escrever na carta exatamente o que o Senhor falou-lhe naquele momento, que agora chega nós como D&C 121:7: “Meu filho, paz seja com tua alma; tua adversidade e tuas aflições não durarão mais que um momento” (grifo do autor). E o Senhor continua: “Sabe, meu filho, que todas essas coisas te servirão de experiência, e serão para o teu bem” (D&C 122:7).

Nos primeiros anos da Restauração, Deus chamou Joseph de “meu servo” (D&C 1:17; grifo do autor). Depois que Joseph amadureceu ao longo de anos turbulentos, porém sublimes, em alguns momentos, como as experiências que acabamos de mencionar, Deus não chamou mais a ele e a seus companheiros de “servos”, mas de “meus amigos” (D&C 88:62; grifo do autor). Joseph provavelmente passou a entender, então, o que o Senhor havia dito em outro momento: “Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer” (João 15:15).

Joseph, então, caminhou mais um passo na direção de conhecê-Lo, intimamente, de forma plena, até que no auge de sua grande crise na Cadeia de Liberty, o Senhor chamou-o de “meu filho” (D&C 121:7; grifo do autor). Em seu crescimento, Joseph foi de servo a amigo e de amigo a filho. A exemplo de Paulo, Joseph pagou o preço para conhecer o Senhor mais plenamente enquanto sofria com Ele e por Ele, ao entrar na comunhão dos sofrimentos de Cristo.

O que foi que Joseph aprendeu no “templo da prisão” da Cadeia de Liberty que ele não sabia, nem poderia ter imaginado, naquele dia de primavera de 1820, no bosque? Linha sobre linha, de oposição em oposição, veio-lhe o testemunho da experiência — um testemunho que é mais poderoso do que a visão.

NOTAS

72. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 38.

73. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 39.

74. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 41.

75. Joseph Smith—História 1:33.

76. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 44.

77. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 40.

78. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 118.

79. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 187.

80. Bushman, *Rough Stone Rolling*, p. 193.

81. <http://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/history-1838-1856-volume-c-1-2-november-1838-31-july-1842/84>.

CAPÍTULO 12

A escalada para conhecer a Deus

O processo de se receber um testemunho pessoal do Senhor não é algo reservado aos profetas, ou apenas para os idosos. Pense em um jovem missionário que conheceu a Deus de uma maneira que nunca imaginara, se não estivesse disposto a ouvir o “segura, peão!” e a enfrentar seus medos — que vieram a ser sua versão da complexidade. Uma jovem missionária, semelhantemente, compartilhou conosco a maneira pela qual seus desafios pessoais a ajudaram a mantê-la na busca por Deus: “Tenho um profundo testemunho (...) fruto de uma caminhada longa e penosa. Tenho, acima de tudo, lutado com perguntas e dúvidas referentes a questões de gênero e a questões LGBT. Em muitos casos, sinto que ainda estou mais do lado da complexidade do que da simplicidade. [A contínua luta em busca daquela] simplicidade do outro lado da complexidade tem sido uma âncora para mim. O amor do Salvador ultrapassa qualquer complexidade, dúvida, escuridão ou medo.

“Portanto, embora eu não conheça a resposta para cada uma das minhas perguntas e preocupações, (...) ainda amo a Deus de todo o meu coração e sei que Ele é real. Levou muito tempo para eu conseguir dizer essas coisas, mas graças às grandes lutas em minha jornada até aqui, as crenças que firmei são muito preciosas para mim.”⁸²

A experiência dessa jovem mostra que, quando estamos cercados por complexidades e medos, se não escolhermos dar ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida — se não ouvirmos o “segura, peão” — provavelmente não chegaremos longe o suficiente no caminho da fé e do sacrifício para descobrirmos a simplicidade da paz que advém do amor de Deus.

Conhecemos um jovem chamado Zacarias, que, no final de sua missão na Ásia, descreveu a nós sua escalada desde as ingênuas suposições de sua juventude até algumas questões fascinantes que desafiaram sua fé como ele nunca havia presenciado antes. As pessoas que ele ensinaria pouco sabiam sobre Deus, e menos ainda sobre serem filhos de Deus. Ele, então, abriu-nos um pequeno espaço para adentrarmos as ansiedades de seus pensamentos quando enfrentou o seguinte dilema: “Como eu poderia ensinar com convicção sobre alguém que eu mesmo não entendia? Quem é Deus, afinal? Ou seja, quem é Ele realmente? E quem sou eu para ele?

Eu nunca havia me perguntado de modo honesto sobre essas perguntas básicas. Eu não tinha certeza se acreditava completamente no que os profetas, como Alma, diziam nas escrituras; cheguei a acreditar em algumas coisas, mas não em tudo”. Abrindo-se ainda mais, Zacarias continuou: “Eu não ousava expressar minhas dúvidas. Eu era um missionário! Não queria que ninguém soubesse o que eu estava realmente pensando e o que eu estava deixando de sentir. Fiquei cansado de carregar o fardo de minhas dúvidas. Então decidi me render às minhas dúvidas — pelo menos não escondê-las de mim mesmo — e coloquei minhas perguntas em julgamento, como se fosse um debate entre Alma e Corior”.⁸³

Zacarias optou, primeiro, em se colocar ao lado de Corior para testar suas dúvidas contra Alma, chegando a dizer: “Convença-me, Alma, de que todas as coisas realmente testificam de Cristo. Você quer dizer, realmente, todas as coisas?” Alma, ao responder a esse desafio referiu-se às escrituras, ao testemunho dos profetas e à própria criação da Terra (ver Alma 30:44). Depois de procurar seriamente por uma resposta, Zacarias, representando Corior, descobriu

que não conseguiria apresentar qualquer evidência em contrário — ficou sem poder contestar. Isso o deixou abismado.

O debate imaginário continuou, desta vez Zacarias assumindo a posição de Alma, que, valendo-se dos ensinamentos de outros profetas, voltou-se para Corior e perguntou: “Tenho esperança na ressurreição e na vida eterna com minha família. Qual é a sua esperança?” (ver Morôni 7:41). O silêncio de Corior na resposta tornou-se para Zacarias o que ele chamou de “um dos momentos mais impactantes de [sua] vida”. “O Corior em mim ficou pasmo, deixando-me com a pergunta, ‘Qual a minha esperança?’.”

Zacarias nos contou sobre a maneira como a clareza desse processo e essa pergunta o ajudaram a diminuir a distância entre ele e Deus. Essa aproximação recém-descoberta gerou nele, no decorrer do tempo, o desejo de falar com seu Pai Celestial, até mesmo mais que com seus pais terrenos, a quem ele amava profundamente. “Converso com Deus o tempo todo agora, a despeito de onde eu esteja, e eu O sinto perto de mim.” Cultivar esse relacionamento permitiu a Zacarias não apenas ensinar com convicção em sua missão, mas a viver com convicção agora, após voltar para casa.

Enquanto Zacarias narrava sua luta consigo mesmo, era como se estivéssemos vendo-o transformar suas perguntas em degraus de uma escada — sua versão da escada de Jacó. Pela firmeza de sua voz e pelo seu semblante confiante e calmo, tornava-se evidente que ele não estava apenas subindo a escada, mas ele tinha consciência da razão — conhecer o único Deus vivo e verdadeiro e Seu Filho, Jesus Cristo. Eles que nos providenciam a escada para nos mostrar o caminho de volta para casa.

Cada um de nós tem acesso a essa escada, porém caberá a cada um de nós, pessoalmente, tomar a decisão de escalá-la. As dúvidas que encontraremos poderão se tornar degraus firmes, ou lacunas onde poderemos sucumbir; dependerá da maneira como tratarmos cada situação.

Zacarias lidou com suas dúvidas com honestidade, mas sem comprometer seus valores ou relaxar quanto a seus padrões de comportamento. Semelhantemente, ele não permitiu que suas perguntas o lançassem em uma situação de crise. Usou o que já sabia para ajudá-lo a alcançar o que ainda não sabia. Em suas palavras, ele “escolheu a convicção em vez da horrível incerteza”.

O missionário que ouviu o “segura, peão”, a missionária que escolheu amar a Deus apesar de suas perguntas, e Zacarias transformaram seus desafios em convicções mais profundas. Cada um deles usou suas complexidades para obter mais clareza sobre quem são, sobre quem Deus é e sobre seu relacionamento com ele.

Notas

82. Carta aos autores, 3 de outubro de 2017; grifo do autor

83. Conversas com os autores

CAPÍTULO 13

A vida e a minha vida

Uma ampla análise da história intelectual do mundo ocidental oferece uma perspectiva interessante de que a fé não é cega. Um dos cursos preferidos que ensinei na faculdade foi uma matéria na qual examinávamos nossa própria vida tendo como pano de fundo as principais ideias e correntes culturais da história europeia e da história americana. Aquela ilustração em grande escala tornou-se marcante no que diz respeito ao processo de crescimento espiritual que temos debatido até aqui — de uma simplicidade inicial a uma complexidade confusa, até uma simplicidade bem pensada.

Dois padrões sucessivos de simplicidade primitiva — a Igreja Medieval e as monarquias europeias — dominaram a civilização ocidental durante séculos de relativa estabilidade. Então veio o século 20, que gerou algumas complexidades devastadoras que ainda hoje amarram a maior parte do mundo moderno em uma teia de confusão intelectual, moral e espiritual. Que simplicidade iluminada poderia suceder essa complexidade?

Primeiro, visualize um esboço em um quadro negro mostrando um pequeno quadrado dentro de um quadrado maior. O quadrado maior é a “vida” e o menor é a “minha vida”. A ideia é que, durante séculos, grandes forças históricas definiram o quadrado externo, ditando o que significava “a vida” em geral. Esse significado abrangente da vida muitas vezes controlava o sentido do quadrado “minha vida” de cada pessoa.

Sabemos que isso se trata de uma abrangente generalização, mas estamos fazendo uma análise bem generalizada. Ao longo da Idade Média europeia, a igreja cristã, e posteriormente os monarcas de vários países, definiam o propósito da vida como eles bem entendiam. Eles exerciam uma influência tão dominante que, para a maioria das pessoas, a igreja e os reis podiam, inclusive, definir, dentro de uma estrutura mais ampla, a “vida micro” das pessoas, dependendo geralmente de sua classe ou de seu status. A maioria das pessoas aceitava esse posicionamento segundo uma conjuntura maior, frequentemente porque acreditavam que a explicação da igreja (ou, posteriormente, a explicação do rei) era a vontade de Deus.

Por exemplo, pense nas peças de um tabuleiro de xadrez, representando as principais figuras dentro e ao redor de uma antiga mansão feudal. O rei, a rainha, o bispo, o cavalo, a torre e os peões têm seu lugar e eles podem se mover apenas até certo ponto e em certas direções, com base em seus papéis prescritos. De modo geral, esta foi uma época em que prevalecia a “ordem”, com baixa “liberdade pessoal”.

O Iluminismo na Europa do século XVIII (a Idade da Razão) começou a mudar esse padrão em função do gradual domínio da ciência e da razão como fontes de explicação do significado da “vida”, o quadrado maior da caixa, colocando-se, inclusive acima da Igreja e dos monarcas. Trabalhavam explicações seculares, competindo com a religião e ganhando influência social e cultural. Com o tempo, a ciência e a razão substituíram ou, pelo menos, passaram a orientar as explicações religiosas relativas à “vida”, e as pessoas, no geral, ainda enxergavam a caixa maior como o grande referencial para sua própria vida. Essa época ainda se manteve altamente vinculada à ordem; no entanto, a liberdade pessoal foi ganhando espaço à medida que uma série de revoluções científicas e políticas, gradualmente, foi abalando a autoridade inflexível dos monarcas e das igrejas.

Veio, então, o século XX, quando a caixa maior da “vida” foi abalada e, para muitas pessoas, começou a ser desmoronada. Vários antecedentes importantes desse século apareceram no final do século XIX nos escritos de pessoas como Nietzsche, Darwin, Freud e Marx. Os eventos que se seguiram abalaram os alicerces das explicações tradicionais, entre eles, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, a Bomba Atômica e o Comunismo.

Esses eventos, em parte refletindo as propostas desses escritores europeus do final do século 19, resultaram em um colapso crescente na confiança da sociedade em um universo ordenado. Aparentemente, resultaram também em uma perda generalizada da confiança no significado da “vida” conforme era prescrito na caixa maior. Essa época se tornou uma era de relativismo, oferecendo um nível menor de ordem, e um nível maior de liberdade pessoal. De certa forma, essas mudanças acabaram oferecendo uma liberdade pessoal quase excessiva, deixando muitas pessoas em busca de orientação, porém sem conseguir encontrá-la.

Para ilustrar o que havia se passado, nossa classe debateu alguns exemplos simples que evidenciavam a quebra de explicações tradicionais ligadas à “vida”. Conforme íamos identificando tais instâncias, apagávamos uma pequena parte do quadrado maior até que, no decorrer do debate, a caixa maior desapareceu. Restou no quadro a caixa menor intitulada “minha vida”, faltando um quadro de referência abrangente, estável ou mesmo discernível em torno dela.

A peça musical *Um Violinista no Telhado*, por exemplo, desenrolava-se em uma aldeia judia russa em 1905, na época em que o reinado tradicional dos czares foi destruído pela Revolução Russa. No início da peça, Tevye, o leiteiro, canta com confiança sobre a “Tradição”. “Por causa de nossas tradições,” diz ele, “cada um de nós sabe quem é e o que Deus espera que se faça. (...) Sem nossas tradições, nossa vida seria tão instável quanto (...) um violinista no telhado!”

Alguns anos antes, a real fragilidade das colocações tradicionais de Tevye havia sido profetizada de forma um tanto melancólica pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que foi o primeiro a declarar que “Deus [estava] morto”. Ao proferir aquela frase sombria, Nietzsche “se referia não apenas à [morte do] Deus da fé judaico-cristã, mas a toda uma gama de absolutos filosóficos, de Platão até seus dias. Pelo fato de todos esses valores ocidentais estarem ligados a esses “valores” eternos, eles caíram por terra com a ‘morte de Deus’”. Nietzsche foi, portanto, “um dos primeiros pensadores a enfatizar o absurdo da existência humana: a incapacidade de nossa razão de compreender nosso entorno — embora todos tenhamos nascido para viver essa busca.”⁸⁴

Nas décadas seguintes, assolado por duas guerras mundiais e pelo colapso econômico da Grande Depressão, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl conseguiu escrever a respeito de seus anos de opressão em um campo de concentração nazista: “As tradições que sustentavam o comportamento [do homem] estão agora diminuindo rapidamente. Nenhum instinto lhe diz o que precisa fazer, e nenhuma tradição lhe diz o que deve fazer”. Muito em breve ele nem saberá “o que deseja fazer”. Além do mais, ele será governado pelo “que outras pessoas desejam que ele faça”.⁸⁵

O século XX marcou o início da era do relativismo — não apenas o relativismo moral, mas o relativismo científico, o relativismo filosófico e o relativismo artístico. Por exemplo, a teoria da relatividade de Einstein influenciou fortemente a ciência, que passou a desempenhar um papel importante na definição da caixa maior. Quão rápido uma mosca está se movendo enquanto voa dentro de um avião em alta velocidade? A velocidade da mosca é “relativa” ao seu quadro

de referência — ou seja, a velocidade do avião. Matéria e movimento podem ser medidos apenas com referência a determinados pontos ou sistemas no tempo e no espaço. E os quadros de referência não são fixos — eles são “relativos” às circunstâncias em mudança. Portanto, praticamente, tudo é relativo.

Em nossa aula, observamos também alguns exemplos visuais e de áudio que mostram como partes da arte, da música e da literatura do século 20 refletiram a quebra de estruturas tradicionais de ordem e significado. As artes refletem a sociedade e os tempos em que são criadas. E, nesse caso, algumas criações artísticas (obviamente não todas — mas o suficiente para deixar isso claro) refletiam vividamente um colapso da crença em leis e princípios naturais e nos objetivos.

Na história da arte, por exemplo, comparamos as paisagens naturais “realistas” e os retratos das pinturas do século XIX com as figuras, cores e formas frequentemente irrealistas da arte moderna de pintores como Picasso. Picasso não estava mais tentando captar a natureza ou a realidade objetiva em sua obra; em vez disso, ele queria penetrar na mente de algum observador individual, onde pudesse imaginar a percepção subjetiva ou interna da realidade daquela pessoa.

Da mesma maneira, olhando para a história da música, comparamos os sons ordenados e harmoniosos de Bach, Mozart e Beethoven com a música deliberadamente atonal (sons sem harmonia) de Stravinsky ou de Schoenberg. O trabalho desses artistas foi parte de “um esforço mais geral, manifesto em muitos campos, para reexaminar a estrutura do mundo moderno, mesmo correndo o risco de destruir todas as suposições de como o mundo deveria ser visto ou entendido”.⁸⁶

Na literatura, comparamos os romances realistas da Europa do século XX, como os de Dickens, Tolstói e Jane Austen, com a obra de escritores existencialistas do século XIX como Sartre, Camus e Kafka. Alguns dramas existencialistas, especialmente em meados dos anos 1900, foram chamados de “o teatro do absurdo”, retratando a capacidade limitada da razão humana para compreender, e especialmente explicar, as circunstâncias que nos cercam.

Por exemplo, na famosa peça de 1955 de Samuel Beckett, *Esperando Godot*, dois homens conduzem o que normalmente soaria como uma conversa sem sentido enquanto esperam que alguém chamado Godot chegue conforme prometido — mas Godot nunca vem. Porque Beckett acreditava que a vida tem apenas o significado que o próprio indivíduo lhe dá; para ele, esperar pelo que ou por quem nunca vem era uma representação razoável da mortalidade. Em 1990, uma pesquisa conduzida pelo British Royal National Theatre considerou *Godot* a peça de língua inglesa mais significativa do século XX.⁸⁷ Em parte pela maneira como Beckett captou e refletiu nossa era desmoralizada:

“*Godot* nos revela a pressão de nosso pesadelo histórico que está por trás disso tudo. Ele [apresenta] o homem, nu, indefeso, esperando (...) intensamente sozinho, dialogando e conversando para evitar sentir o (...) silêncio infernal — Como não pensar naquelas mortíferas prisões chamadas campos de concentração? As [800 pessoas] que consideraram *Godot* a peça mais significativa de nosso século [perceberam] que ela revela de maneira assustadora as sombras mais tenebrosas de nossa época avassaladora (...) de lamentável vulnerabilidade e inexplicável crueldade do homem”.⁸⁸

Tais abordagens literárias sugerem que aquela grande caixa objetiva chamada “vida” quase desapareceu, e que a caixa “minha vida” subjetiva é apenas o que pessoalmente fazemos dela,

o que pode se tornar uma ideia confusa e perturbadora de se contemplar. Mas isso não foge do sentido, especialmente quando interpretado por escritores do século XX como Viktor Frankl, que escreveu com otimismo deliberado que, ao sermos deixados completamente livres para definir o “porquê” de nossa própria vida, somos responsáveis por (e temos a oportunidade de) conceder às nossas vidas o significado que desejamos.

Em meados do século XX, o ímpeto das revoluções que derrubaram tantas manifestações da antiga ordem estabelecida (religiosa, moral, política e estética) empurrou o pêndulo histórico, a partir daquela dominante ordem, atravessando um razoável território de liberdade pessoal, e adentrando, finalmente, em um caos total. Essa transição foi parcialmente impulsionada por movimentos de massa que apaixonadamente estavam em busca de mais liberdade e significado pessoal, recuando-se a deixarem a caixa “minha vida” à mercê de papéis ou de propósitos que obedecessem a modos de “vida” sujeitos a modelos alheios. Mas o pêndulo desse ímpeto cultural talvez tenha ido longe demais, deixando muitas pessoas imobilizadas em meio a um senso de alienação face ao medo e ao niilismo — amarrados ao “ponto de vista de que valores e crenças tradicionais são infundados e que a vida não tem sentido e é inútil”.⁸⁹

Escritores construtivos modernos como Frankl tentaram mostrar que o vazio moderno de significado surge como uma oportunidade para cada indivíduo definir sua vida de maneira significativa. Porém, é muito difícil, talvez impossível, inferir o significado universal amplo a partir de escolhas puramente pessoais. A preferência individual de uma pessoa não a levará necessariamente aos absolutos universais existentes, ou aos que poderiam existir. Isso acontece, em partes, porque o que realmente pesa é a experiência de cada indivíduo. Por exemplo, se alguém está tendo um bom dia, isso significa que existe um Criador?

Portanto, em meio à atual confusão moderna, onde se acharia a simplicidade do outro lado da complexidade? A restauração do evangelho de Jesus Cristo destaca-se como a oportunidade de compreendermos o significado pleno da “vida” segundo a ótica do quadro maior novamente disponível na Terra. Nossa vida não precisa mais ser tão instável quanto à de um violinista no telhado. Caberia ainda ao indivíduo uma dose de responsabilidade para cumprir sua própria busca de significado segundo a estrutura “proporcionada” pelo evangelho? Ou, a exemplo dos peões feudais da Idade Média, iríamos simplesmente esperar Deus impor Suas verdades absolutas sobre nós sem a mínima busca ativa e participação e o mínimo esforço de nossa parte?

Ao contrário da igreja na Idade Média, o evangelho restaurado posiciona enorme valor aos conceitos de liberdade pessoal, arbítrio e crescimento. Essa foi a questão central da guerra travada na pré-mortalidade. As verdades universais do evangelho, portanto, ensinam-nos como nos engajar em uma busca pessoal por liberdade e significado. Essa busca realmente não pode ser cumprida sem nosso empenho atuante e sincero: participar, perseverar, pesquisar e superar todas as formas de oposição, incerteza e aflição.

A Restauração não foi uma simples “retomada” dos absolutos fixos impostos pelo cristianismo apóstata tradicional. Em vez disso, ela trouxe de volta a verdadeira combinação de ordem e de liberdade que o próprio Jesus Cristo havia ensinado. Por exemplo: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Este entendimento permite a interação necessária entre (1) o esforço para se compreender e aceitar os absolutos da “vida” dados pelo Senhor, e (2) nosso empenho em toda iniciativa e sentido de responsabilidade por “minha vida”, conforme trabalhado por Viktor Frankl.

Na realidade, o evangelho restaurado consiste em nos auxiliar a encontrar e a desenvolver o significado pessoal mais completo de nossa vida. É exatamente por esse motivo que buscamos a orientação e a estrutura dos princípios do evangelho universalmente verdadeiros. Joseph Smith expressou isso de maneira muito elevada: “O próprio Deus, ao descobrir que estava em meio a espíritos e à glória, por ser mais inteligente, julgou adequado instituir leis pelas quais os demais teriam o privilégio de avançar como Ele. O relacionamento que temos com Deus nos coloca em condições de avançar em conhecimento (...) para que sejamos exaltados com Ele”.⁹⁰

Segundo a perspectiva da Igreja, as revoluções contra a opressão religiosa e a política (a exemplo da Reforma Protestante e da Revolução Americana) foram etapas essenciais na preparação da Restauração — diante do fato de as ideias centrais da liberdade individual e do desenvolvimento individual serem absolutamente cruciais, lembrando que a igreja medieval deu pouca margem a essas ideias.⁹¹ Na realidade, a Igreja que o próprio Jesus havia estabelecido durante Seu ministério terreno não só as aceitou, mas as ensinou e as promoveu plenamente.

Com base no modelo do capítulo 2 voltado ao entendimento da incerteza, podemos associar o dogmatismo idealista do Estágio Um com a ordem inflexível e os absolutos da Idade Média. Em podemos perceber a complexidade do Estágio Dois nas proposições revolucionárias do século XX, que acabaram nos levando ao relativismo moral. Mas, ao invés de apenas voltar ao Estágio Um, precisamos agora do Estágio Três, com o crescimento pessoal combinando o real e o ideal, a liberdade e a ordem — operando a real convergência que a Restauração trouxe para um mundo livre, sem vínculos, mas caótico.

Seria desejo de Deus que viéssemos a aprender que nossas escolhas individuais são de grande significado em nossa vida pessoal? Ou, caso aceitemos Seus propósitos universais mais amplos, será que Ele admitiria que nunca levássemos em conta essas questões? Perceba a simplicidade da canção da Primária “Sou um Filho de Deus”, acompanhada das três primeiras regras de fé. Ao desenvolvermos nossa compreensão das complexidades caóticas de hoje, veremos que essas ideias poderão se tornar peças do esquema conceitual restaurado para entendimento da “vida” — o que viria a ser a simplicidade além da complexidade moderna.

Primeiramente, a canção da Primária nos diz quem somos — filhos literais de um Pai Celestial literal. Com base nessa premissa, a primeira regra de fé afirma: “Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo”. A segunda regra de fé declara nosso arbítrio pessoal e nossa responsabilidade no que tange a “minha vida”: “Cremos que os homens serão punidos por seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.” A terceira regra de fé sugere como cada indivíduo pode estar em harmonia com a existência por meio da conciliação entre a ordem universal e nosso arbítrio pessoal: “Cremos que, por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade pode ser salva, pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho”. Essa explicação simples, mas divinamente revelada sobre o significado da “vida” ajuda cada um de nós a compreender individualmente a origem e o significado de “minha vida”.

É possível afastar-se da Igreja hoje, não porque alguém tenha descoberto uma estrutura conceitual mais verdadeira e satisfatória da “vida”, ou porque tenha encontrado uma igreja ou uma religião melhor. Em vez disso, o que pode estar acontecendo é que a pessoa está apenas saindo “de” algo — talvez de algumas preocupações sobre a história da Igreja ou seus líderes — ao invés de estar indo “para” alguma outra coisa. Na verdade, instintivamente, talvez

continuem querendo aquela compreensão da Restauração mais básica sobre o universo, vinculada a um sentido mais amplo da vida.

Quando as pessoas abandonam a “grande caixa” da Restauração relacionada ao significado da vida, mas não têm ciência de um local melhor para onde ir, sua pequena caixa “minha vida” pode ficar sem quadro de referência, sem estrelas fixas, sem orientação nenhuma quanto ao que é universal. É difícil definir a estrutura universal de uma pessoa apenas em termos do que essa ordem deixa de ser. Talvez seja por isso mesmo que sua desilusão venha a resultar na solidão existencial que a leva ao agnosticismo ou ao ateísmo. Poderíamos levar em consideração a pergunta do Salvador a Seus discípulos depois que alguns de Seus seguidores O deixaram: “Quereis vós também retirar-vos?” E a resposta de Pedro foi: “Para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:67–68).

Ou talvez alguns daqueles que saem da Igreja ainda apreciem, e até mesmo pratiquem, alguns ensinamentos ou tradições da Igreja como “mórmons culturais”, porque essas tradições ainda lhes dão pontos de referência tranquilizadores. Alguns outros podem deixar a Igreja por causa de questões pessoais que serão resolvidas posteriormente. Nesse caso, eles mudam de ideia e voltam. Em alguns casos, depois de criarem seus filhos fora da Igreja, eles descobrem que, embora seus filhos concordem com seus questionamentos sobre a Igreja, não concordarão com as soluções que encontraram.

Quaisquer que sejam os problemas com a Igreja, a simplicidade do Estágio Três é um convite para ver essas decepções como parte ainda da complexidade do Estágio Dois, em vez de uma força tão gigantesca que substitua a grandeza cósmica da Restauração do Estágio Três. A simplicidade que vai além da complexidade tem em seu cerne “as palavras da vida eterna”. Alcançar essas palavras de vida vale o sacrifício de lutar para redescobri-las e abraçá-las novamente. Lembre-se: “Eu daria minha vida”, disse Holmes, “pela simplicidade do outro lado da complexidade”.

Notas

84. Thomas H. Greer, *A Brief History of the Western World*, 5th ed. (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987), p. 554.

85. Frankl, *O Homem em Busca de um Sentido*, p. 48.

86. Charles McCurdy, *Modern Art: A Pictorial Anthology* (New York: Macmillan, 1958), p. 28.

87. N. Berlin, “Traffic of our stage: Why Waiting for Godot?” em *The Massachusetts Review*, outono de 1999.

88. Berlin, “Traffic”.

89. Merriam-Webster online dictionary, “nihilism”.

90. Teachings: Joseph Smith, p. 210.

91. See Hal Boyd, “Mormonism’s Resolution to One of the Reformation’s Most Vexing Riddles”, *Deseret News*, 5 de novembro de 2017.

CAPÍTULO 14

O benefício da dúvida e ir além da complexidade

Quando enfrentamos questões sérias e desafiadoras, a história de Khumbulani Mdletshe, da África do Sul, serve-nos de exemplo de como é possível crescermos continuamente a partir de uma simplicidade inocente, depois passarmos por uma complexidade, até atingirmos a simplicidade refinada — e de que maneira nossa escolha de confiar no Senhor, por meio de atos de sacrifício, abre portas para nós. Isso tem muita semelhança com concedermos ao Senhor o benefício da dúvida.

Khumbulani nasceu em 1964, “em meio à tenebrosa onda do Apartheid que [então] reinava na África do Sul”.⁹² Aos 16 anos de idade, ele conheceu dois missionários, os primeiros brancos amigáveis que ele conheceu. Após aceitar a mensagem, ele se filiou à Igreja e, em 1985, foi chamado para servir missão em Londres. Certo dia, um ilustre desconhecido perguntou ao élder Mdletshe porque ele estava representando uma igreja racista que negava o sacerdócio aos negros. Foi a primeira vez que ele havia ouvido essa afirmação. Ele ouviu com incredulidade, mas seu companheiro explicou a ele que, segundo seu entendimento, a Igreja havia negado o sacerdócio aos negros africanos até 1978 pelo fato de eles serem marcados com a maldição de Caim — ligado à ideia de que “os negros eram da linhagem do bíblico Caim, que matou seu irmão Abel. Os que seguiam essa visão acreditavam que a ‘maldição’ de Deus sobre Caim havia sido a marca de uma pele escura”.⁹³

Chocado por essa complexidade, especialmente após os traumáticos anos vividos com a família durante o Apartheid, não haveria como ele, em sã consciência, continuar sua missão. Decidido a comunicar sua partida, ele se encontrou com seu presidente de missão, Ed Pinegar, que lhe confirmou que, o sacerdócio realmente havia sido negado aos homens negros africanos. Ele acrescentou que “ninguém nunca soube explicar a razão”. Mas o importante é que “agora todos os homens dignos podiam ser ordenados”. Khumbulani escreveu posteriormente: “Confiei em meu presidente de missão. Ele sempre havia me tratado como seu próprio filho. Acreditei nele. De alguma forma, o Espírito me disse para aceitar sua explicação e permanecer na minha missão”. Aquele momento foi tão “transformador” que “me sustentou por mais de três décadas”.

Isso não queria dizer que sua confusão desaparecera. Na verdade, a raiva e a mágoa voltavam toda vez que ele ouvia “explicações equivocadas” de membros da Igreja querendo esclarecer a restrição ao sacerdócio. A partir do momento em que sua simplicidade se chocou com essa complexidade, Khumbulani foi claro, honesto e realista; no entanto, ele também foi manso o suficiente para confiar no Senhor e na Igreja. Enquanto não podia imaginar uma razão por não lhe terem contado sobre a proibição, ele chegou a pensar que, talvez, os líderes da Igreja na África do Sul estivessem temporizando para não falar nada que pudesse dar a ideia errônea de que a Igreja em algum momento tivesse uma simpatia pelo Apartheid. Em última análise, ele se sentia sinceramente grato pelos primeiros missionários não terem mencionado o assunto, porque ele não estaria preparado para ouvi-los e terminaria rejeitando a mensagem.

Perto do final de sua missão, a atitude de Khumbulani foi recompensada por uma conversa inspirada com Wayne Shute, um professor da BYU que estava visitando Londres. Quando o presidente da missão comentou sobre os dons e potenciais do jovem missionário, o irmão Shute ajudou a providenciar para que Khumbulani se matriculasse na BYU–Havaí. O Senhor

estava abrindo mais uma porta. Ele obteve o diploma de bacharel na BYU–Havaí e posteriormente um mestrado na BYU–Provo. Nesses dois locais, ele continuou exposto à frustração de ouvir algumas pessoas dizerem nas aulas da Igreja que as escrituras ensinavam que os africanos carregavam uma maldição.

Mais adiante, ele teve de enfrentar outro momento de sacrifício. Ele havia desenvolvido alguns laços pessoais estreitos que o obrigaram a permanecer nos Estados Unidos. Mas ele sentiu, especialmente em sua bênção patriarcal, que sua família, o Senhor e a Igreja precisavam dele na África do Sul. Por isso, ele deixou seus amigos e o conforto de Utah para voltar para casa, mesmo diante de um futuro incerto. Ali, em seu primeiro domingo na igreja na África do Sul, ele conheceu a mulher com quem se casaria posteriormente. Sua confiança o levava a abrir mais uma porta.

Nos primeiros anos após voltar para casa, Khumbulani teve dificuldade para encontrar um emprego que correspondesse às qualificações adquiridas na BYU. Posteriormente, ele encontrou um excelente emprego como avaliador de programas de ONGs em Johannesburgo. Esta etapa o levou a novas oportunidades para ajudar a influenciar a educação africana durante um período significativo de reconstrução social pós-Apartheid. Mas, mesmo com tantas oportunidades e estabilidade em sua vida, com o passar do tempo, aquela resposta “não sabemos o porquê” de seu presidente de missão e de algumas outras autoridades da Igreja não havia sido suficiente para superar suas dúvidas sobre a proibição ao sacerdócio. Isso o deixou preocupado porque as origens dessa norma na história da Igreja nunca ficaram claras. E ele não pôde deixar de se perguntar o quanto os líderes da Igreja no século 19 foram influenciados por atitudes racistas remanescentes da escravidão na cultura americana — embora ele tivesse aprendido o suficiente sobre os Estados Unidos e sobre a história da Igreja para ver que a Igreja não havia apoiado a escravidão, o racismo e a desigualdade como entendido e praticado por muitos outros cristãos americanos.

Enquanto Khumbulani lutava para resolver essas questões, ele foi questionado sobre deixar seu emprego para trabalhar no Sistema Educacional da Igreja, na África do Sul. No início, ele resistiu a essa ideia, até que sua esposa sugeriu que eles buscassem sinceramente a direção do Senhor. Então, em espírito de oração, uma visita ao templo os lembrou de que seus “talentos e habilidades [lhes] foram dados para ajudar na edificação do reino de Deus”. Portanto, “sem hesitação, [aceitaram] a oferta de trabalhar na Igreja”, que com o passar do tempo “provou ser a melhor decisão que já [havam] tomado”. Mais uma vez, ele deu ao Senhor o benefício da dúvida, não apenas como uma coisa de sua cabeça, mas por escolher sacrificar sua promissora carreira secular e caminhar com confiança por outro futuro incerto. Somente mais tarde ele veio a perceber que uma porta ainda mais promissora havia sido aberta.

Com o passar do tempo, outros membros da Igreja levantaram repetidamente a Khumbulani muitas das dúvidas que ele mesmo ainda tinha sobre a proibição do sacerdócio e a razão pela qual uma revelação seria necessária para removê-la. Suas experiências nos mostraram que nossa escolha em deixar com o Senhor o benefício da dúvida, acompanhada de desejos justos, sempre nos auxiliará a encontrar, a compreender e a ensinar um padrão plausível que dará sustentação a uma instrução divina — cientes de que quase nunca poderemos “provar” conclusivamente que o padrão tem fonte divina. Isso foi exatamente o que seu presidente de missão fez por ele: “No momento em que eu estava precisando, [ele] poderia ter me dado alguma explicação sobre algo que, ao que tudo indica, não tinha respostas claras sobre o assunto”.

Falando sobre a revelação de 1978, por exemplo, Khumbulani disse a seus filhos e aos alunos do instituto da Igreja que “uma revelação se fazia necessária para iluminar os membros da Igreja (...) e ajudar aos líderes da Igreja que precisariam de uma ferramenta doutrinária para ensinar aqueles que viessem a questionar (...) a mudança na norma”. Além disso, “a revelação era necessária à medida que a Igreja amadurecia para que pudesse alcançar pessoas em todo o mundo”. Khumbulani, portanto, “aprendeu a seguir em frente, apesar de [suas] lutas com o histórico das restrições aos negros na Igreja”.

Mais uma vez, sua fé foi recompensada. Como recém-chamado setenta de área na África, ele assistiu a uma reunião com os setentas e os líderes gerais da Igreja, pouco antes de uma conferência geral em Utah. O presidente Thomas S. Monson estava conversando com um grupo de pessoas e, ao sair da sala, fez uma pausa, aproximou-se espontaneamente de três setentas de área africanos que estavam sentados juntos e sussurrou para eles: “Irmãos, gostaria de dizer-lhes que servi junto com o homem que concedeu o sacerdócio a todos os homens”. Algo naquele momento inspirado pelo profeta do Senhor comunicou, além das palavras, um espírito de paz que Khumbulani disse que fez com que ele e seus dois irmãos se tornassem “testemunhas ainda mais fortes do surgimento da Declaração Oficial 2”. “Qualquer preocupação ou dúvida que um de nós ainda pudesse ter com relação a raça ou ao sacerdócio não tinha mais importância. Estava tudo resolvido.”

A história pessoal de Khumbulani Mdletshe reflete o processo e os frutos do exercício de uma fé que não é cega — à medida que ele escolheu confiar no Senhor frente a complexidades reais, mostrando confiança por meio de atos efetivos de sacrifício, e vendo o Senhor abrir-lhe portas reais, as quais Ele nunca chega a abrir, mesmo que seja para nosso benefício, se não Lhe oferecermos nossa confiança. A atitude de Khumbulani é como a de Richard Bushman. Mesmo com as habilidades quase incomparáveis de Richard para pesquisa e análise de questões relacionadas à história da Igreja, ele teve de enfrentar sua cota de quebra-cabeças sem respostas. Quando isso acontece, disse ele: “Eu simplesmente me pergunto: ‘O que isso me ensinará sobre Deus?’”

A história de Khumbulani ilustra a recente descrição do escritor americano Peter Wehner sobre porque a fé pode ser melhor do que a dúvida, e melhor do que exigir provas antes de agir: “A fé é valorizada na tradição cristã [porque] envolve uma confiança que não seria necessária se a existência de Deus estivesse sujeita a uma prova matemática. O que Deus está buscando não é nosso consentimento intelectual, mas um relacionamento conosco. (...) A fé é uma bênção maior do que uma prova, porque nos oferece um relacionamento com Jesus. Todos os bons relacionamentos são unidos pelo amor. E o amor sempre é uma expressão de fé. (...) Somos transformados por aquilo que amamos mais do que pelo que pensamos”.⁹⁴

A confiança de Khumbulani em seu presidente de missão reforçou seus instintos fiéis o suficiente para dar à Igreja o benefício da dúvida, e ele se sacrificou ao permanecer firme. Quando a resposta “não sabemos o porquê” se tornou menos satisfatória e ele se sentiu tentado a ficar nos Estados Unidos, a proximidade de seu relacionamento com o Senhor passou a ser prioridade, e ele retornou para a África do Sul. Após se questionar sobre seu emprego, seus convênios do templo o levaram a caminhar novamente para onde a luz não podia chegar. Gradualmente, a tensão de suas complexidades diminuiu à medida que ele sentiu a confiança tranquila da simplicidade do “outro lado” sempre mais refinada. Alimentado por seu amor pelo Senhor e pelo amor do Senhor por ele, ele foi transformado, mais por seu amor do que por seu pensamento.

Notas

92. Khumbulani D. Mdletshe, "A Reflection from an African Convert on Official Declaration 2," *BYU Studies* 55: 4, 2016.

93. "As etnias e o sacerdócio", *Textos sobre os tópicos do evangelho*, Churchofjesuschrist.org.

94. Peter Wehner, "How Can I Possibly Believe That Faith Is Better Than Doubt?" opinião editorial do *New York Times*, 25 de dezembro de 2017.

CAPÍTULO 15

O espírito de equipe

Deus sempre interagiu com Seus filhos em meio às mais arrasadoras adversidades. Somente imersos nesses testes é que provamos nossa confiança Nele.

Quando o presidente Wilford Woodruff anunciou o Manifesto em 1890, ele disse: “O Senhor jamais permitirá que eu ou qualquer outro homem que presida esta Igreja vos desvie do caminho verdadeiro.” (Declaração Oficial 1). Nessa mesma linha, o presidente Russell M. Nelson chegou a nos pedir: “Admitam a possibilidade de seus líderes cometerem erros”, porque, como disse o presidente Dallin H. Oaks, “não cremos na infalibilidade de nossos líderes”.⁹⁵

A despeito de qual seja o significado de “desvie do caminho”, isso não quer dizer que o profeta do Senhor nos dirá sempre, nos mínimos detalhes, o que devemos fazer. Às vezes, ele nos pede que sigamos nossa própria consciência, em parte para nos ajudar a aprender como desenvolver nossa confiança em Deus. Por exemplo, tratando em 1890 se a Igreja deveria manter ou abandonar o casamento plural no momento em que o governo dos Estados Unidos estava prestes a confiscar os templos da Igreja, o presidente Woodruff disse que o Senhor havia pedido a ele “que fizesse uma pergunta aos santos dos últimos dias”, a saber, “qual o melhor caminho a ser seguido”, desistir dos templos ou do casamento plural? Ao ouvirem e encontrarem suas próprias respostas, ‘pelo Espírito e poder de Deus, todos [responderiam] da mesma forma e todos [creriam] da mesma forma’”. Então, sem nenhum decreto, ele concluiu: “Deixo-vos isto para que pondereis a respeito” (Declaração Oficial 1).

Com inspirada intuição, o presidente Woodruff invocou o poder sagrado que cada membro da Igreja tinha de se relacionar com Deus e, por si mesmos, encontrar a mesma resposta que o profeta já havia adquirido. Essa visão pode nos ensinar como, em sã consciência, podemos dar ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida ao enfrentarmos nossas complexidades.

Impulsionados pela experiência de Khumbulani Mdletshe, vamos aplicar essa ideia à questão da etnia e do sacerdócio. Seria fácil concluir, como alguns membros da Igreja o fazem hoje, que todas as Primeiras Presidências, de Brigham Young a Harold B. Lee, estavam simplesmente erradas ao manterem, por mais de um século, a restrição ao sacerdócio e ao templo — não que algumas de suas teorias para explicar a proibição estivessem equivocadas (como a Igreja chegou a reconhecer),⁹⁶ mas que a proibição em si estava errada.

Existe uma diferença entre a restrição e suas possíveis razões. Conforme disse o presidente Oaks, “já faz muito tempo que decidi sobre minha fé no mandamento, sem me preocupar com suas razões”.⁹⁷ Além disso, ele acrescentou: “Na maioria das vezes, o Senhor não explica o motivo pelo qual Ele dá mandamentos e orientações aos Seus servos”.⁹⁸

Essa é uma questão muito importante. Concluir que a restrição ao sacerdócio estava errada aumenta a probabilidade de evitarmos conceder ao Senhor e Seus profetas o benefício da dúvida sobre outros assuntos importantes.

Pesquisas recentes descobriram que “quase dois terços dos que se identificam como santos dos últimos dias dizem que sabiam ou acreditavam” que essa restrição foi a vontade de Deus

para a Igreja até 1978.⁹⁹ Ainda assim, ouvimos duas narrativas contraditórias hoje em dia entre os membros fiéis da Igreja.

Em primeiro lugar, alguns afirmam que as opiniões dos líderes da Igreja do século XIX sobre os negros simplesmente refletiam atitudes racistas da cultura americana recorrentes naquela época. Porém, dizem eles, o contexto histórico não deveria se sobrepor à verdade eterna. Com a visão retrospectiva dos dias mais igualitários de hoje, ficaria claro que a restrição ao sacerdócio e ao templo estaria simplesmente equivocada. Segundo eles, os líderes deveriam ter se colocado mais em sintonia com Deus e ter sido mais corajosos. E tem mais, alguns homens negros já haviam recebido o sacerdócio durante a época de Joseph Smith.

Em segundo lugar, outros diriam que a restrição em si não foi um erro. Não deveríamos interpretar a história racial do século XIX usando as lentes dos pressupostos do século XXI sobre o que nossos líderes da Igreja poderiam e deveriam ter entendido e feito há muito tempo em nome da justiça e da igualdade. Eles afirmam que o Senhor tinha seus próprios motivos para aquela proibição. Nos tempos mais antigos, por séculos, o evangelho havia sido retido até a revelação dada a Pedro sobre Cornélio. A revelação de 1978 foi, então, parte de Seu plano na longa sequência histórica de levar a mensagem do evangelho a “todos os povos”. Só Ele poderia julgar quando aquelas pessoas, a Igreja e a sociedade estariam prontas para esse passo culminante.

Em busca de reconciliação entre esses pontos de vista, certa vez fizemos um esforço para rever evidências históricas plausíveis que apoiariam cada um desses pontos de vista. Uma evidência tem sua importância, pois embora a racionalidade do argumento e da evidência não gerem por si só a crença, tal evidência “sustenta um clima onde a crença poderia florescer”.¹⁰⁰ A evidência histórica por si só nem sempre é capaz de provar ou de refutar totalmente as afirmações bíblicas e proféticas, mas serve de apoio àqueles que desejam conceder o benefício da dúvida aos profetas do Senhor, ao saberem que existe pelo menos uma base racional que fundamenta sua escolha. Chamemos isso de “fé informada”.

Decidimos, então, fazer uma pausa, percebendo que onde havíamos colocado o benefício da dúvida na resolução de complexidades dessa natureza, no final, seria mais provável se deparar com questões mais complexas do que simplesmente chegar a uma evidência razoável. Quando se trata de assuntos delicados e complexos, é muito fácil se perder em detalhes e diferenças de opinião no que tange a “evidências” que tirariam a atenção do ponto culminante e pessoal do processo de se decidir como, onde e a quem devemos dar o benefício da dúvida quando se tratar de casos encerrados.

Como disse um amigo, “nem todas as incertezas precisam ser resolvidas intelectualmente. A fé cega é simples, fácil e, em última análise, arriscada, mas o benefício da dúvida é algo conquistado por reflexão e experiência, dado aos outros de maneira amorosa e caridosa, não porque você precisa”, ou por causa de evidências plausíveis, “mas porque você ama e confia” nas autoridades — exatamente como faz Deus ao estender “o braço da misericórdia aos que nele confiam” (Mosias 29:20), “concedendo a cada um de nós uma chance vinculada a possíveis dúvidas, seguramente bem fundadas”, no que tange a nosso mérito final.

Semelhantemente, no que se refere a lidar com questões não resolvidas após ter reunido todas as evidências disponíveis, lembre-se da promessa de Morôni sobre como descobrir se o Livro de Mórmon é verdadeiro. Antes de aplicar o teste conhecido em Morôni 10:4–5, ou antes de decidir onde colocar o benefício da dúvida, o primeiro passo que Morôni cita é: “Eis que desejo exortar-vos, quando lerdes estas coisas (...) a vos lembrardes de quão misericordioso

tem sido o Senhor para com os filhos dos homens, desde (...) Adão até [agora] (...) e a meditardeis sobre isto em vosso coração” (Morôni 10:3).

Por que razão devemos iniciar nossa busca com tal lembrança e reflexão? Porque a gratidão volta nosso coração a Deus, e porque Ele “tem um histórico infinito de apontar com amor a direção certa”. Portanto, nossa atitude fundamental nos convida para além da cultura vigente e das evidências históricas, até a “perspectiva de um Deus amoroso que sempre operou pacientemente por meio de pessoas imperfeitas com a finalidade de cumprir uma missão perfeita”.¹⁰²

Essa atitude de confiar em Deus não precisa ser algo complicado. Um amigo passou por isso da seguinte maneira. Quando criança, ele ficava perplexo ao se perguntar o que poderia significar “vida eterna”. “A perspectiva de viver para sempre parecia incrivelmente entediante para mim. Eu mal conseguia sentar-se durante três horas nas reuniões na igreja. [Então] levei minha preocupação a Deus com a sinceridade de uma criança, e recebi uma resposta de impacto: ‘Confia em mim. Será bom’”. A partir daí, ele passou a desejar a vida eterna, não porque a entendesse, mas porque “Deus falou [com ele] e [ele confiou] Nele”.¹⁰³

A presença de uma explicação plausível diante de qualquer questão complexa com a qual estejamos lutando pode ser consoladora, chegando, inclusive, a alimentar nossa fé. No entanto, nossas escolhas de crer não podem — e, portanto, não devem — sempre contar com um suporte racional pleno. Optar por acalmar o caos de nossas incertezas, estendendo ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida, preserva nossa capacidade de fazer os sacrifícios, grandes e pequenos, que nossa consagração exige — desde aceitar um chamado para a missão e pagar o dízimo até aceitar outros chamados na Igreja, jejuar e usar o garment do templo com respeito.

Aprendemos aqui o que presidente Spencer W. Kimball disse sobre Pedro negar a Cristo três vezes.¹⁰⁴ Talvez a interpretação comum esteja correta — Pedro negou conhecer a Cristo porque era humano, fraco e temeroso. Por outro lado, o presidente Kimball explicou que é possível que a declaração do Salvador não tenha sido uma predição, mas um pedido para Pedro negar conhecê-Lo a fim de assegurar a liderança futura que Pedro exerceria na Igreja. Qual interpretação está correta? A exemplo de Wilford Woodruff, Spencer Kimball deixou isso para nós decidirmos.

O mesmo ocorre com a restrição ao sacerdócio — ou com qualquer posição oficial da Igreja. Talvez nossas autoridades tenham cometido um erro. Talvez não. Foi um erro Pedro ter retido o evangelho do mundo gentio até a revelação descrita em Atos 10? O Senhor deu a Pedro os motivos dessa revelação? O Senhor daria instruções a Seu profeta sem estarem acompanhadas das razões para a instrução? É possível, em parte porque ainda não podemos entender Seus motivos. Pense no Senhor pedindo a Mórmon para incluir as placas menores de Néfi, ou pedindo a Adão e a Eva que oferecessem sacrifícios, ou a anunciação a Maria. Em cada situação, de início, Ele jamais apresentou razões para aquilo que estava pedindo que fizessem.

Não conseguiremos apresentar “provas” suficientes para assegurar as respostas a todas essas perguntas. Portanto, o Senhor espera que escolhamos onde depositar nossa confiança, por meio de um processo pessoal rigoroso, investigativo e que nos vincule a Ele. Espera-se que levemos em conta tudo aquilo que nossa experiência nos ensinará sobre a confiança Nele.

Os capítulos anteriores exploraram porque o Senhor, com tanta frequência, coloca-nos em tais situações, onde não somos forçados a acreditar, por causa de circunstâncias, mesmo quando

Ele nos exorta a “sermos crentes”. Pois “a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que [escolheram crer] no seu nome” (João 1:12; grifo do autor). Por quê? Porque algo acontece com as pessoas que optam por recebê-lo. Eles aprendem. Seguir Sua vontade os transforma. Nossas escolhas sem coerção fazem valer o processo de nos tornarmos como Ele é.

O Senhor enxerga um quadro infinitamente maior do que o nosso. Se quisermos a bênção dessa perspectiva infinita, devemos conceder a Ele e a Seu profeta o benefício da dúvida — o qual, em última análise, é resumido em uma questão de confiança. Somente após demonstrarmos essa confiança, Ele será capaz de nos ajudar a aprender o que Ele deseja que aprendamos. Valorizamos aquilo que descobrimos muito mais do que aquilo que nos dizem.

Dar excessiva importância às “evidências” poderá fazer com que embasemos nossa confiança inteiramente na razão ou nas expectativas de certas bênçãos. Porém, isso não é uma confiança, mas uma barganha. A menos que demonstremos a Ele nossa “confiança não contingente” (confiança que não depende de um resultado específico), Ele não poderá nos levar para onde sabemos que precisamos ir — um destino muitas vezes ainda desconhecido para nós.

Por outro lado, como funciona a “confiança contingente”? Mencionamos o ex-missionário que disse ter deixado a Igreja porque “a Igreja simplesmente não havia atendido a [suas] expectativas”. Suas expectativas — sua visão pessoal do que era melhor para ele — davam o roteiro do que ele permitiria que o Senhor lhe pedisse ou fizesse por ele. Era uma confiança contingente.

Então, como funciona a confiança não contingente? Reflita sobre alguns exemplos. Nathan Leonhardt, um aluno da BYU, contou-nos como ele passou pelos três estágios de lidar com a incerteza. Ele disse que aprendeu sobre “o paradoxo de que a Expição de Cristo tem o poder de preencher a lacuna entre o que é real e o que é ideal, sendo que isso nem sempre acontece”. Ele conheceu sua cota de expectativas frustradas, vendo o que acontece ao se “colocar total fé em um desejo justo, implorar por ajuda e, ainda assim, não ver a lacuna ser preenchida”. Ele não teria “força para reconciliar esse paradoxo com [sua] visão de mundo ‘olhos fechados e coração aberto’”. “Para reconciliar esse paradoxo, encontro segurança nos exemplos de discípulos devotos que me ensinam a fé em Cristo não-contingente sobre resultados.”

Nathan continuou: “Para cada Sadraque, Mesaque e Abednego que são salvos das chamas (Daniel 3), um Abinádi poderá ser queimado (Mosias 17). Para cada Alma, o Filho, rebelde que é trazido à luz por um pai suplicante e fiel (Mosias 27), um Lamã e Lemuel continuará a se desviar (1 Néfi). Para cada 2 mil jovens guerreiros que saem da batalha com nada mais do que feridas (Alma 56:56), 1.005 serão deixados para serem mortos pela espada (Alma 24:22). Para cada Amon que leva milhares de almas ao arrependimento (Alma 26:22), um Mórmon e um Morôni trabalharão todos os dias de sua vida sem ver os frutos de seu trabalho (Morôni 9:6). Para todo cego que chega a ver, todo surdo que chega a ouvir e todo coxo que chega a andar (Mateus 11:5), a experiência de sofrimentos insondáveis os aguardará no Getsêmani (Mateus 26). Contudo, “para cada Abinádi que é queimado, às vezes um Alma leva a doutrina a sério e começa uma vida inteira de serviço a Deus (Mosias 17). Para cada 1.005 deixados para serem mortos, às vezes vemos que “o Senhor trabalha de vários modos para salvar seu povo.”, pois mais almas são levadas ao arrependimento do que o número dos que perecem (Alma 24:27). Para cada ‘seja (...) como tu queres.’ em submissão à agonia do Getsêmani (Mateus 26:39), há

uma sublime oração a ser registrada, crianças sendo abençoadas individualmente, anjos descendo de céus abertos e lágrimas correndo pelo rosto Daquele que pode finalmente declarar a plena alegria (ver 3 Néfi 17)".105

Quando nossa fé for baseada na confiança e não em bênçãos esperadas, suportaremos qualquer provação.106 Não sabemos se, quando, ou como Ele nos livrará em um curto prazo; entretanto, quando humildemente Lhe rendermos nossa confiança a despeito de nossas circunstâncias, em longo prazo Ele sempre nos resgatará.

Jó é a personificação de confiar a despeito das circunstâncias. Satanás zombou de Deus dizendo que a confiança de Jó era ocasional: "A obra de suas mãos abençoaste, e o seu gado está aumentado na terra. Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não te amaldiçoa na tua face!" (Jó 1:10–11). Em outras palavras, Jó parecia fiel, mas vivia dessa maneira simplesmente porque prosperava. Deus, então, deu o aval para que Satanás fizesse o que quisesse com Jó. Uma série de traumas horríveis atingiu Jó, sua família, seus servos e sua propriedade. No entanto, Jó caiu por terra e adorou, dizendo: "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor." (Jó 1:21). Satanás havia interpretado Jó erroneamente. Mas o Senhor conhecia seu coração e a confiança que ele tinha a despeito das circunstâncias.

Em nossos dias, observe onde a confiança que não depende das circunstâncias demonstrada por Richard Bushman o levou — e onde a nossa poderá nos levar: "Estou ciente dos argumentos contra a historicidade [do Livro de Mórmon], mas não posso deixar de sentir que aquelas palavras são verdadeiras e que aqueles eventos aconteceram. Acredito nisso frente a muitas perguntas. (...) Por mais que pareçam sem respostas, não devemos lamentar os questionamentos que elas trazem. A pressão para acreditar em tempos de descrença não é uma desvantagem ou um fardo. É um estímulo, um empurrão. (...) E (...) isso nos aproxima".107

Levando em consideração que realmente estamos juntos nisso, o que vai ocorrer quando deixarmos o particular se tornar o geral e imaginarmos toda uma multidão de pessoas cuja fé depende das circunstâncias — ou seja, baseada na confiança e não em bênçãos barganhadas? Esta imagem nos remeteria ao que Wilford Woodruff quis dizer naquele momento, quando em vez de dar aos santos "a resposta" sobre o que é certo ou errado referente ao Manifesto, ele gentilmente pediu-lhes que encontrassem sua própria resposta "pelo Espírito e poder de Deus". E se assim fizessem, disse ele, "todos [responderiam] da mesma forma e (...) [acreditariam] da mesma forma". Como ele podia estar tão seguro disso?

Porque esse é "o espírito de equipe".

Em uma seção inesquecível da obra Guerra e Paz, Leo Tolstói narra os avanços avassaladores de Napoleão na imensidão do território russo. Ocorreu, então, uma impetuosa luta perto de Moscou, a Batalha de Borodino, quando o exército russo resiste ao exército francês, ao que tudo indica, em um embate de igual para igual. O que se passa a seguir é o ponto de inflexão da grande batalha de 1812, revertendo o ímpeto em favor dos russos.

No momento em que o comandante russo, Kutuzov, está para decidir se deveria partir para um novo ataque logo após Borodino, Tolstói escreve que ao ouvir os relatórios de quem vinha do campo de batalha, o velho general pareceu "não estar mais interessado nas palavras ditas, mas sim em outra coisa — ou seja, no semblante e no tom de voz daqueles que estavam fazendo os relatos". Com base em sua longa experiência, Kutuzov tinha conhecimento de que

batalhas não são decididas tanto por detalhes logísticos referentes a posições e a canhões, “mas por aquela força intangível chamada de “espírito de equipe”.

Ambos os exércitos haviam perdido milhares de homens em Borodino. Os conselheiros de Kutuzov o pressionaram a recuar, como sempre haviam feito contra Napoleão. Mas Kutuzov percebeu que seus homens sabiam que estavam de costas para o simbólico muro de Moscou, mas ele os percebeu se recompondo de uma maneira íntima profunda. Por isso, surpreendendo seus estrategistas, ordenou ataque no dia seguinte: “[Os franceses] foram repelidos de um extremo ao outro, pelo que dou graças a Deus e ao nosso valente exército! (...) Amanhã nós os expulsaremos do solo sagrado da Rússia”. E Kutuzov chorou.

Tolstoi então escreveu: “Por meio desse misterioso vínculo indefinível (...) conhecido como ‘o espírito de equipe’” a ordem de batalha de Kutuzov foi disseminada “de um extremo ao outro do exército”. E mesmo que os detalhes fossem um tanto confusos, “o sentido de suas palavras espalhou-se por toda parte”, porque sua mensagem “não fora o resultado de cálculos astutos, mas de um sentimento que vibrava em [sua] alma, assim como [na alma] de qualquer outro russo”. Seus soldados exaustos “se sentiram reconfortados e inspirados”.¹⁰⁸

A teoria de Tolstoi, nessa história, é que “devemos deixar de lado reis, ministros e generais e estudarmos (...) os pequenos elementos que movem as massas”.¹⁰⁹ Ele acreditou que não era questão de uma estratégia superior ou de uma liderança carismática, mas da onipresente “simplicidade, bondade e verdade” do povo russo e de seu exército — mesmo em meio a fraquezas — que viria a “derrotar um poder que não respeitara a simplicidade, mas que agira usando o mal e a falsidade”.¹¹⁰

Há não muito tempo, um ponderado professor de direito da família, vindo do Japão, não-membro da Igreja, visitou o campus da BYU por uma semana, ficando hospedado em um dos alojamentos dos estudantes. Diariamente, ele ia ao refeitório, observando e conversando com alunos e professores da BYU. No dia de seu retorno ao Japão, ele me disse: “Nunca vi um lugar como esse. Esse campus é uma ilha de esperança na terra do Apocalipse. Preciso conhecer o mistério por trás de todos esses olhos brilhantes”. Respondi que o mistério por trás dos olhos brilhantes dos alunos é “o espírito de equipe” dos santos, um espírito de “simplicidade, bondade e verdade” que anima a comunidade da BYU assim como cada ala e ramo da Igreja.

Aqueles que criticam os santos dos últimos dias por seguirem cegamente seus líderes não entendem realmente a origem e o significado desse espírito. Parecem incapazes de compreender que aqueles olhos brilhantes não são “o resultado de cálculos astutos”, mas o fruto de convicções profundamente pessoais desenvolvidas em meio a milhares de histórias e lutas particulares.

O presidente Wilford Woodruff e o presidente Russell M. Nelson conhecem bem muitas dessas lutas e histórias pessoais. Eles as presenciaram em sua própria vida e na nossa. O presidente Gordon B. Hinckley talvez tivesse em mente tais histórias quando certa pessoa lhe perguntou o seguinte: “Se não usam a cruz, qual é o símbolo de sua religião?” Ele respondeu que era a vida de nosso povo. “A vida [dos membros de nossa Igreja] deve se transformar na expressão mais significativa de nossa fé e, portanto, na verdade, deve ser o símbolo de nossa adoração. (...) É bem simples, irmãos e irmãs, e bem profundo; e não devemos esquecer disso nunca.”¹¹¹

No nosso caso, portanto, o que é o espírito de equipe? Em conjunto com as grandes testemunhas escriturísticas e proféticas de Cristo, o presidente Hinckley acrescentou “o [testemunho] de milhares de pessoas que, pelo poder do Espírito Santo, (...) prestam

testemunho solene de que Ele é uma realidade viva”.¹¹² Oramos frequentemente pelo profeta e pelas demais autoridades. Pense no que representa o fato de eles também orarem frequentemente por nós. Somos todos parte da mesma equipe, cada um com um testemunho individualmente trabalhado e revelado pelos céus à nossa alma.

Hoje, desafiados por uma sociedade degradada e secular, cujo ácido corrói nossas raízes de fé, assim como a de nossos filhos, às vezes simplesmente esperamos que nosso profeta e líder traga uma solução para tudo; ou será que também olhamos para o interior de nossa alma? No atual momento, quando dermos ao Senhor e à Sua Igreja o benefício da dúvida, o que será e quem será “Sua Igreja”? Estaremos, portanto, depositando nossa confiança não apenas no Senhor e em Seu profeta. Estenderemos essa confiança, igualmente, ao evangelho e a seu poder — ou seja, às certezas pessoais combinadas de todos os santos dos últimos dias de que o Senhor cumpre Suas promessas. Na combinação de todos os paradoxos e inseguranças, refletirão todas aquelas certezas encontradas nos olhos brilhantes de milhões de descobertas pessoais.

E, conforme revelou uma jovem mãe, o maior motivo para dar à Igreja o benefício da dúvida é que ela tem o poder do sacerdócio do Senhor. Portanto, à medida que lhe estendemos nossa confiança, esse poder permanece conosco: “Portanto, persevera em teu caminho e o sacerdócio permanecerá contigo” (D&C 122:9).

Muitos na comunidade dos santos de hoje sentem grande empatia e afeto por seus familiares e amigos que se acham enfraquecidos em sua religiosidade. Os militantes nessa comunidade não são apenas ativos na Igreja, mas são, também, discípulos consagrados de Cristo. Estão batalhando contra suas próprias incertezas, para resolver suas dúvidas em favor do Senhor e de Sua Igreja. Muitos deles vivem na simplicidade que vai além da complexidade e se esforçam para “[erguer] as mãos que pendem e [fortalecer] os joelhos enfraquecidos” (D&C 81:5).

Isso nos fará mais fortes se pudermos confiar no testemunho pessoal arduamente alcançado pelos milhares e milhares que leram, pensaram e oraram sobre o Livro de Mórmon, ano após ano; que serviram uma missão de fé e sacrifício em todo o mundo; que sentiram intimamente a influência do Senhor e Sua aproximação com eles; que viram as promessas da redenção de Cristo produzirem doces frutos em sua vida e na vida das pessoas mais próximas; que muitas vezes contaram a história de Joseph Smith a seus filhos, amigos e desconhecidos — e sentiram o espírito de sua verdade pura e singela. Estamos “rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas” (Hebreus 12:1).

Quem são as pessoas nessa equipe? Estão entre os que têm uma confiança que não depende das circunstâncias, que cresceram além da complexidade para a confiança serena da simplicidade iluminada; que confiaram na liderança profética não como resultado de cálculos astutos, mas porque descobriram as mesmas convicções e sentimentos em sua própria alma. Eles encontraram suas próprias respostas, mesmo que não tenham sido as respostas que inicialmente procuravam. Eles sabem o suficiente para não abandonar sua confiança. Não são do tipo dos que recuam (ver Hebreus 10:35–39).

Quem são as pessoas nessa equipe? “Eis que os justos, os santos do Santo de Israel, os que (...) tiverem suportado as cruces do mundo e desprezado a sua vergonha, herdarão o reino de Deus, (...) e sua alegria será completa para sempre” (2 Néfi 9:18).

“Estes são os que vieram de grande tribulação [e complexidade], e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:14).

“Ao que vencer Ihe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci” (Apocalipse 3:21; grifo do autor).

A verdadeira fé não é cega, nem surda, nem muda. Em vez disso, a verdadeira fé vê e vence seu adversário.

NOTAS

95. “New Mormon leader Russell Nelson pledges to serve God”, Salt Lake Tribune, 16 de janeiro de 2018.
96. “As etnias e o sacerdócio”, Textos sobre os tópicos do evangelho, churchofjesuschrist.org.
97. Dallin H. Oaks, *Life’s Lessons Learned* (Salt Lake City: Deseret Book, 2011), p. 69.
98. Dallin H. Oaks, comentários na Celebração “Ser Um”, 1º de junho de 2018 (redação da Igreja).
99. Jana Reiss, “”, Salt Lake Tribune, 12 de junho de 2018.
100. Austen Farrer, citado em Neal A. Maxwell, “Discipleship and Scholarship”, *BYU Studies*, Summer 1992, pp. 5 – 9.
101. E-mail de Eric d'Evegnée para Bruce Hafen, 14 de fevereiro de 2018.
102. Email de Kevin Knight para Bruce Hafen, 14 de fevereiro de 2018.
103. Email de Kevin Knight para Bruce Hafen, 23 de fevereiro de 2018.
104. Ver Spencer W. Kimball, “Peter, My Brother”, *Devocional da BYU*, 13 de julho de 1971.
105. Email de Nathan Leonhardt para Bruce Hafen, 12 de fevereiro de 2018.
106. Ver Hafen e Hafen, *Contrite Spirit*, p. 124.
107. Fluhman, Flake e Woodworth, eds., *To Be Learned Is Good*, pp. 295–306.
108. Leo Tolstói, *Guerra e Paz*, Norton Critical Edition, Maude Trans. (Nova York: W. W. Norton & Co., 1966), pp. 898–902; grifo do autor, tradução livre.
109. Tolstói, *Guerra e Paz*, p. 920, tradução livre.
110. Tolstói, *Guerra e Paz*, 1382, comentário de Nikolai Strakhov, tradução livre.
111. Gordon B. Hinckley, “O símbolo de nossa fé”, *A Liahona*, maio de 2005.
112. Hinckley, “O símbolo de nossa fé”.

EPÍLOGO

Descer para subir

Quando nossa vida se torna enraizada no relacionamento que temos com o Divino, o caos e a confusão que se fundem na complexidade dão lugar a uma serenidade trazida em nosso favor pelo próprio Criador. A promessa de uma paz como essa concede a cada um de nós a esperança de continuar subindo nossa própria escada de Jacó. Essa escalada é composta das escolhas que temos que fazer no dia a dia, com todos os sacrifícios necessários para nossa santificação.

Gradualmente, entramos na calma do espírito que é a simplicidade amadurecida, e aí descobrimos uma nova travessia à frente, armada com suas próprias complexidades. O Estágio Três não é o nosso destino final. A simplicidade que se acha mais adiante da complexidade citada por Holmes é uma simplicidade que fica do lado de lá de mais outra travessia santificadora.

Se nos encontrarmos na direção correta que desejamos seguir, deveremos, então, estar dispostos a enfrentar as pressões relacionadas à travessia seguinte. Será que conseguiremos nos manter cordiais, mansos e misericordiosos, mesmo diante das provas decorrentes de provocações alheias e de nossas dúvidas devastadoras? Será que teremos força para seguir a Cristo desde o Getsêmani até o Calvário, sem ficarmos amargurados ao longo do caminho pelo amargor do cálice que nos caberá beber? Como disse o Élder Neal A. Maxwell, “se levamos a sério nosso discipulado, Jesus acabará exigindo de cada um de nós exatamente as coisas mais difíceis para fazermos”.¹¹³

A experimentada simplicidade do Terceiro Estágio nos levará de volta ao templo, dispostos a nos submetemos ainda mais profundamente ao código de conduta que nosso Mestre forjou para nós por meio de Suas palavras e ações. Nossa adoração no templo antes de entrarmos no Estágio Três se resumiria, podemos dizer, em uma simples lista de verificação e em um “quem sabe” antes de entrarmos de vez na fogueira. A obediência cega é um começo — foi assim para Adão e Eva. Mas nossa atual e informada fé nos prepara — e exige de nós — para decidirmos se continuaremos até a travessia seguinte, com nossos olhos e coração bem abertos para a compressão.

Esse domínio se encontra completamente fora da zona de conforto de nosso homem natural. Mas nossa confiança nas promessas do Consolador — Seu descanso, Sua alegria indescritível — torna essa travessia viável. Quando chegarmos do outro lado da travessia, pensando na aventura de termos participado dela, olharemos para trás e concordaremos que o preço da passagem valeu o sacrifício.

Já cedo em sua vida, nosso amigo ex-missionário Zachary iniciou sua escalada voltada à travessia santificadora — aquela em que nossa descida às profundezas de nossa própria alma representa também nossa ascensão à santidade do céu. No final de sua vida, o presidente James E. Faust deu-nos um vislumbre de sua experiência nessa escalada sagrada:

“No Getsêmani da vida, comum a todos nós, e muitas vezes em meu chamado atual, ajoelhei-me com um espírito humilde voltando-me para o único lugar onde eu poderia pedir ajuda. Muitas vezes fiquei em agonia de espírito, implorando fervorosamente a Deus que me apoiasse na obra que passei a apreciar mais do que minha própria vida. Em algumas ocasiões,

senti a terrível solidão das feridas do coração, da afável agonia, das bofetadas de Satanás e do afetuoso e envolvente consolo do Espírito do Mestre.

Também senti o fardo esmagador, as dúvidas que advêm da inadequação e da indignidade, a sensação passageira de ter sido abandonado e depois revigorado cem vezes mais. Escalei meu Monte Sinai espiritual dezenas de vezes, procurando me comunicar e receber instruções. É como se eu tivesse lutado para escalar um Monte da Transfiguração quase real, sentindo ocasionalmente grande poder e força com a presença do Divino. Um sentimento especial e sagrado vem nos amparar, e se expressa efetivamente como uma íntima companhia”.¹¹⁴

Quando estou no auge da batalha ao escalar meus próprios Sinais, quando o ar se torna rarefeito e frio e minha energia fica comprometida, nesse momento, então, descubro Sua força — não todas as vezes, mas o suficiente.

No dia em que nossa família ficou em torno do pequeno caixão de nosso netinho, embaixo de uma velha e frondosa árvore no cemitério, senti intensamente Seu consolo, de que minha crença na Ressurreição se tornara um conhecimento espiritual real de que um dia iríamos nos reunir novamente com Devin.

Certo dia, quando ainda era um calouro na faculdade, ajoelhei-me, penitentemente, ao lado de minha cama após algumas frivolidades, implorando para que meu vaso interior ficasse limpo e puro, e senti Seu perdão me iluminar e me tranquilizar.

Ao escrever no quadro-negro, ensinando as irmãs da Sociedade de Socorro de minha ala de estudantes, senti, naquele instante, a confirmação do Senhor de que as palavras que saíam de minha boca não eram minhas, mas Dele.

Quando nossa neta mais velha se ajoelhou no altar do templo com seu companheiro escolhido, pude ter vislumbres de Suas promessas de alegria eterna — de que se aquele jovem casal com os olhos brilhando se esforçasse, perdoasse, tivesse alegria e fundamentasse seu relacionamento Nele, aquele selamento perduraria para sempre.

Em momentos como esses, quando meu coração apertado se rompeu em ternuras por Ele, houve ocasiões em que Ele me permitiu que eu sentisse Suas lágrimas caindo junto com as minhas. Minha fé então desabrocha e me dá a segurança de que com Ele — por causa Dele — nossos terrenos áridos serão transformados em jardins regados.

Notas

113. Neal A. Maxwell, *A Time to Choose* (Salt Lake City: Deseret Book, 1972), p. 46.

114. “Special Witnesses of Christ: President Faust”
<https://www.youtube.com/watch?v=VgxandXWbUK>.

